

REVISTA DA SEMANA

N.º 30



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

26-7-47





J. ARTHUR RANK apresenta

"Desencanto"

*"Brief
Encounter"*

de NOEL COWARD

Estrelado por

Celia JOHNSON • Trevor HOWARD

com

STANLEY HOLLOWAY • JOYCE CAREY

ESTA MULHER PODIA SER VOCE!
ESPÔSA LEAL...
MÃE DEDICADA...
ATÉ QUE UM BREVE ENCONTRO...
FEZ DE SUA VIDA UM..
"DESENCANTO."



Uma produção
CINEGUILD

Distribuída pela





Muito se tem falado em coalizão, ou composição, ou acôrdo político, nos últimos dias, amudando-se as conferências do senador José Americo com o presidente Eurico Gaspar Dutra, do senador José Americo de Almeida com o Sr. Nereu Ramos, do general Góes Monteiro com o Sr. Nereu Ramos e com o Sr. José Americo de Almeida, do governador Adhemar de Barros com o general Eurico Gaspar Dutra, etc., etc. Resultado: grandes confusões, muitos boatos, nenhum resultado positivo, fiasco do PSD para não abandonar as posições e fiasco da UDN para atingi-las, sem abrir mão da questão dos mandatos dos senadores, deputados e vereadores comunistas... E tudo continua como d'antes, no quartel general de Abrantes. Para tranquilidade geral, o chefe de Polícia, general Lima Câmara, proibiu a passeata das donas de casa em sinal de protesto contra a carestia da vida (a vida está baratinha e nem há inflação, nem nada...) e o ilustre ministro da Justiça, Sr. Benedito Costa Neto, infalível, como sempre, oficiou ao procurador da República para que impugnasse o registro de outro partido, o P. P. P. — Partido Popular Progressista — declarando que o mesmo foi fundado para substituir o Partido Comunista Brasileiro. Tal como o senador Euclides Vieira, que teve o seu diploma de senador escandalosamente rasgado, o deputado Augusto Corrêa, do PSD, do Pará, experimentou, por sua vez, as delícias de uma cassação de mandato, sendo posto fora da Assembléa Legislativa que funciona em Belém, não pela Justiça Eleitoral, mas pelos seus próprios pares. E como fez aquêlê senador, resolveu recorrer à justiça, na esperança de ver restaurado o seu mandato... Se ôle ao menos tivesse feito uma promessa à nova santa da Igreja Católica, Louise Marie Grignani, canonizada no dia 20 pelo Papa ainda podia ser... A santa é nova em folha e seu prestígio ainda não está gasto com o Padre Eterno... Grande acontecimento, o que acaba de ocorrer em Londres: Jorge VI, da Inglaterra, despojou-se voluntariamente do título de "Imperador da Índia", que Disraeli havia feito conferir aos soberanos ingleses, no fim do reinado do Vitória, a grande. E' que o soberano inglês sancionou o projeto, aprovado por ambas as casas do Parlamento, concedendo independência à Índia — agora com o estatuto de domínio, dividida em duas partes, o Indostão, dos brahmanes, e o Paquistão, dos muçulmanos. Faleceu, em São Paulo, no domingo passado, o aviador João Ribeiro de Barros, que esteve em evidência, ao realizar o sensacional "raid" do avião "Irá". Ribeiro de Barros era major honorário do Exército e condecorado por muitos governos europeus. Nos domínios do teatro, salienta-se entre os acontecimentos mais significativos dos últimos dias a estréia de "O rei do samba", a nova e espetacular revista de Chianca de Garcia, que é um espetáculo na verdade encantador. Não há dúvida que Chianca de Garcia é o renovador do nosso teatro de revista, arrancando-o do mau gosto generalizado que vinha imperando nesse gênero do espetáculo. Por faltar em espetáculos, terminou, no Fenix, a temporada do "Ballot da Juventude", que alcançou grande sucesso, sob a direção do famoso "maitre de ballot" Igor Schwazoff. E no Ginástico está para estreiar o conjunto de "Os Comediantes", com "Terras do Sem Fim", de Jorge Amado e Graça Melo. Em São Paulo, como no Rio, continua aflitiva a situação dos teatros. Não há teatros, mas em compensação vamos ter mais alguns hotéis, — e isto porque a International Hotel Corporation, subsidiária da Panamerican Airways, resolveu construir nada menos de onze grandes hotéis na América Latina, dois dêles no Brasil, ou, melhor, no Rio e em São Paulo. Talvez os hoteleiros do Brasil achem ruim a concorrência e entendam que devem ser "protegidos"... Somos, aliás, o país do protecionismo, — e como nos saem caras certas proteções! Há visto o que relata o "Correio da Manhã" num dos seus sueltos de domingo passado: "Um rôlo de arame farpado, produto norte-americano, com o peso de quarenta quilos, custa em Rio Cr\$ 102,00. Um rôlo dêsse arame da Belgo-Mineira, pesando vinte quilos, custa aqui Cr\$ 104,00. Mais de cem por cento de diferença. A enxada nacional, conhecida como artigo ordinário, que antes da guerra era oferecida e não raro recusada a Cr\$ 4,00, está hoje sendo vendida no atacado a Cr\$ 33,00. Vendida e procurada, porque o similar estrangeiro, que é melhor, não pode entrar senão por preços exagerados. Assim o quer a barreira da tarifa aduaneira. Quer, alegando o patriotismo de se proteger a indústria indígena. O lavrador, porém, o grande sacrificado, sabe como é o nacionalismo da Belgo-Mineira... Da agricultura, passemos à pecuária... O Banco do Brasil meteu-se em negócios de bois, financiando o zebu... E, ao apertar os seus devedores hipotecários, teve de usar de certas cautelas, nomeando-os depositários judiciais... Mas os depositários ameaçaram entregar os bois ao Banco do Brasil, para que esse estabelecimento de crédito do alimento... Não querêr também o Banco do Brasil financiar elefantes, para depois alimentá-los a pão de ló? Violências contra a imprensa, sobretudo nos Estados do Norte, já não espantam a ninguém. Mas vale a pena registrá-los, com um protesto, toda vez que acontecem. Em Manaus, o diretor de "O Momento" foi preso e ameaçado de morte, por ter exigido que a polícia combatesse a desenfreada jogatina que impera na cidade... Isso mostra que a polícia deve ter interesses secretos em jogo... E os juizes do Tribunal Superior do Trabalho? Acharam que oito mil cruzeiros de vencimentos eram pouco, — embora tivessem cavado os lugares com unhas e dentes, — e pediram equiparação aos do Tribunal de Recursos, ou seja, vinte e dois mil por mês... Despacho do general Eurico Gaspar Dutra: "Aguardem oportunidade". Mas que "oportunidade"?

Hoje e sempre uma
PILSEN-EXTRA

ANTARCTICA

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, não originais, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.º ORDEN
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

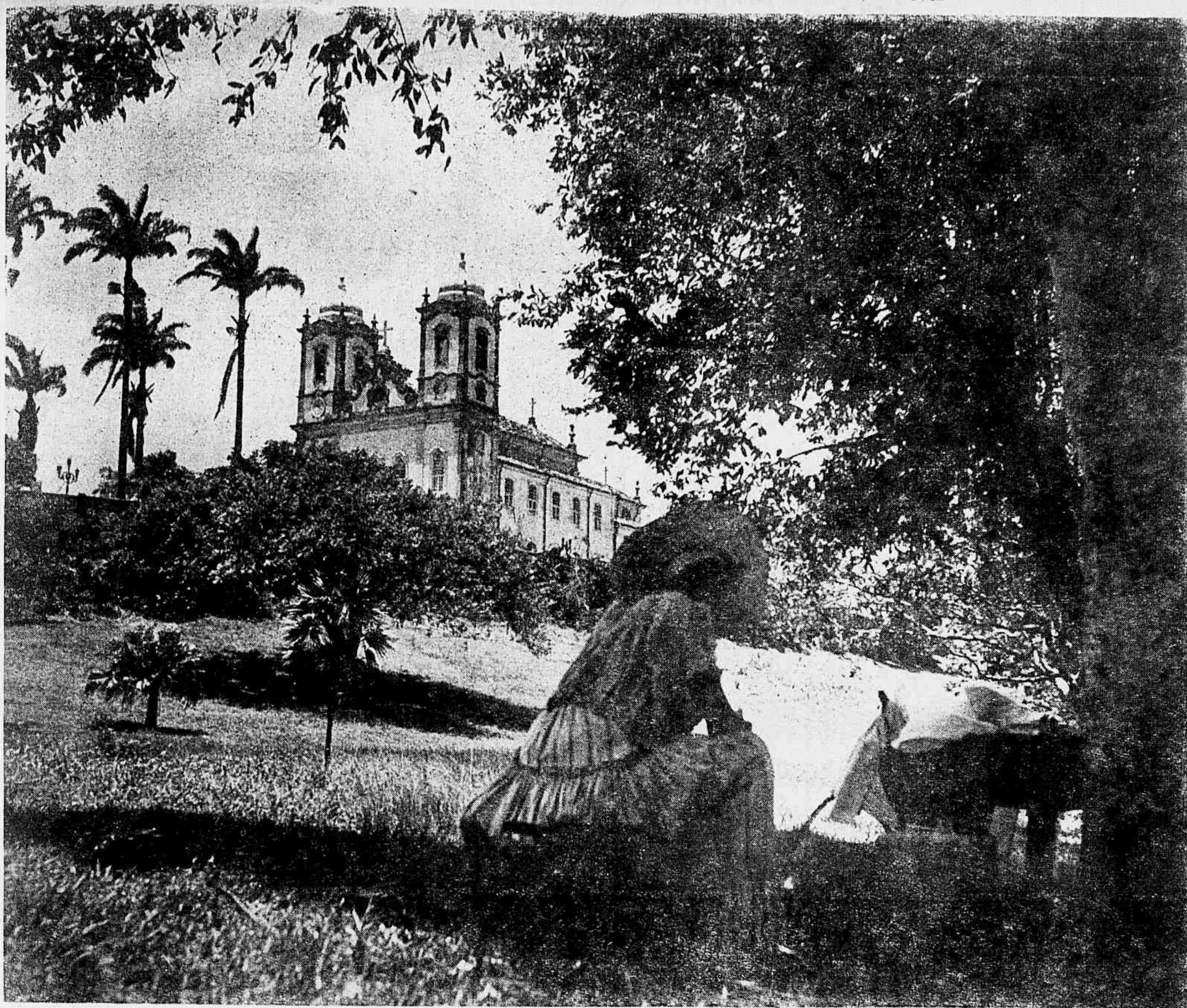
Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





Na página ao lado, o fotógrafo fixou a "Baiana do taboleiro", quadro que Tiberio está terminando, antes de sua viagem a Paris. Ao alto: Uma velha baiana, vendendo o famoso vatapá, no jardim que dá acesso à igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Algumas delas têm emigrado para o Rio.

AS "BAIANAS" ESTÃO SE ACABANDO...

NEM PANO DA COSTA, NEM BALANGANDÁS. AS FALSAS BAIANAS ESTÃO SE APROVEITANDO. — "SOMOS FISCAIS DA PREFEITURA" E TOCA A COMER DOCE DE GRACA. — AS COCADEIRAS LUTAM, NESTA CIDADE, PELA CONQUISTA DE BONS PONTOS. — TIBERIO, O PINTOR
— DAS "BAIANAS" —

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

VENDER doces nas ruas do Rio de Janeiro é uma profissão tão antiga como a própria cidade. Nós todos nos lembramos daquelas enormes cocadas e pés-de-moleque que comprávamos por um tostão há uns quinze anos atrás. O Rio foi crescendo e os vendedores ambulantes se modernizaram, passando a vender os seus doces em tricicles ou em carrocinhas envidraçadas. Mas, como nota pitoresca dentro da feição moderna da cidade, uma classe de doceiras se conservou fiel aos costumes antigos, continuando a vender seus quitutes no mesmo taboleiro, do mesmo modo como o vendiam suas avós. São as baianas das cocadas. Só as cocadeiras continuam iguais a outrora, vendendo os mesmos doces. Só uma coisa mudou: os preços. Cocada que custava na nossa meninice um tostão, custa hoje um cruzeiro. Antigamente com relação ao ganho pelo seu trabalho, poder-se-ia dizer que era uma profissão modesta, pois vendendo doces a um ou dois tostões, raramente faziam mais de trezentos mil réis por mês. Hoje a sua renda é padrão M e N. Isto é, vai a mais de três mil cruzeiros mensais. Nos meses de muita chuva a renda diminui, mas isso pode ser compensado com um serozinho nas outras noites, para equilibrar o orçamento. Cocadeiras baianas... mas serão mesmo todas elas filhas da "bôa terra"?

A "baianinha da Lapa" gritou ao repórter, empunhando o abano de palha em uma das mãos:

"Estão se aproveitando do Bonfim, seu moço".

— E' isto mesmo, "seu" moço! Estão se aproveitando desonestamente do santo nome do meu Sinhô do Bonfim...

Retirou a grelha do fogareiro a carvão para um lado, soprou a cinza branca de cima das brasas e, depois de virar os bolinhos, continuou:

— Minha tia é a cocadeira mais antiga do passeio. Há mais de doze anos vem vendendo seus doces nessa mesma calçada onde nós estamos. Naquele tempo em toda a Lapa só existiam quatro cocadeiras. Todas baianas de verdade. Hoje, só neste passeio, existem dez, entre as que vêm de dia e as que chegam de noite. E o senhor pensa que elas são da Bahia? Que nada! Nem fazer doces elas sabem e vêm enganar os fregueses com suas saias de côr e o chale no pescoço.

A baianinha Alda tinha sido ferida no seu ponto fraco. No seu modo de ver somente as autênticas filhas da terra do Sinhô do Bonfim poderiam ser cocadeiras. As outras são todas intrujas, como nos diz. O povo do Rio se acostumou a valorizar os doces feitos pelas baianas e essa marca-de-fábrica é usada por qualquer docei-

ra que expõe na rua o seu taboleiro. Segundo ouvimos, das que existem hoje no Rio, somente metade são realmente da Bahia. O número total dessas vendedoras é muito difícil de ser calculado com exatidão, pois nem todas fazem disso uma profissão constante. Aparecem e desaparecem conforme em sua casa de pobre o dinheiro escasseie ou não. Algumas descem à cidade, vindas dos morros ou das longínquas estações de subúrbio, duas ou três vezes por semana. Outras, ainda, somente aos domingos levam os taboleiros para os locais de reunião do povo, como a Quinta da Boa Vista, o Campo de Santana e outros logradouros.

MUITO AÇÚCAR E NADA DE PIMENTA

O taboleiro de Alda é colorido e vistoso. Tem o verde das cocadas de cidra; o amarelo das de abóbora; o roxo das de batata doce e o branco e preto das cocadas de côco-e-leite com amendoim. Em cima da grelha do fogareiro estão tostando os bolinhos "beijos-de-estudante".

Alda vende cem doces por dia, ao preço de um cruzeiro cada. No princípio do mês chega a vender até cento e cinquenta. Começa às nove e meia da manhã e encerra o expediente às quatro da tarde. Não gosta de

Na página à direita: O pintor Wilson Tibério prepara o modelo para um dos seus quadros sobre tipos da Bahia.

— Como vai com a profissão de cocadeira? — perguntamos.

— Ah! iôô, esse trabalhinho é só p'ra me divertir. Meu filho é mecânico e ganha bastante. Mas, em vez de ficar conversando nas esquinas, prefiro vir vender os meus docinhos...

— Mas a senhora já está bem idosa...

— Bem, isso é verdade, iôô. Dizem que sou a cocadeira mais velha do Rio, em idade. Mas só tenho taboleiro há oito meses. Quanto à idade, acho que devo já estar perto dos noventa. Meu bisneto está grandinho.

Maria da Conceição está amargurada por ter deixado a "cidade baixa", de São Salvador, onde viveu quase um século. Quer voltar para lá de qualquer maneira, embora ali não tenha mais nenhum parente. Mas tem muita gente conhecida, muitas ruas e casas amigas, que a viram crescer e envelhecer. Parece-nos mesmo que a velhinha cocadeira já começa a caducar. Quando o freguês acha caro pagar um cruzeiro por uma cocada, ela escolhe uma outra um pouco menor, e diz ao comprador:

— Pode levar essa por quinhentos réis, "meu" moço.

OS "FISCAIS" DA PREFEITURA E AS COCADAS

As vendedoras se mostram desconfiadas com a aproximação do repórter e do fotógrafo. Sendo o delas um comércio que não paga imposto, está sempre sob a ameaça dos fiscais da Prefeitura, que por qualquer motivo podem iniciar uma guerra contra as cocadeiras. As que trabalham regularmente, fazendo, em média, três mil cruzeiros por mês, poderiam pagar imposto. Mas o grande número das cocadeiras — como frisámos — exerce o comércio sem assiduidade e o imposto seria um pesado tributo para as que trabalham somente aos domingos, por exemplo. O que poderia ser melhor fiscalizado é a parte higiênica, obrigando-as a trazerem os doces sempre cobertos. Algumas já compreenderam essa necessidade e por deliberação própria resguardam as cocadas com papel celofane. A respeito de fiscais, uma doceira contou-nos uma muito boa. Aparecem algumas vezes uns cavaleiros de falar autoritário, dizendo-lhe logo de início:

— "Somos fiscais da Prefeitura". Fecham mais a cara, mas não apresentam documentos. Em vez disso começam a devastar o taboleiro da baiana. No fim de quinze ou vinte minutos se afastam, depois de se terem empanurrado com uma dúzia de cocadas. Depois desse roubo indecente, voltam-lhe as costas sem lhes dar a menor satisfação.

— Mas você não reclama? — perguntamos-lhe.

— Antigamente eu tinha medo de fazer isso, pois a

O taboleiro das "baianas", com todo o material preparado para a fabricação das cocadas à vista do freguês.

trabalhar de noite. Mora muito longe e, "simpática como sabe que é", teme ser assaltada antes de chegar em casa. Enquanto conversamos com Aida os fregueses se sucedem, quase em filas. E ela nos conta como se faz doceira:

— Não vê o senhor que lá em Santo Amaro eu era costureira. Vender doces em Salvador é uma desgraça, pois ninguém paga mais de trinta centavos por uma cocada. Vim para o Rio e aqui as coisas se inverteram. Eu não sou boa costureira, mas sou uma doceira de mão cheia. Prove um...

Enquanto comíamos um doce de cidra e côco, ela continuou:

— Há dois anos botei o meu taboleiro aqui e graças a Deus vou indo bem. No princípio pensei que o carioca gostasse das coisas que o baiano gosta. Mas, que esperança!... Fiz acarajé e abará com o melhor azeite de dendê da Bahia, mas o pessoal provou e fez cara feia.

— Por que teria sido?

— Acho que o carioca quer tudo com açúcar. Pimenta só uma vez por semana, na feijoada. Na Bahia tudo tem açúcar ou pimenta — e a mulata abrindo um sorriso de dentes bonitos, acrescentou — inclusive nós, as baianas.

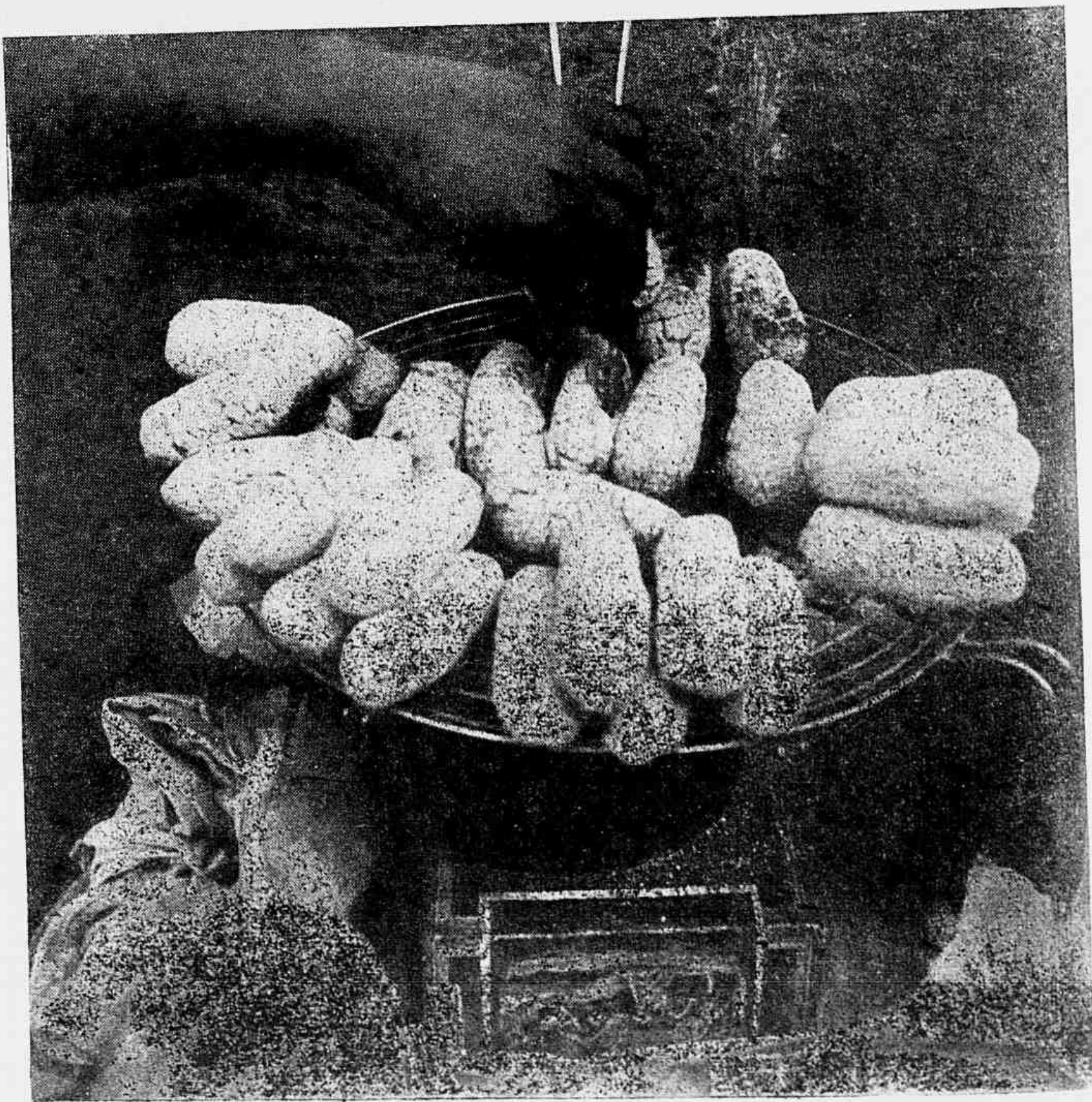
"PEGADEIRA DE MENINO"

Há uma preta velhinha, com um pequeno taboleiro próximo ao ponto de bondes do Passeio Público, que quase não fala português. O seu sotaque é tão forte e emprega tantas expressões arcaicas e regionais que se chega a pensar num intérprete. Veio para o Rio há um ano, mas continua desambientada como peixe fora d'água. O "buliço" é muito grande e faz a velha baiana ficar zozza. Quando lhe perguntamos se trabalhava em doces lá na sua terra, ela nos respondeu:

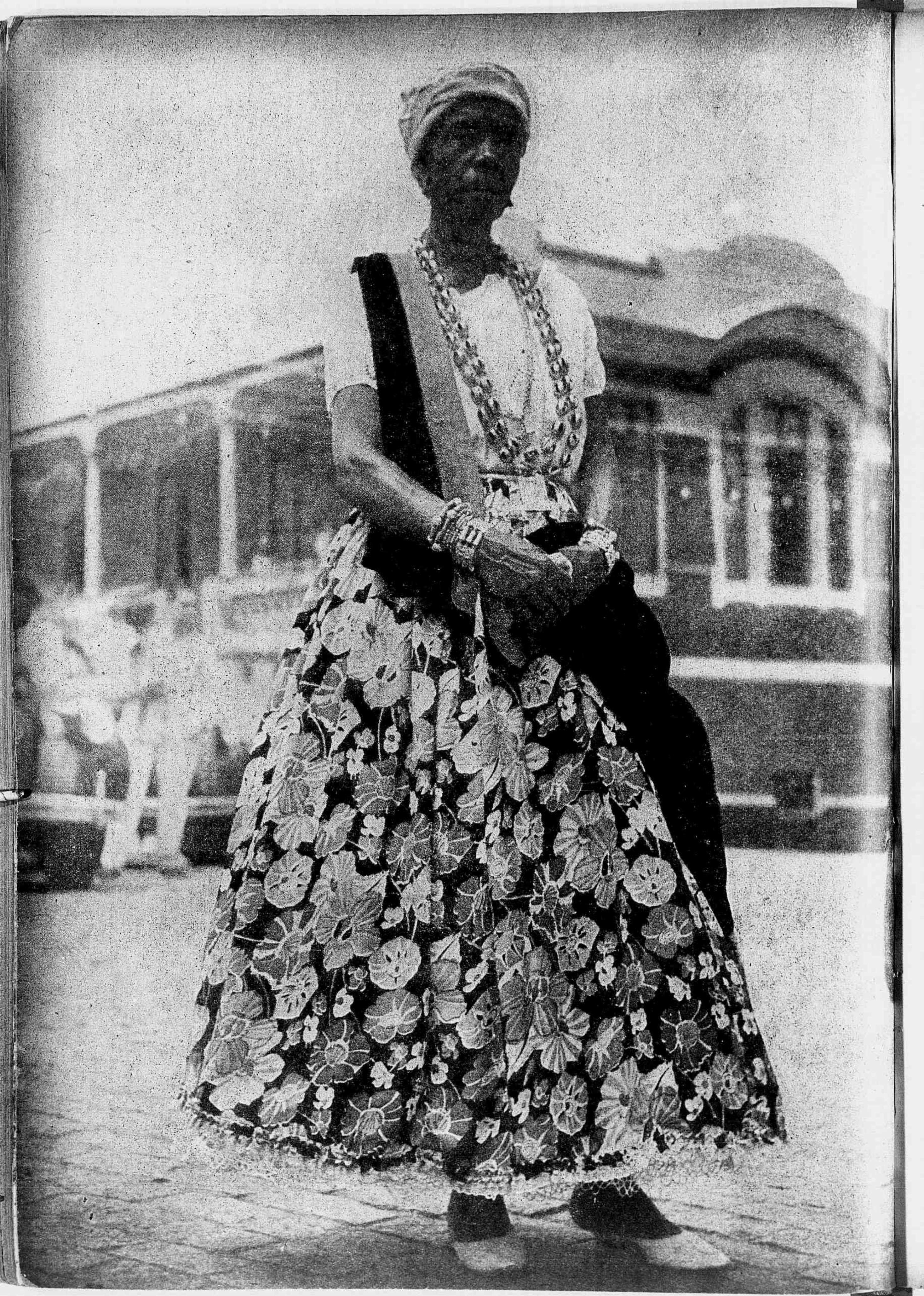
— Não, iôô, era "pegadeira de menino".

Depois de algumas explicações compreendemos que esta profissão é um misto de parteira sem diploma e "fazadeira de anjos". Conforme a necessidade do momento botava o bebê nesta terra ou o mandava para o céu.

"Beijo de estudante", o beijo característico das cocadeiras baianas do Rio.







Na página à esquerda: Uma baiana autêntica, em trajes de festa, passeando pelas ruas de Salvador.

gente estava muito por baixo. Mas agora só come cocada de graça quem mostrar a carteira de fiscal da Prefeitura. Se abusar, sou capaz de chamar o guarda. Acho que um fiscal de verdade não iria fazer uma coisa dessas!

SETE DOCEIRAS E UMA PROFESSORA

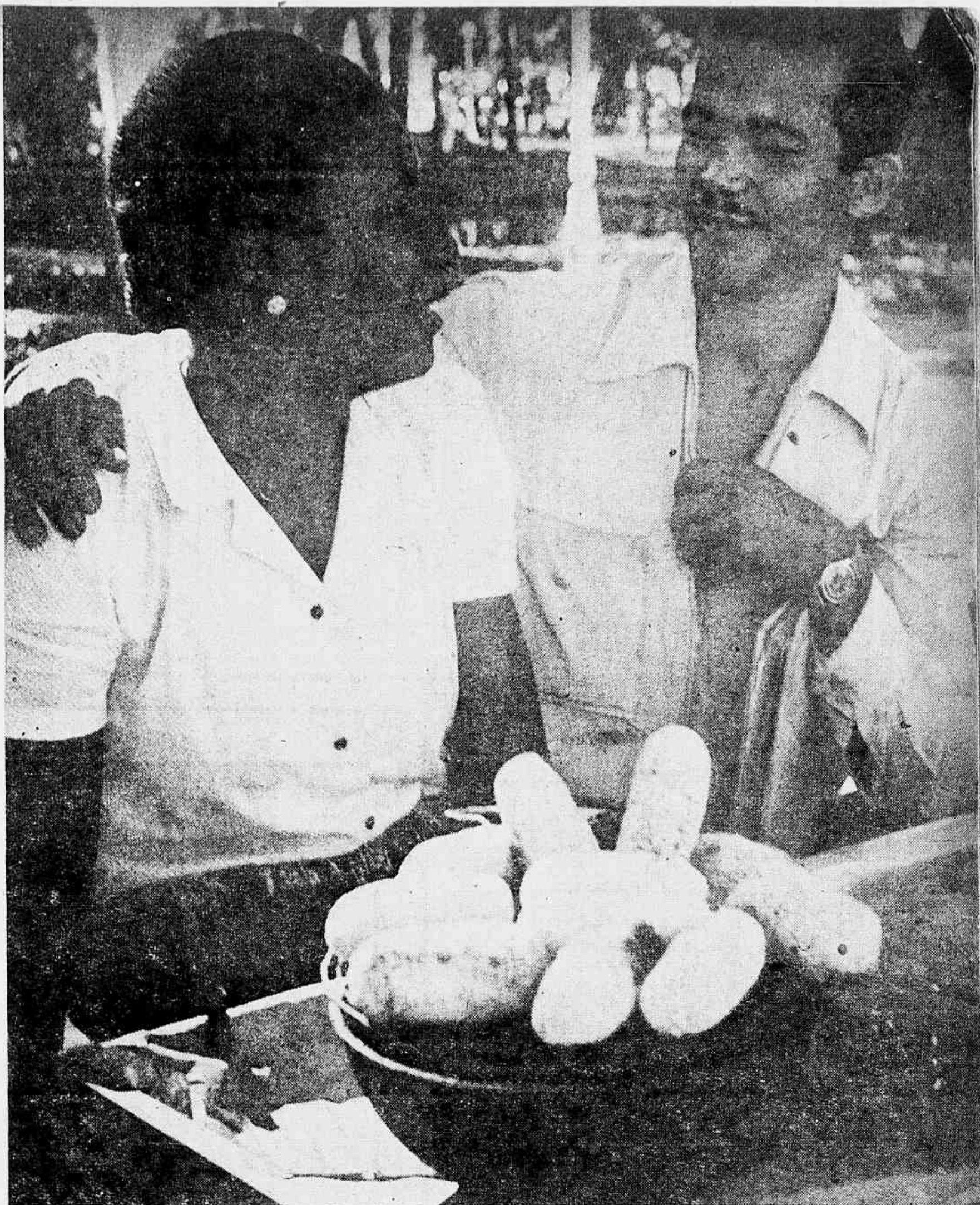
Dona Vitória veio da Bahia há muitos anos, com sete filhas para criar. Mulata pobre, sem marido, para auxiliá-la, viu-se nesta cidade como que perdida. Foram todos morar numa pequena casa na estação de Colégio, subúrbio da Linha Auxiliar. Para arranjar dinheiro que desse para o sustento de tanta gente, dona Vitória apelou para os seus dotes de doceira. Começou a fazer cocadas, bolos de milho e tapioca, vindo com as filhas maiores vendê-los na cidade. Dentro de poucos dias, a crise financeira estava solucionada. Ensinou às filhas o segredo das cocadas gostosas. Dizem os baianos que as melhores doceiras da Bahia moram no Rio Vermelho, arrabalde de Salvador.

Dona Vitória veio do Primeiro Arco do Rio Vermelho e sabe por isso os mistérios da fabricação dos bons doces. Há dois anos, ela ou uma de suas filhas vem para a avenida Passos, em frente ao parque de diversões que ali funciona. Chegam às quatro horas da tarde e voltam às dez da noite, quando o taboleiro fica vazio. Jantam de marmitta e, à noite, os meninos que as acompanham, netos de dona Vitória, se divertem no parque. Quando querem jantar melhor mandam buscar comida em um restaurante próximo. O jantar sai, então, por trinta cruzeiros. Quando lhe perguntamos se essa despesa não era excessiva, uma das filhas nos respondeu:

— Ah! P'ra comer bem, tem-se que gastar dinheiro!

A LUTA PELOS BONS PONTOS

Ponto bom para vender doces é o que fica nas calçadas por onde passam os operários, empregadas domésticas, gente pobre, em geral, como na Lapa, Avenida Passos e lugares próximos à Central e Leopoldina. Gente granfina tem vergonha de comer doce na rua. Por isso nos bairros da zona sul as baianas são raras. Quando aparece uma nova vendedora no mesmo ponto onde outras baianas estacionam, começa entre as veteranas e a novata uma guerra surda. O lugar das veteranas é respeitado como se o mesmo tivesse sido alugado à Prefeitura. Quando por qualquer motivo ela deixa de vir durante alguns dias, às vezes algumas semanas inteiras, nenhuma outra tem a ousadia de colocar outro taboleiro no mesmo lugar.



Aída, a baiana que faz ponto no Passeio Público. Esta e a que estaciona em frente ao Automóvel Clube fazem as maiores fêrias: nunca menos de cento e cinquenta cruzeiros diários.

— Porque se colocar, — disse-nos uma baiana, que faz ponto próximo aos Arcos, — quando a gente voltar tem briga...

O PINTOR DAS BAIANAS

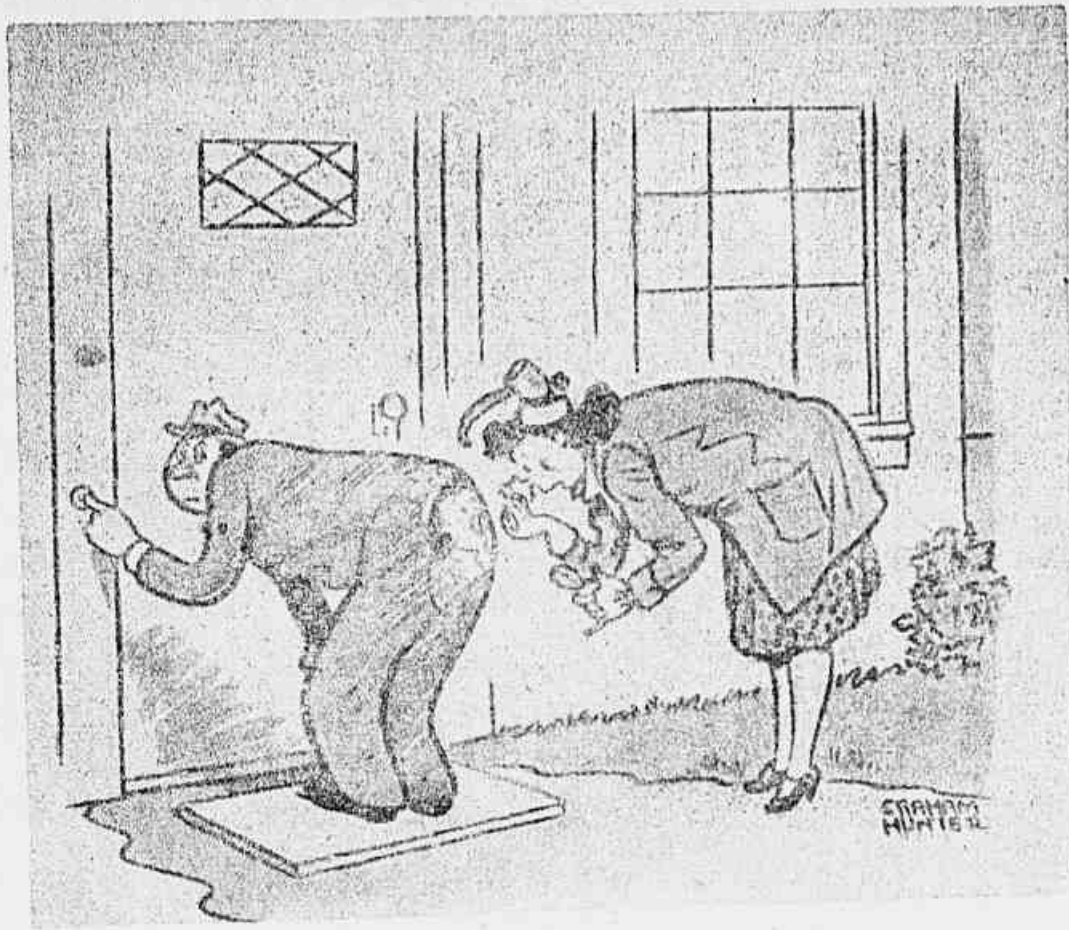
As baianas têm hoje o seu pintor oficial. Gaúcho de nascimento, o negro Wilson Tibério, medalhado três vezes em diversos salões nacionais, tem dedicado toda a sua pintura aos motivos afro-brasileiros. Há oito anos só tem pintado motivos negros e mais da metade dos seus quatrocentos quadros a óleo ou à aquarela retratam as baianas do Rio e da Bahia. Tibério, que é extremamente modesto, começou sua vida no Rio de Janeiro como ajudante de pedreiro, trabalhando na construção de um edifício na Gávea. Logo que pôde, abandonou a pá de pedreiro e continuou com sua palheta e pincéis. Seus quadros representando cabeças de baianas, candomblés e danças típicas dos negros da Bahia, são famosos e estão hoje espalhados por vários países. O pintor esteve dois anos na Bahia e de lá trouxe farto material que tem transposto para os seus quadros. Disse-nos Tibério que as baianas do Rio não têm a metade do encanto das que se encontram na Bahia. Desaparecem aos poucos o falar cantado, as roupas coloridas, as saias rodadas e os balangandãs. De qualquer forma, ele sabe aproveitar os detalhes pitorescos das nossas cocadeiras e muitas dessas vendedoras de rua já mereceram a honra de serem fixadas pelos pincéis de Wilson Tibério. As baianas não estão só nas belas artes. Estão, também, na literatura. Queiroz, que, em crônica publicada na "Folha Carioca", assumiu-lhes a defesa, quando o chefe de Polícia quis acabar com o seu comércio. A Polícia não acabou com as baianas. Mas parece que elas estão acabando por si mesmas, agora que já perderam, no Rio, o colorido e o pitoresco de outros tempos.

Esta baiana desce todos os dias da estação de Colégio para a Avenida Passos. Fêria diária: de cem a cento e trinta cruzeiros.

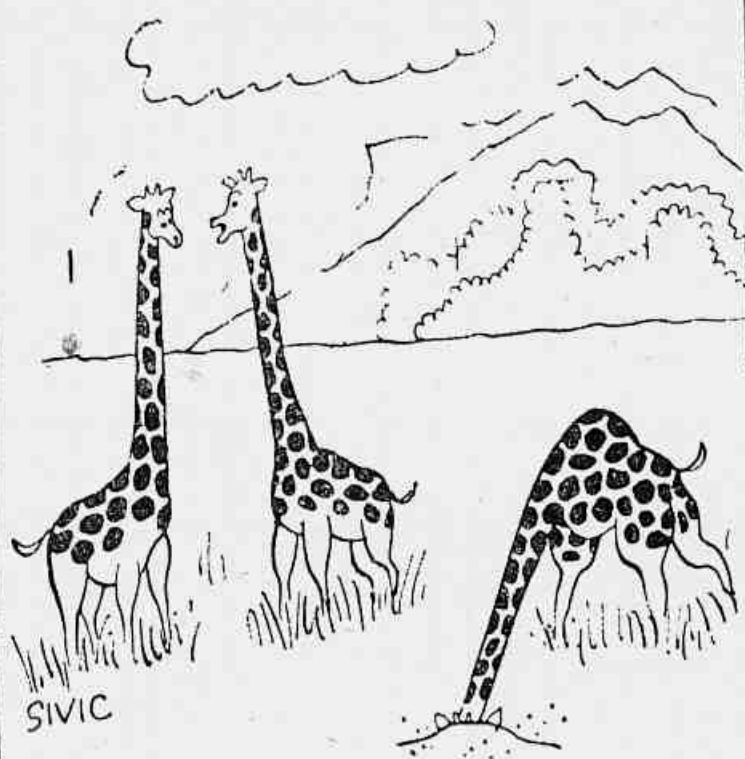




— Lembre-se: uma fígada significa: "páre!".

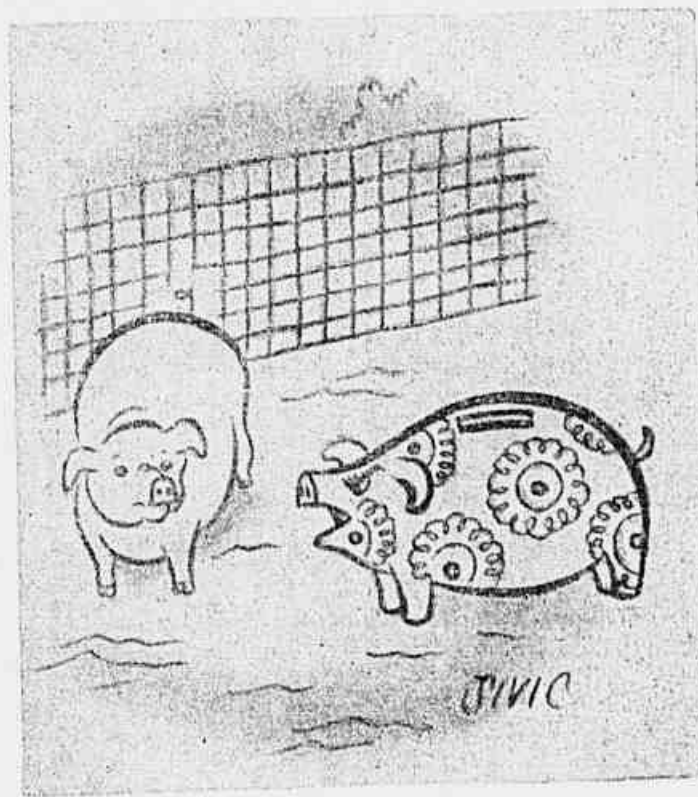


— Vou sentir falta dêsse terno, quando você comprar outro...

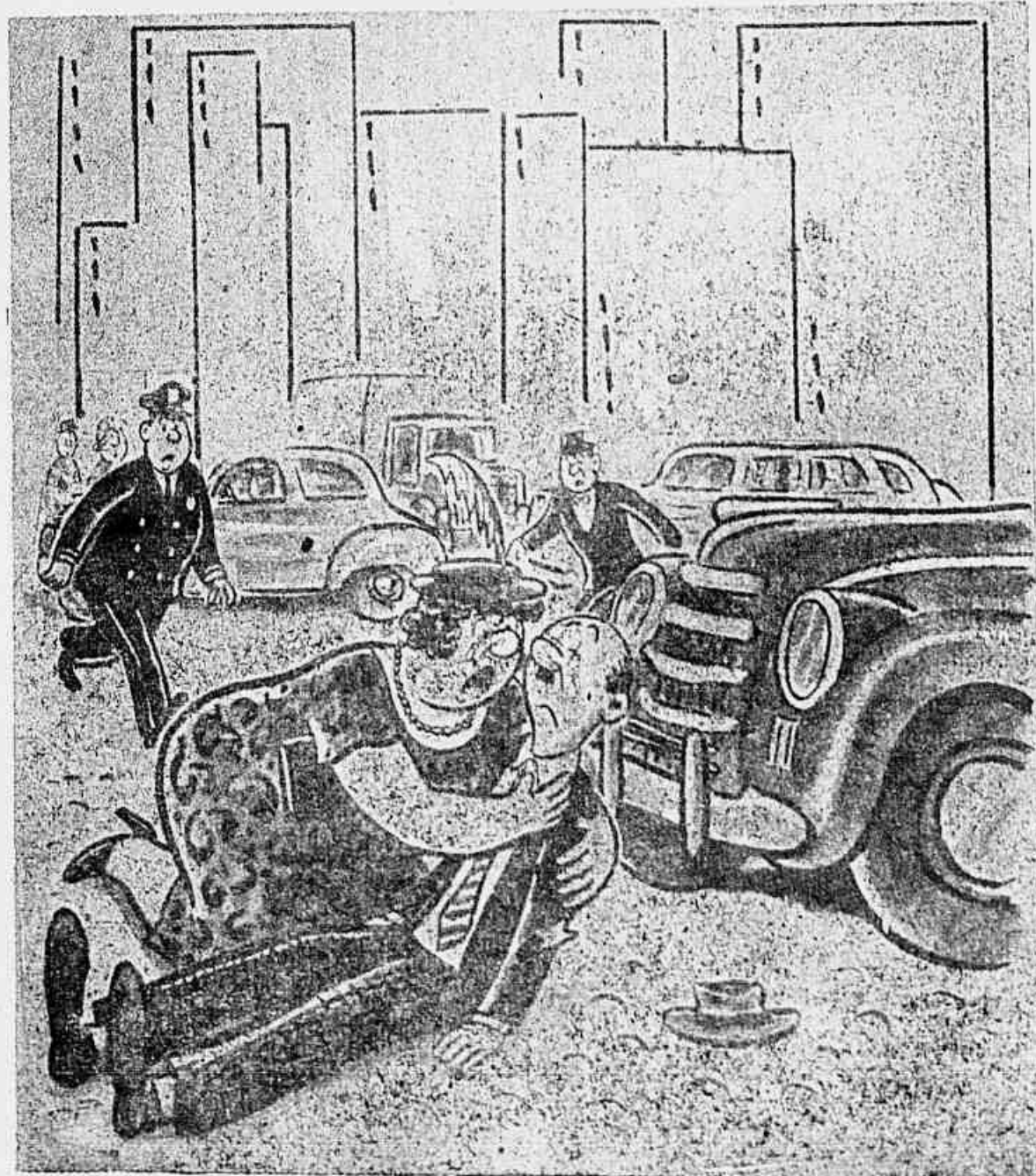


— Ele está namorando uma avestruz...

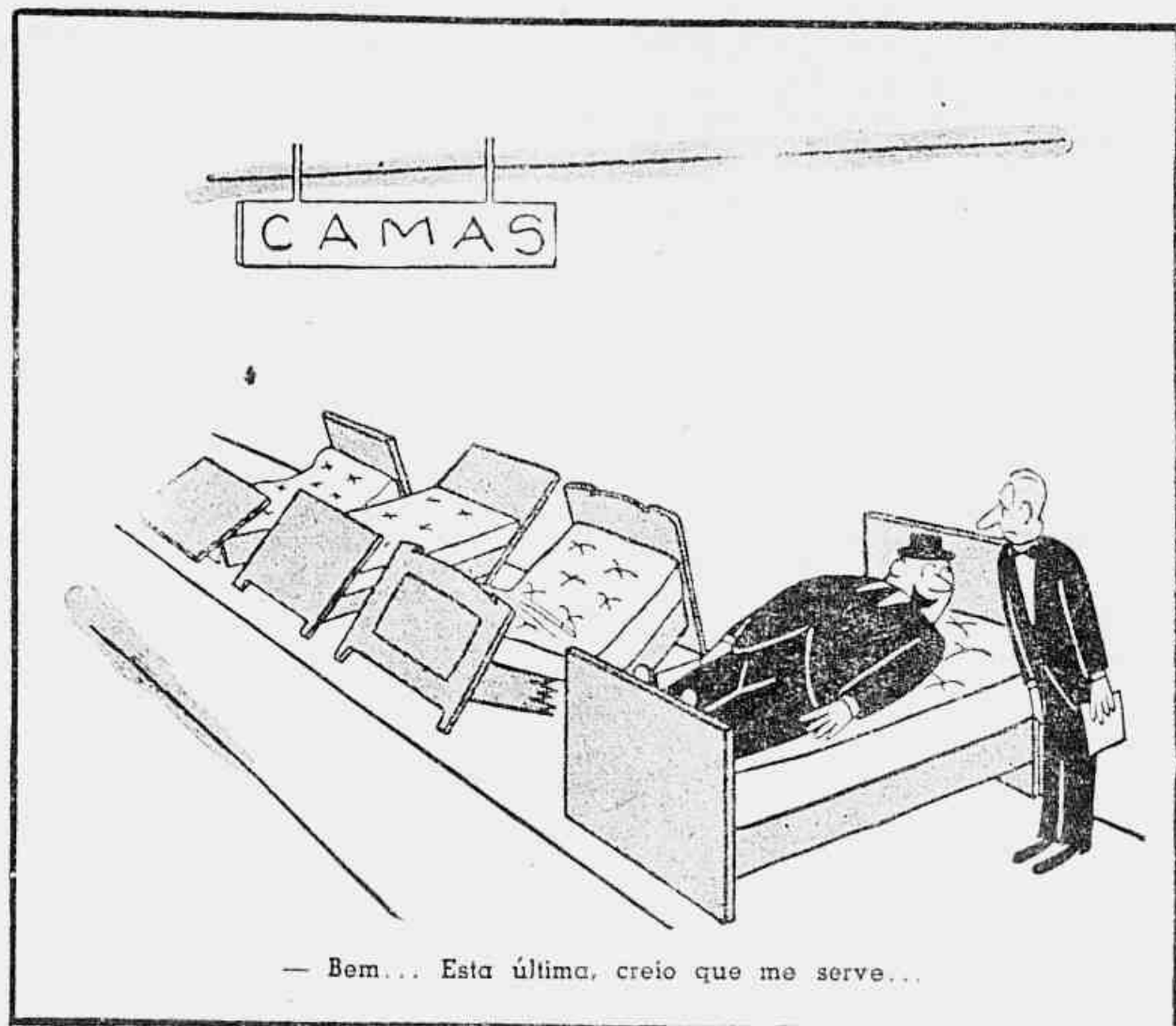
Bo
humor



— Eu sei! Você só casou comigo pelo meu dinheiro!



— Fala, Benedito! Fala, meu bem... Desta vez, eu te dou licença!



Mariana

Conto de ANTERO MANHÃES

★ Ilustração de ARMANDO PACHECO

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

SERA Mariana? Eu me perguntava, semi oculto por uma banca de jornal. Os olhos não me enganaram. Sem dúvida alguma, era Mariana que eu via neste buliçoso Rio de Janeiro.

Certamente, há de parecer que isso não mereça registro. Que importância pode resultar do fato de se encontrar u'a Mariana em qualquer parte? Ora, u'a Mariana! Tantas Marianas, Marias, Anitas, Helenas por aí... Inexpressivas, anônimas, insignificantes! Nada mais relativo, todavia, que o conceito de insignificância, principalmente quando se discutem criaturas... com alma e coração. Em última análise, o segredo depende de se encarnar uma história ou, para ser razoável, de se conhecer a história que esses nomes comuns tanta vez escondem, capazes até de sugerir a muitos uma anedota irônica, mas também, a outros, um poema, uma bôa e profunda reflexão.

Eu conheci Mariana, morena, irradiante, viçosa como as provincianas dos romances medievais.

Ao vê-la no Rio de Janeiro, esquelética, desfigurada, mal pude conter uma expressão piedosa! Pobre Mariana!... Um caso triste! Alguns dirão trágico, enquanto muitos, dando de ombro, o acharão vulgar. Para determinado filósofo, a desgraça alheia quando não alegra, distrai e satisfaz a insaciável curiosidade dos vizinhos. São os altos e baixos da vida. Cada um julga o sofrimento do próximo do modo que melhor lhe parece, bem poucos no sentido cristão de minorá-lo.

A nossa personagem foi vítima indefesa dessa filosofia do tão precário julgamento humano.

Mariana nascera de gente pobre em cidade pequena. Desde cedo, atormentava-a um ideal: ser professora pública, receber vencimentos do governo, colaborar, aliviando a míngua bolsa paterna. As circunstâncias, porém, ditaram-lhe outro rumo, desviando-a do magistério. Não se quebrantou. Aos 17 anos, empregava-se a um tio como auxiliar de farmácia. Apesar de ridículo ordenado, esforçava-se para que tudo andasse a tempo e a hora. A freqüência brindava-lhe com louvores pelo seu excesso de solicitude. Todos conheciam a... "Morena da farmácia". Uma propaganda viva, convincente...

Os rapazes desfrutavam-lhe os sorrisos enquanto as moças fitavam nela, deixando transparecer inexplicável misto de despeito e íntima censura. Mariana, contudo, era dessas criaturas que trazem uma estranha sedução no rosto e uma pureza íntima no coração. Dir-se-ia o espécime acabado da esposa para esse tipo de homem reto laborioso, tão comum nos pequenos centros, onde raramente chegam os miasmas sociais que atuam no ambiente amoral das grandes e requintadas comunidades. E... as solicitações não se demoraram.

Sua natureza acessível à jovialidade, uma conformação física que fazia pensar num exemplar de madona Rafaelina estimulavam uma série de candidatos a disputarem-lhe a preferência. Jovens de sua geração e até quatrorentões conceberam a felicidade nos braços de Mariana. Despidas de orgulho, a caixeirinha da farmácia não se empolgava, nem se deixava enleiar na rede de promessas dos que a cortejavam, alguns em delírio de paixão. Os pais, seres humildes, sentiam nela o homem da casa e, no quadro de um viver relativamente austero, limitavam-se a vislumbrar um casamento dentro de sua classe.

Correram um, dois, três anos sem que se lhes alterassem os hábitos, o temperamento dinâmico e comunicativo.

No verão de 1939, um incidente viria quebrar-lhe o ritmo daquela vida descuidada. Próximo da sua íntima morada, existia um grande casarão, de estilo colonial, onde residiam os Ferreira, família abastada que fornecera ao povoado, na pessoa do sexagenário coronel Ferreira, um chefe político de real prestígio. Dentre os rebentos que enalteciam a estirpe do Coronel, um se distinguia por ser doutorando em Medicina. Justamente naquele ano, o Dr. Fernando (na intimidade dos Ferreira, o Fernandinho) fizera amizade com o tio de Mariana, frequentando assiduamente a farmácia onde, não raro, procurava exibir conhecimentos na velha ciência de Hipócrates. Rapagão imaginoso e loquaz, rapidamente conquistou a simpatia e admiração da sobrinha do farmacêutico.

Tudo induzia a crer que gostasse dela, sendo, entretanto, positivo que Mariana passou a amá-lo perdidamente. Não tinha ainda percebido que Fernando lhe tomara por inteiro o coração, quando, em dia chuvoso, encontrando-se a sós no laboratório da farmácia, o doutor, num ar-

roubo de fáuno, beijou-a fortemente, luxuriosamente na boca. Debaixo de incontida agitação, logo que se desvencilhou dos braços do moço, Mariana abandonou o estabelecimento antes mesmo que o tio retornasse.

Habitualmente as mocinhas enrubescem, encabulam ou fingem encabular-se quando beijadas pela primeira vez. Raramente choram. Mariana, entretanto, mal se viu em casa, pranteou de forma convulsiva.

Lágrima de pudor, de medo, de prazer? Que dizemos? Delicada e complexa é a natureza feminina!

Ao sentir que a mãe se preocupava, disfarçou quanto pôde, alegando indisposição, moléstia. A noite toda esteve presa de longo pesadelo. No dia seguinte, conservou-se no leito. Faltou-lhe coragem de voltar à farmácia. Os pais atemorizados, recorreram ao tio a quem o Dr. Fernando imediatamente se prontificou ajudar. Sem perda de tempo, o sensibilizado Romeu correu para junto da sua Julieta enferma. Ela cerrou os olhos como a criança a quem se contou história de aparições. Teve ímpeto de gritar, de pedir socorro, de repelir o jovem esculápio, mas foi vencida pela linguagem melíflua com que ele a reanimou, enchendo-lhe o ouvido, em surdina, das mais estimulantes e consoladoras promessas.

Enquanto a mãe da doente, honrada com a imprevista visita do gentilíssimo doutor, esmerava-se em preparar-lhe um bom cafézinho, o ilustre filho dos Ferreira proporcionava à sua paciente indizível felicidade, grangeava-lhe inteiramente a confiança, beijando-a outra vez a murmurar que beijava, agora, uma santa, ali... no altar do seu próprio quarto!

A doente refez-se em poucas horas. Apenas água de flôr! Os pais acharam aquilo um milagre. O autor do prodígio deixou então escapar velha frase que decorara: Similiba similibus curantur... Sim, para dentro, articulava com uma pontinha de vaidade: — Veneno de um beito, cura-se com o veneno de outros beitos...

Mariana não se continha. Despertaram-na do sono da inocência para a realidade misteriosa da vida. Viveria o seu romance. Sentiu-lhe com a grandiosidade de um coração imune de impurezas.

Os dias que se seguiram foram de efusão, de poético sentimentalismo, de íntima festividade. Amava e... tinha, bem perto, a personificação do seu amor.

O tio, a quem o doutorando acenara com a perspectiva de um contrato social que daria amplitude ao seu negócio, criava toda sorte de felicidades aos dois amantes.

Em pouco, ferveram os comentários. A cidade encheu-se de alcovites. Ninguém admitia que o filho do abastado Coronel Ferreira se apaixonasse por uma criaturinha sem eira nem beira, sem posição e sem passado.

— Aquilo era um escárnio. Uma falta de vergonha, aduziam as más línguas... femininas.

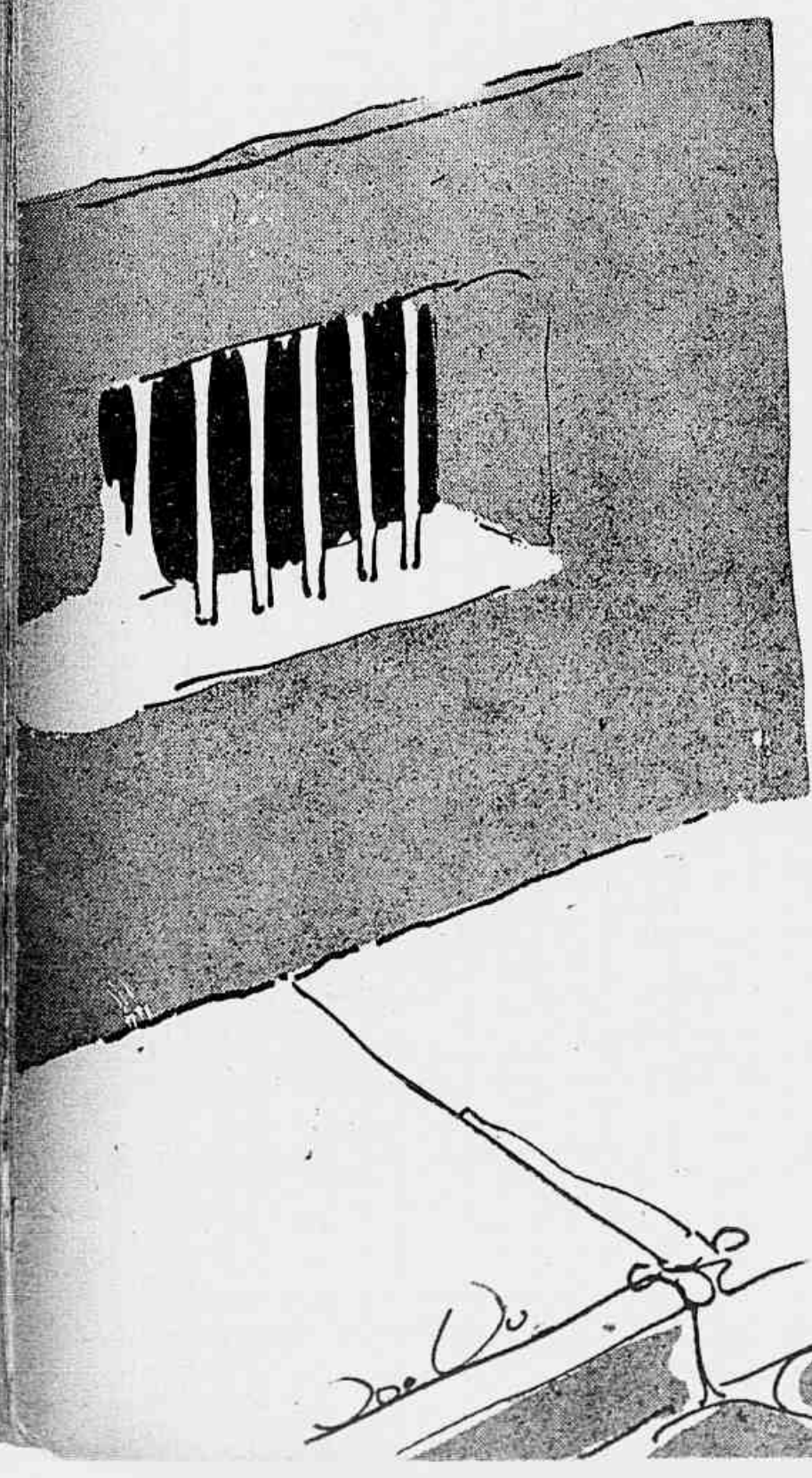
— Não se casaria com ela, simples afronta à sociedade, acrescentavam circunspectas senhoras.

A medida que as recriminações chegavam aos ouvidos de Mariana, mais se agarrava à fonte de sua felicidade, como o avarento ao tesouro que lhe querem arrabatar. Cria no seu amado, bebia-lhe as palavras, dedilhava-as, uma a uma, na harpa sublime de sua alma como se fossem notas poderosas e mágicas que respondiam por si mesmas a tudo e a todos. Ele era sua constante obsessão. Já tudo lhe dera, e lhe daria a vida se a pedisse.

Os pais de Mariana temiam por seu futuro. Jamais conseguiriam compreender semelhante exaltação amorosa e sofriam ante a desenvoltura da filha. Suas relações com o Dr. Fernando excediam os limites que uma mentalidade rotineira podia suportar.

O jovem doutorando, porém, impusera-se com especial habilidade. Envolviera-os numa onda de quase mística idolatria por sua pessoa. Entrava, ia e vinha, arrastando Mariana pelo braço como se fossem nascidos e criados juntos, sob o mesmo clima, sob o mesmo teto. Saudavam a luz do dia em passeios matinais, embriagavam-se do lugar naquelas noites de verão, sonhando à beira do rio, num banco de pedra, enquanto à distância, olhares indiretos cochichavam censuras maliciosas e contundentes.

O Coronel Ferreira começou a agir. Não tardaram ponderações e conselhos ao Dr. Fernando. Burgueses presntes, de fisionomia solene e amigos do Coronel, assediavam-no de quando em quando.



— Sem o perceber, diziam, punha em risco a carreira que abraçara. A moça não estava à altura do seu nome.

Nos dois primeiros meses, o futuro escultor sorria irônico, mostrando-lhes que falavam em nome de princípios caducos. Sua amada não tinha culpa de vir ao mundo sob o signo da pobreza. Possuía as mais peregrinas virtudes, achando-se muito além do mundo estreito e reacionário no qual tinha a infelicidade de viver.

Ao fim do terceiro mês, o Dr. Fernando tomava uma súbita resolução. Precisava voltar à Capital. Mariana ouviu-o e assustou-se. Lembrou-lhe timidamente a promessa reiterada de que dali só sairia quando a pudesse levar para sempre. Fernando beijou-lhe as mãos com ternura, uma ternura que traía um acento de angústia e uma indizível sensação de piedade. Seria curta a ausência... Uns quinze dias, se tanto... O suficiente para regularizar sua situação na Faculdade.

Mariana fitou-o nos olhos sem articular uma só palavra. Eis que um pensamento sombrio atravessou-lhe o cérebro, descendo-se-lhe as pálpebras, enquanto as lágrimas jorraram em gotas sucessivas. Fernando estremeceu. Pela primeira vez, um pranto da apalxonada não exercia sobre ele o poder dominador de outrora. Experimentava, apenas, vontade de pedir-lhe que não chorasse. Coisa singularmente estranha! Aquele estado emotivo causava-lhe uma inexplicável confusão, um irreprimível mal estar. Lá não se compreendia. Qualquer coisa de incomum se passara no íntimo de sua alma. Tentara reagir, mas... só conseguia consolá-la, repetindo que confiasse, que em breve retornaria e... casar-se-iam...

Ao ouvir esta última expressão, Mariana, trêmula, comprimiu a mão do companheiro contra o peito, balbuciando:

— Sim, casar-nos-emos... Deus o acompanhará. Fernandinho!

Fernando partira. Mariana, todavia, não conseguia ocultar à mãe o temor que a aniquilava. Das quatro cartas endereçadas àquele a quem chamava de inesquecível noivo, apenas uma resposta lacônica, justificando a necessidade de ultrapassar o prazo combinado, pois teria de defender tese e só na Capital disporia de elementos indispensáveis para um trabalho tão sério.

Não foi difícil à intuição materna aferir, de pronto, a gravidade do caso. A filha tudo lhe confessara pois não admitia a menor falha quanto ao caráter do seu príncipe encantado. A mãe investiu-lhe o procedimento. Mariana, nervosa, defendeu-se como pôde. Confiava no ídolo, por isso mesmo assumia toda a culpa do que lhe diziam ter sido uma indignidade.

— Ele voltará, minha mãe. Fernando nunca foi, nem será um desnaturalado!

Essa linguagem resultava ininteligível para uma pobre mulher a quem o destino deferira a missão de conceber uma criatura da pureza de Mariana. Perdera a virgindade física mas conservava incólume a virgindade da alma, enquanto Fernando, na melhor hipótese, revelava-se um frio egoísta.

Pai e tio conheceram do assunto em conselho de família. Urgia tomar imediata providência. O farmacêutico resolveu entender-se com o coronel Ferreira.

— Homem honrado, argumentava, será o primeiro a chamar o filho ao cumprimento do dever moral.

Puro engano! Depois de ouvir as piores diatribes visando o procedimento da sobrinha, que, segundo os Ferreira, não passava de uma despudorada caçadora de fortuna, foi simplesmente escoraçado.

A notícia reboou. Toda a cidade assenhoreou-se do ocorrido, emprestando-lhe as cores de um verdadeiro castigo...

Mariana converteu-se de vítima em ré, tendo contra si a ira dos próprios parentes ao se convencerem de que nem a lei a ampararia, pois atingira a plena maioridade.

Quase em desatino, endereçou ainda cartas repetidas e súplicas ao namorado distante. Nenhuma resposta. Fernando não a esquecera, abandonara-a covardemente.

Para agravar-lhe o sofrimento indescritível, levantava-se afinal o tabu da honra familiar por ela enlameada e lhe apontaram a rua, numa cena de cruelíssima selvageria.

— Devia desaparecer de casa carregando a sua vergonha! Assim ordenava imperativa a inconsciência paterna.

Mariana perdia a razão. A mãe, o pai, o tio, Fernando! Um conjunto de imagens irreconhecíveis! Desamparada!

Saiu ao cair de uma noite. Cambaleante, em estado sonambúlico caminhou em direção ao rio.

— A água! A água estriaria o vulcão de seu cérebro! A infeliz cedia à força deste tresloucado impulso de suicídio.

Um vulto aproximou-se dela, interceptando-a. Ofereceu-lhe blandiciosamente amparo.

— Não era motivo para tamanho desespero... E, tomando-lhe o braço, acrescentava:

— Há sempre esperança quando se é moça e... bonita! — Vem, querida. Vem comigo.

Essa a voz de um abutre em forma de mulher, farejando mais uma presa para o jogo ignominioso do sexo, no comércio nefando da carne.

Em quase estado de choque, sem a menor resistência, Mariana deixou-se conduzir. Iria para qualquer parte...

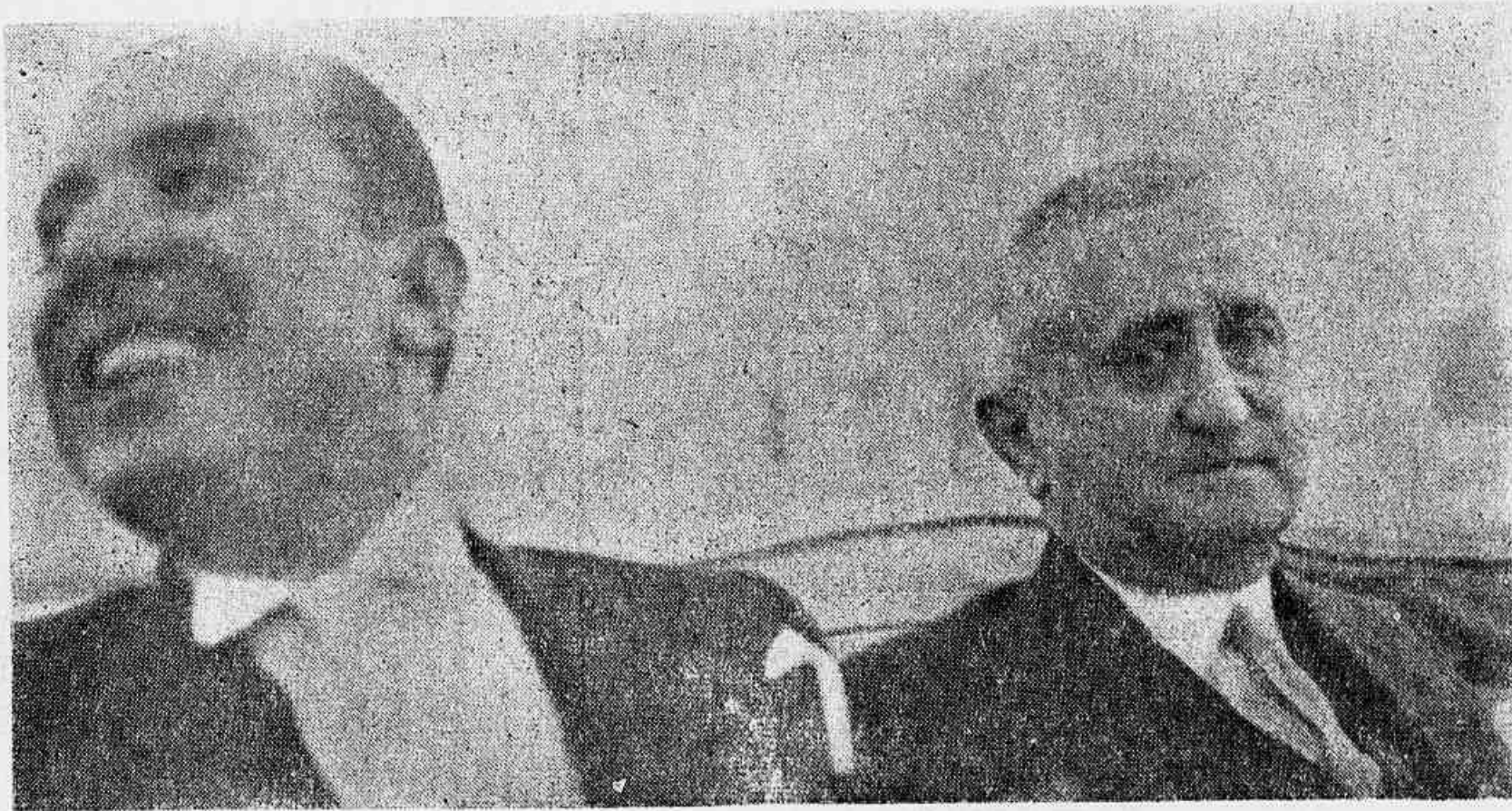
Mas, a misericórdia divina deteve-a no limiar da imensurável humilhação. Alguém, dentre aqueles que a cortejavam outrora, alguém que nunca a deixou de amar,

(Cont. na pág. 58)

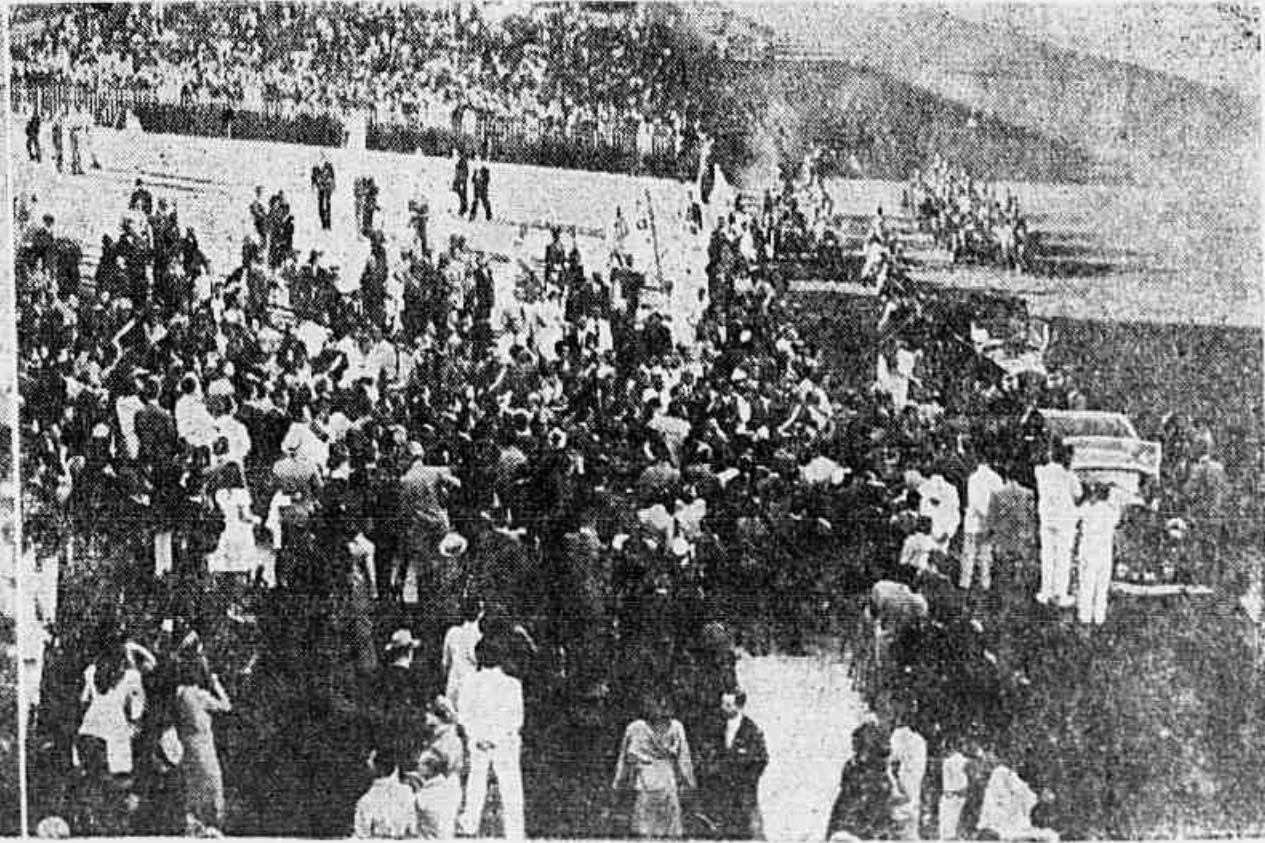


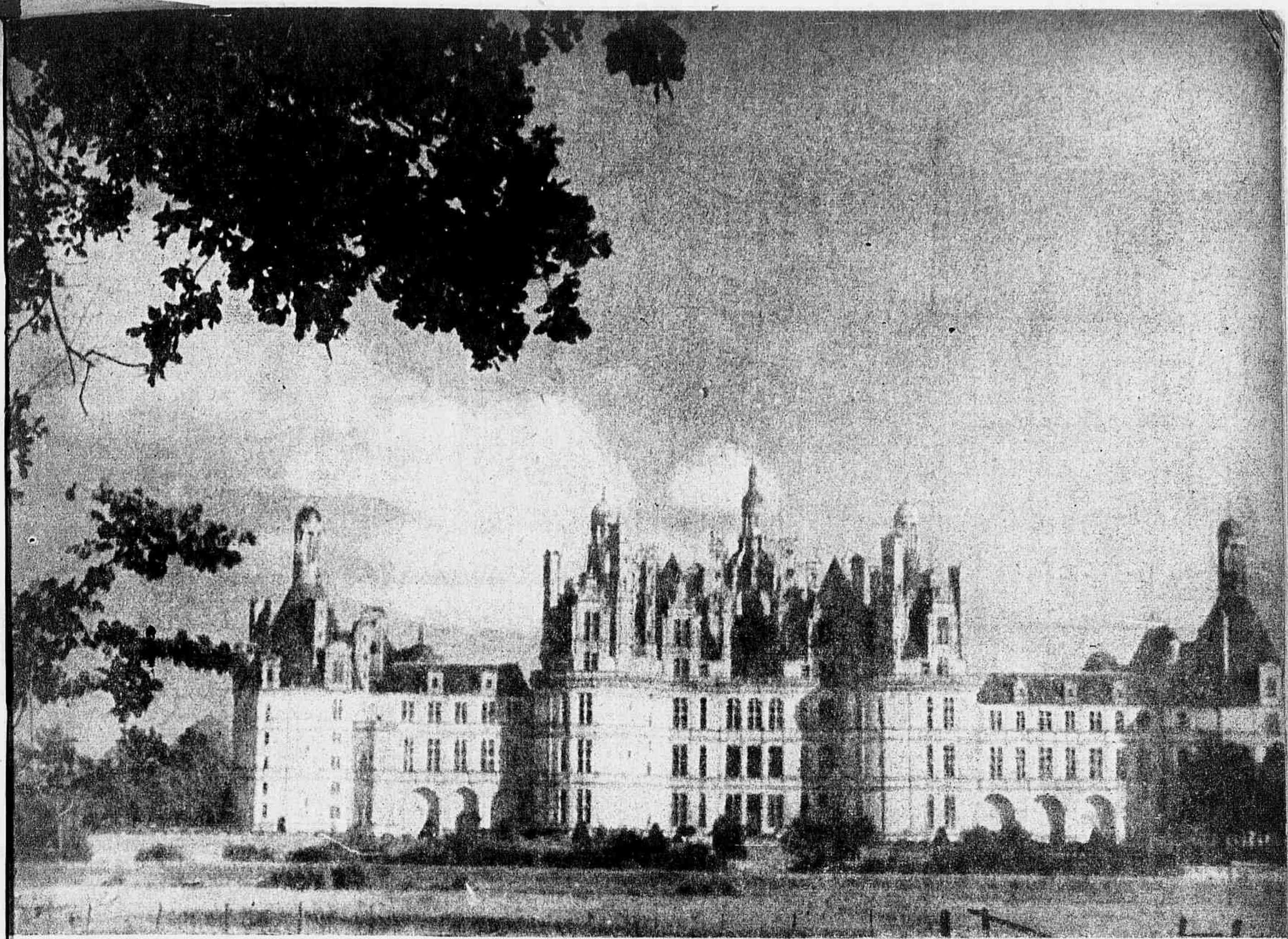


A HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB AO PRESIDENTE VIDELA



Ainda repercutem nos meios internacionais sul-americanos os ecos da visita que fez ao nosso País o presidente da República do Chile, sr. Gabriel Gonzalez Videla, quando teve oportunidade de receber do nosso povo, das nossas instituições e autoridades as mais inequívocas demonstrações de estima e do elevado sentimento fraterno que une chilenos e brasileiros. Dentre essas manifestações teve especial realce a que foi prestada ao ilustre visitante pelo Jockey Club Brasileiro, fazendo realizar uma corrida em sua homenagem, tendo por base o Grande Prêmio "Gonzalez Videla", dotado com 200.000 cruzeiros, e que foi levantado brilhantemente pelo cavalo "Ensueño". O presidente Gonzalez Videla, acompanhado pelo presidente Eurico Dutra, foi recepcionado no Hipódromo Brasileiro pelo presidente do Jockey Club, sr. João Borges Filho e demais diretores da prestigiosa associação, tendo recebido do numeroso público presente uma das maiores ovações da sua permanência em nossa terra. Rematando as homenagens a S. Excia. prestadas pela nossa sociedade turfista, foi-lhe oferecido um jantar pelo sr. João Borges Filho e senhora, no palacete de sua residência, que constituiu uma das notas mais distintas das festividades com que o nosso mundo social cumoulo o presidente do Chile e sua excelentíssima esposa.





O Castelo de Loches, no Loire. (Foto do S.F.I.)

MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARQUITETÔNICOS DA FRANÇA

OS VELHOS CASTELOS DO LOIRE E AS RECORDAÇÕES QUE SUGEREM.

Por MICHEL B. KAMENKA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

DEIXANDO-SE Paris pela arreira conhecida pelo nome de "porta da Itália" — as saídas de Paris conservam ainda, apesar de haverem sido demolidas há muitos anos, as antigas fortificações, os seus alicerces dos tempos passados — encontra-se ao fim de alguns quilômetros o aeródromo de Orly, que é o ponto de chegada dos aviões vindos do Rio de Janeiro. A uns cinquenta quilômetros mais, entra-se na floresta de Fontainebleau e atinge-se, em pouco tempo, o imponente castelo do mesmo nome. Fontainebleau não pertence ainda aos castelos do Loire. É simplesmente um prelúdio deslumbrante, cheio de recordações históricas. Foi, durante séculos, uma das residências de verão dos reis de França, o local de estadia da predileção de Napoleão e o cenário do seu fim. Ali foi assinado, em 1814, o ato de abdicação, e foi no pátio do castelo que o imperador decaído se despediu, antes de embarcar para a ilha de Elba, dos velhos companheiros de tantas batalhas: os granadeiros da Guarda.

Só depois de se transpor Orléans, onde a fé indomável de Joana d'Arc pôs termo à invasão inglesa durante a guerra

dos 100 anos, é que aparecem os primeiros castelos do Loire.

Na época feudal, toda essa região foi testemunha de lutas sangrentas entre soberanos vizinhos e sempre em rivalidade. Não existia segurança alguma. Entretanto, a arquitetura dos castelos foi de início, e antes de mais nada, um assunto militar. Planta simétrica e retangular, torres redondas com todos os meios de defesa nos quatro ângulos — eis a forma típica dos castelos do Loire da Idade Média.

Fortalecido o poder central e diminuídos os perigos, desenvolve-se pouco a pouco a parte destinada à habitação. Coincidindo com o advento da Renascença na Itália que influenciou toda a Europa e especialmente a França após as campanhas italianas do rei Francisco I, a "modernização" dos castelos no século XVI reveste-se de formas novas que representam a adaptação do espírito da Renascença aos velhos hábitos da construção francesa. Os proprietários



O Castelo de Fontainebleau. — vista parcial. (Foto do S.F.I.)



O Castelo de Loches, no Loire. (Foto do S.I.F.)

mandam preparar desenhos na Itália, mas são mestres franceses que os executam de acordo com as necessidades e os costumes da França. É interessante observar, em muitos castelos, as incrustações de elementos vindos da Itália num corpo medieval, sendo a recomposição feita com tal sabedoria que jamais chegou a sofrer a harmonia do conjunto.

Em obras novas, continua sobrevivendo a planta antiga de torres redondas; estas torres não mais têm o objetivo de defesa, mas são conservadas como objetos de decoração e para que não seja destruído o caráter de dignidade e de força que uma torre empreste a um castelo nobre.

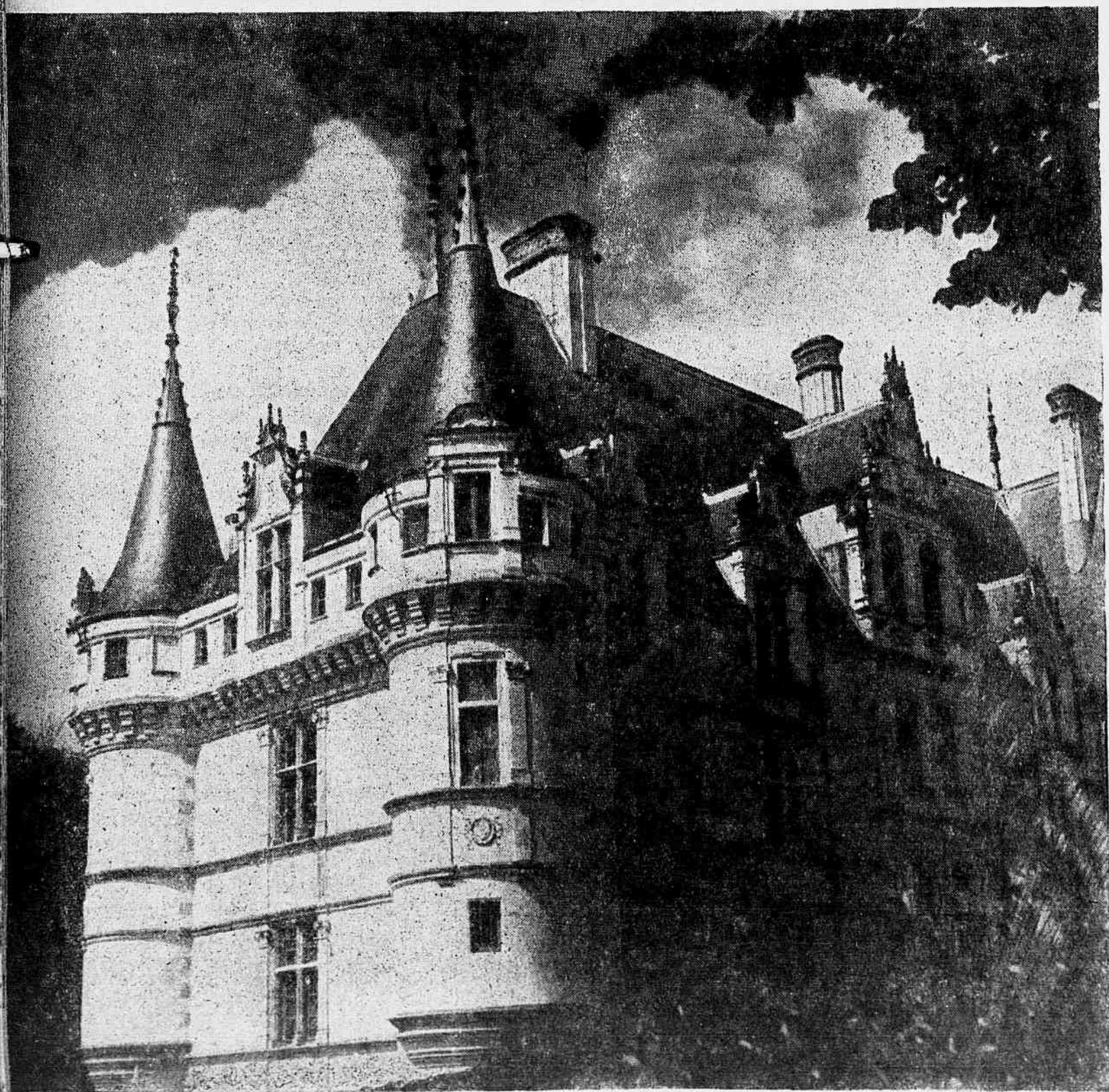
Tal foi o caso do castelo de CHAMBORD, cuja construção foi iniciada em 1519, por Francisco I, rei da França. As grandes janelas demonstram claramente tratar-se de um castelo de habitação; mas as torres foram conservadas. Esse grandioso castelo, situado no meio de uma floresta famosa pela sua caça, foi construído num tempo-récorde: vinte anos depois de iniciado, Francisco I já podia convidar o imperador Carlos V, a quem oferecia recepções faustosas.

Mais tarde, no reinado de Luís XIV, foi em Chambord que teve lugar um acontecimento literário importante: a estreia do "Bourgeois Gentilhomme" de Molière, na presença do rei. É curioso observar-se que a estreia não obteve sucesso. E só depois de representada pela segunda vez é que a peça imortal alcançou o êxito merecido, e o autor os cumprimentos do próprio rei.

No decorrer da célebre visita do imperador Carlos V a Francisco I, ambos percorreram o vale do Loire e visitaram juntos diversos castelos recentemente construídos ou remodelados.

Em AMBOISE, os festejos da recepção imperial atingiram o apogeu. Escreveu um historiador da época que foram acesos tantos archotes, naquela ocasião, que "os campos pareciam iluminados como durante o dia". O castelo encontra-se sobre uma elevação. A entrada é praticada numa torre antiga de circunferência tão grande que, dentro da mesma, a circulação é feita por meio de rampas, a cavalo, e mesmo em carruagens. Foi assim que Carlos V subiu, em companhia de seu real anfitrião.

Há outras recordações ligadas ao castelo de Amboise. Foi ali que morreu Leonardo da Vinci. Encontrado pelo rei, grande admirador da sua arte, durante a



O Castelo de Azay-le-Rideau. (Foto do S.F.I.)



campanha da Itália, aceitou o seu convite para ir trabalhar na França. Levou consigo o retrato de Mona Lisa que, ao que parece, se recusou a vender ao rei, e pintou para a capela do castelo a célebre tela "São João Batista", hoje no Louvre.

Transformado mais tarde numa prisão de estado, Amboise permaneceu nessa decadência durante muito tempo. Um dos últimos prisioneiros de destaque foi Abd El Kader, o líder rebelde da Argélia, predecessor de Abd El Krim, tão inesperadamente trazido de volta ao cartaz político.

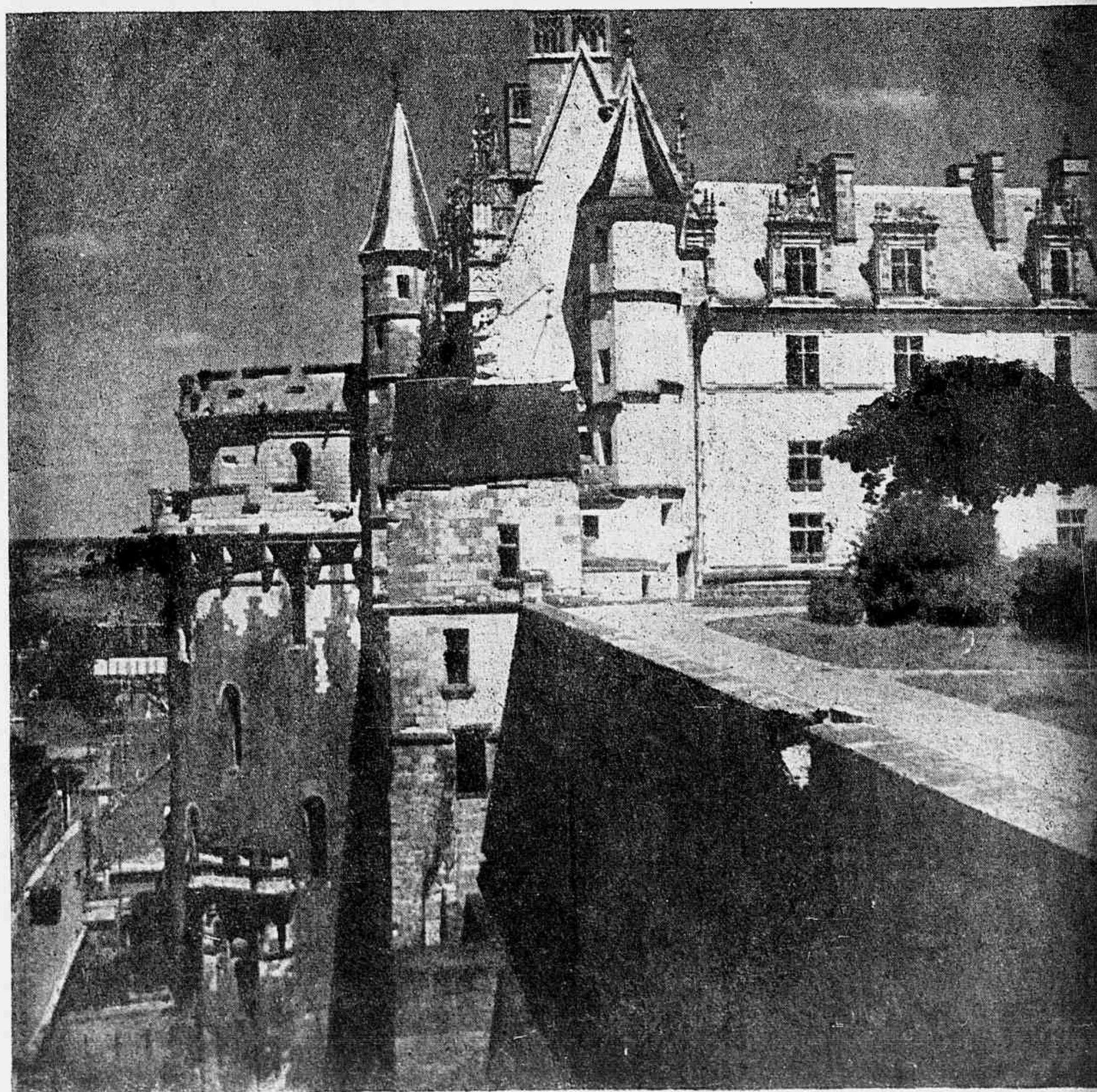
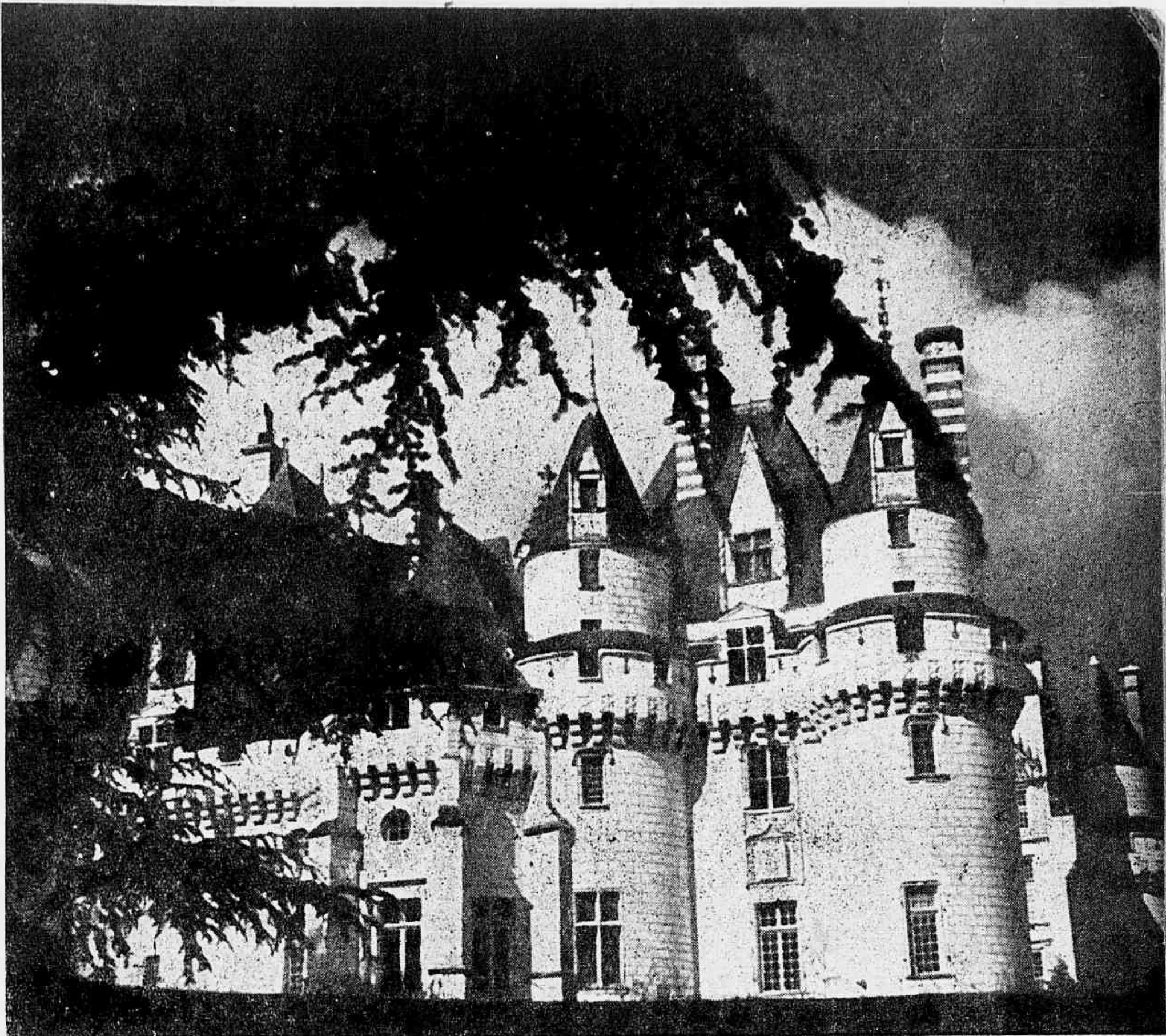
USSÉ é um dos castelos mais fantásticos que existem — a tal ponto, que a imaginação popular o identificou como o da "Bela Adormecida". Construído em pedra branca de Touraine, que não se deixa atingir pelos efeitos do tempo, parece uma construção de sonho dentro da floresta negra de contos de fada. Distinguem-se claramente os dois períodos da construção. As torres, perfeitamente aparelhadas para a defesa, são do fim do século XV; a parte central, com os corpos de habitação, do início do século XVI. A construção durou 60 anos.

O castelo de LOCHES foi transformado diversas vezes entre os séculos XI e XV. Tem um valor histórico, arquitetônico e pitoresco de primeira ordem. Serviu muitas vezes de residência aos reis. Contém o mausoléu da célebre Agnes Sorel, a favorita de Carlos VII, e também as sinistras prisões de Estado por onde passaram prisioneiros ilustres como Ludovico Sforza, o Duque de Alençon e muitos outros.

AZAY LE RIDEAU representa o tipo mais desenvolvido do castelo do século XVI. Foi iniciado em 1518. A preocupação da segurança militar não mais influi na composição. As torres são puramente decorativas e os enfeites arquitetônicos, como molduras, pilastras, etc., são de caráter nitidamente italiano, baseados nos prototipos florentinos da época de Alberti.

Essa joia da arquitetura da Renascença francesa, apesar de jamais ter pertencido à Corôa, recebeu a visita de três reis: Francisco I, Luís XIII e Luís XIV, justificando os lindos versos de Jules Lemaitre que se estendem a todos os castelos do Loire:

"La Loire est une reine et les
rois l'ont aimée
"Sur ses cheveux d'azur ils
ont posé jaloux
"Des châteaux ciselés ainsi
que des bijoux."



CHARLIE CHAPLIN

GÊNIO OU ESPERTALHÃO?

Processado pelo escritor Konrad Berco-
vici, que o acusa de plágio, utilizou em
seu último filme, "Monsieur Verdoux",
uma idéia de Orson Welles...

Por LUIS SERRANO

Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA",
em Hollywood.

HOLLYWOOD — Julho — Será Charlie Chaplin real-
mente um simples espertalhão, com muitos mi-
lhões de dólares e uma excelente publicidade? Pa-
ra o escritor Konrad Bercovici, Charlie Chaplin não é se-
não um espertalhão, afirmando que mandou ao famoso
ator cômico vários argumentos, inclusive um para um fil-
me sobre a ditadura de Adolf Hitler, que Carlitos teria
transformado em sua película "O Grande Ditador" apre-
sentando-o como trabalho original, de sua própria autoria.
Antes, em "Luzes da cidade", Chaplin fôra acusado de
haver plagiado, na história, a peça de Jean Sarment, "Les
plus beaux yeux du monde" e, na música, a velha e po-
pular canção "La violetera", que fizera a fama de Raquel
Meller. Agora, revela-se que "Monsieur Verdoux", o novo
filme de Charlie Chaplin, não passa senão de uma inteli-
gente utilização de uma idéia de Orson Welles, que tam-
bém se tem em conta de gênio. Quanto a mim, devo dizer
que entendo que Charlie Chaplin tem muito mais talento
do que Orson Welles e que as histórias, para ele são
o que menos interessa. O que é interessante é a sua ma-
neira pessoal de narrá-las. Como o rei Midas, Charlie
Chaplin converte em ouro tudo quanto toca.

Novamente, Charlie Chaplin se apresenta como au-
tor, diretor, intérprete e compositor, pois assegura que é
de sua autoria toda a música de fundo da película. Não
nega, entretanto, que deva a Orson Welles a sugestão da
realização da película.

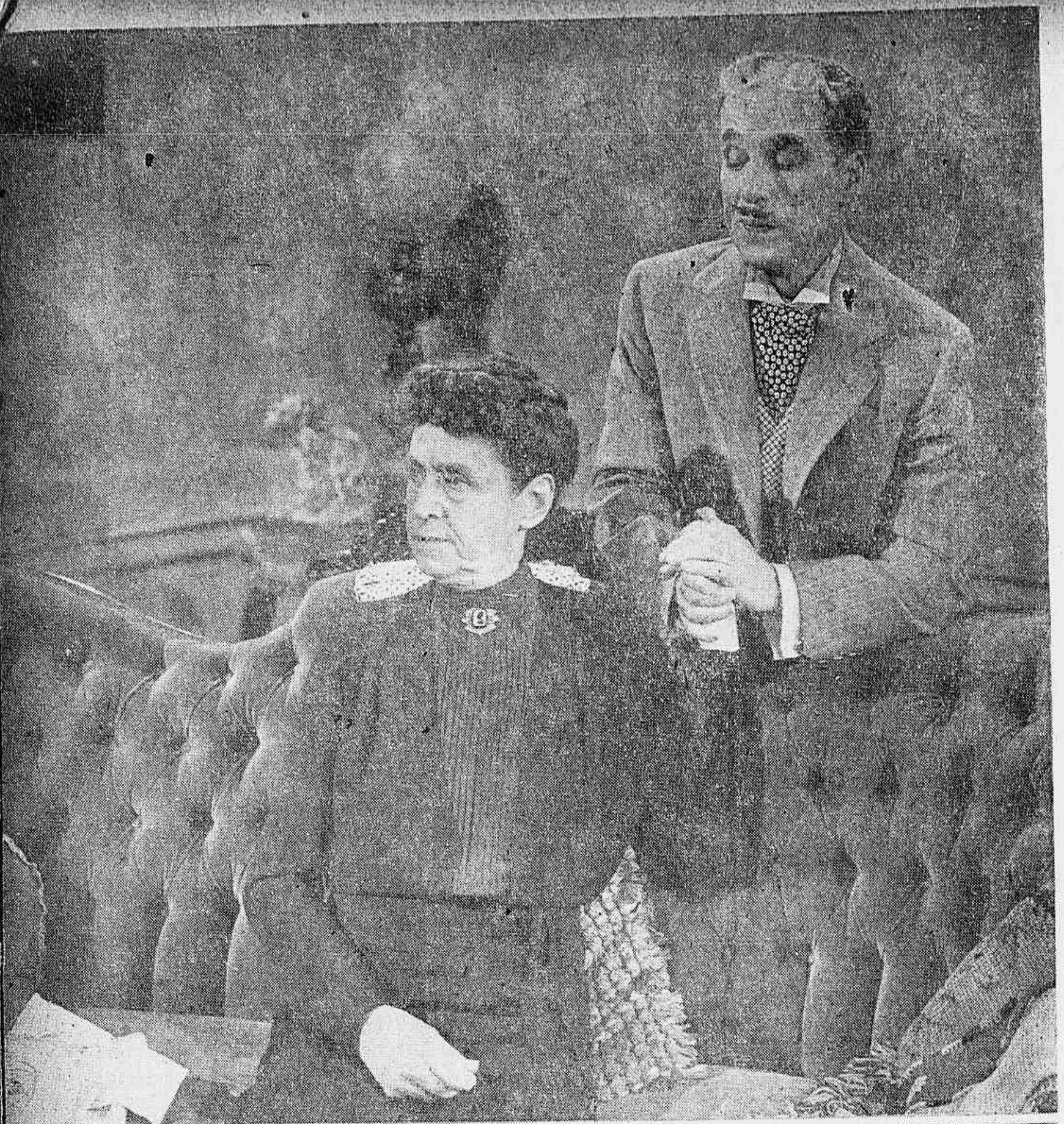
— Orson Welles, num encontro, quando almoçávamos
num restaurante, perguntou-me, de repente, porque não
filmava a história de Landré. No entender dele, devia ser
muito cômica, essa película, porque, se já se pode encon-
trar comédia na vida conjugal de um indivíduo com uma
só esposa, com muito mais razão a encontraríamos nas
aventuras de um indivíduo às voltas com várias...

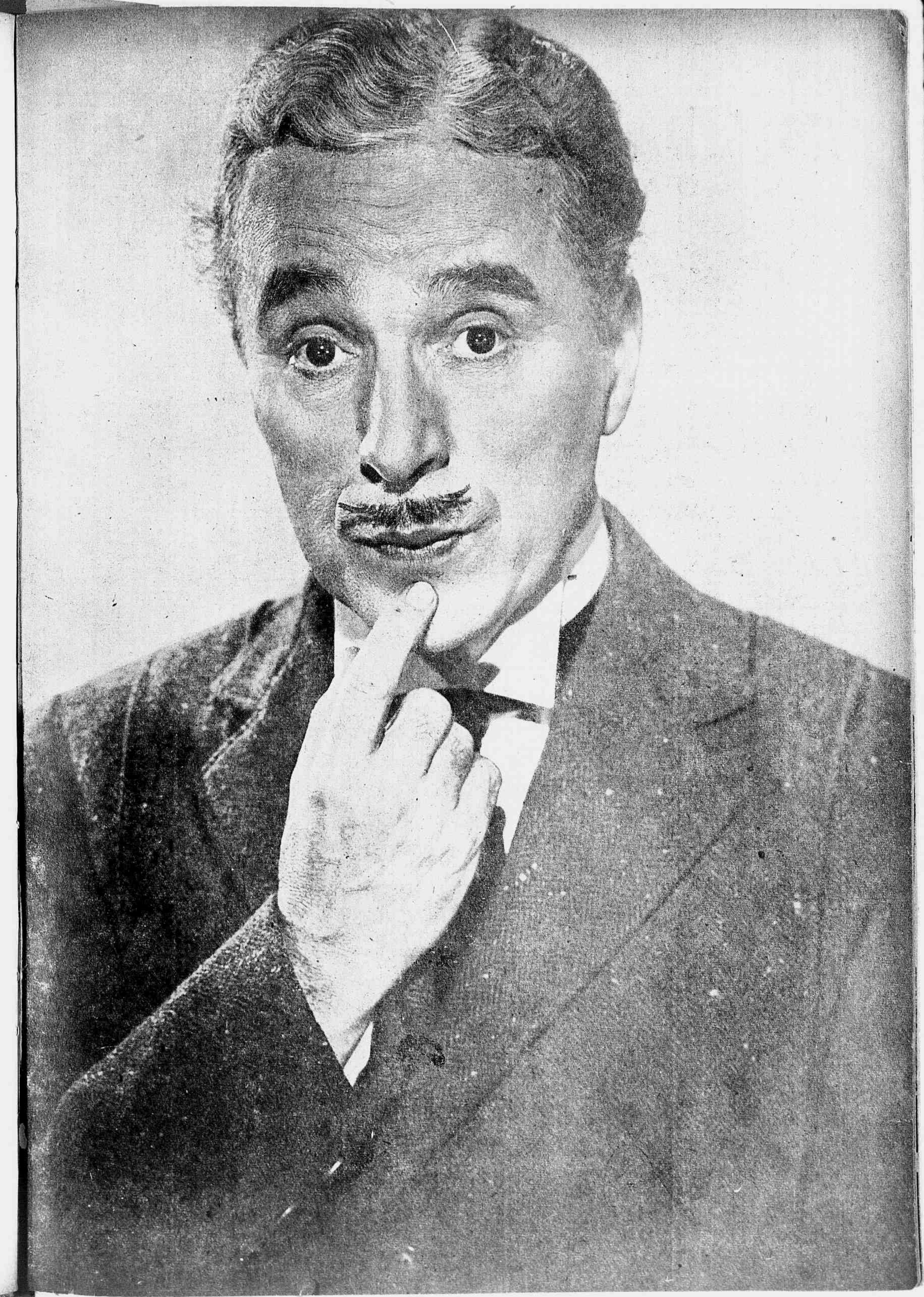
E acrescenta:

— Fiquei fascinado com a idéia, porque, por experiên-
cia própria, sei que não é tão fácil assim a gente se de-
sembragar das nossas esposas, quando elas não querem...

Pela primeira vez, depois de muitos anos, Charlie
Chaplin deixou o seu velho fraque, seus sapatos e sua
bençalinha cômica. Ele aparece diferente, elegante, de
uma elegância excessiva e, portanto, muito ao gosto fran-
cês. Em vez de seguir diretamente a vida de Landré e de
utilizar o nome do famoso assassino francês Charles Cha-
plin preferiu escolher um nome novo, que não estivesse as-
sociado à idéia de guilhotina. Há uma coisa ainda a no-
tar, a respeito de "Monsieur Verdoux". É que esse filma
completa a conversão do renitente Charlie Chaplin ao ci-
nema falado. É um filme, desta vez, cem por cento falado.
Por que essa conversão? Dizem que em razão do imenso
lucro auferido por Charlie Chaplin, ao re-exibir sua velha
película silenciosa "Em busca do ouro", com sincroni-
zação e descrição inteiramente falada por ele próprio...
Convenção-se-ve, assim, de que, com sua voz, poderia
obter efeitos cômicos tão bons quanto com a sua mí-
mica. Assim, "Monsieur Verdoux" é o primeiro filme cem
por cento falado de Carlito, — um Carlito que não tem
mais nada em comum com o vagabundo romântico de "O
circo" e de "Luzes da cidade"...

A esquerda: duas cenas em que aparece o novo e elegante
Charlie Chaplin. À direita: o famoso comediante que, se-
guindo o conselho de Orson Welles, filmou "Monsieur
Verdoux", como uma espécie de paródia da vida e dos
amores de Landré.





EDILIDADE CARIOCA

ESCRAGNOLLE DORIA

Na renovada ordem do dia das grandes cidades há sempre uma questão palpitante para aprasimento ou irritação de ânimos populares.

Agora, no Rio de Janeiro, questão palpitante irrita ânimos, divide opiniões, suscita polêmicas, levanta vozes de pró e contra, de sins e de não.

Tal a questão da autonomia do Distrito Federal. Mais de perto coração toca aos cariocas por tanto tempo chamados fluminenses, nome mais pertencente aos nascidos na outrora província ora Estado do Rio de Janeiro.

Por mais que se intente fazê-lo, impossível é separar presente de passado. Augusto Comte tem razão, os mortos governam os vivos, governando-os pelas lições da História, procurando resguardar a geração transitante pela existência dos erros, dos crimes, das ilusões, de tudo quanto deshonrou ou afligiu as gerações transatas.

A respeito de autonomia municipal seja lembrado um meio autonomista de há três séculos. Privilegiou a cidade do Rio de Janeiro, a vereança carioca como a paulista sempre tida em especial consideração pela metrópole.

Basta dizer em abono da vereança da capital paulistana que a ordem régia mandou na capitania de São Paulo, para o provimento de cargos públicos, fossem preferidos os paulistas aos portugueses.

E mais, a mesma ordem régia, com a força do posso, quero e mando, determinava que à vereança de S. Paulo deviam caber as mesmas prerrogativas usufruídas pelas Camaras Municipais mais privilegiadas do reino.

Diga-se em seguida do meio autonomista carioca de há três centúrias, no reinado de Sua Majestade, o Senhor D. João IV, o Restaurador.

Fundando dinastias, tirou Portugal do

poder espanhol, êle D. João IV casado com a castelhana Medina Sidonia, Luísa de Gusman, que, ao hesitar o marido na recuperação da pátria, lhe disséra, toda energia, mais vale viver reinando que viver servindo.

Em 1640, rei, o oitavo duque de Bragança, deixou de viver, servindo, podendo em 1647 tornar seu primogenito D. Teodosio, o primeiro príncipe do Brasil.

No mesmo ano de 1647, há pois, três séculos justos, D. João IV achava-se em Alcantara, cujo vale é tão ligado ao aqueduto das Aguas Livres em Lisboa.

Em Alcantara firmou D. João IV o ato solene pelo qual eram concedidos prerrogativas e título à cidade do Rio de Janeiro.

Disse o ato de investidura cidadina:

— Havendo respeito ao grande —
— amor e lealdade, com que os —
— moradores da cidade de São Se-
— bastião,

— do Rio de Janeiro me tem servido —
— e servem em tudo que se oferece —
— de meu serviço, bem comum —
— conservação, e defesa do estado —
— do Brasil, desejando fazer-lhes —
— mercê muito conforme á boa —
— vontade, que lhes tenho e que —
— merecem por as razões referidas: —
— Houve por bem fazer-lhes mercê, —
— que em ausencia do governador,

— ou
— alcaide mór d'aquella praça, faça —
— a camara da dita cidade, o officio —
— de capitão-mór, e tenha as xaves —
— d'ella; e outro sim lhes faço —
— mercê do titulo da — Leal —
— O desembargo do paço lhe faça —
— passar

— n'essa conformidade as doações e —
— mais despaxos necessarios —

— Em Alcantara a 5 de Junho de
— 1647

Rei.

Em 1647 o monossilabo Rei tinha força de Lei, pelo direito divino o soberano considerado a lei viva sobre a terra, na ressalva do poder supremo atributo do Todo Poderoso.

Antes de continuar a dizer sobre a recompensada cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, seja notado que a consideração da corôa portuguesa pela cidade carioca se não limitava a palavras, que tanto o vento leva.

Manifestava-se por atos aquela consideração. Um exemplo. Certo chanceler da Relação do Rio de Janeiro insistiu pela condenação de um réu, tido por inocente por demais juizes, declarando o insistente; "a pátria não tem crimes mas é uma desgraça o ser nascido no Brasil."

Chegado ao rei a notícia da declaração de menoscabo, logo um aviso régio mandou que o chanceler do Rio de Janeiro sofresse "dura repreensão" pela sua desacertada ousadia.

O documento existe, em minuta e original, em arquivo nosso.

Voltando ao ato de Alcantara seja lembrado quanto outrora a posse das chaves de uma cidade representava, no seu simbolismo. Aquela posse ainda foi de importancia e entrega no século XIX, quando a fortificação das cidades ultrapasava a defesa das muralhas.

De conformidade com a mercê de 1746, na ausência do governador ou do alcaide-mór a Câmara Municipal carioca assumiria a direção de Sebastianópolis, transferida a governança do poder civil ao poder municipal, velho de tradições no Rio de Janeiro.

O primeiro executor das Mercês de D. João IV foi o governador Duarte Cerrão

Vasques. No tr dos tempos a vereança carioca ainda logrou os títulos de Senado da Câmara, em 1757 e de Ilustríssima Camara em 1823, as antigas vereanças compostas de tres vereadores sob a presidencia do juiz de foro.

Igualmente a cidade do Rio de Janeiro, em 1823, obteve acrescentamento de títulos, e honras por carta imperial de D. Pedro I, a 9 de Janeiro de 1823. Passou de Real a Muito Real e Heróica, no primeiro aniversário do Fico, no qual a edilidade carioca desempenhara papel tão decorativo e vistoso.

A compendiação dos fastos da municipalidade carioca ocuparia volumes e volumes, preenchendo vidas de não poucos rebuscadores, que se não de habilitar com paciência a conhecer a nomenclatura antiga dos logradouros do Rio de Janeiro.

Nesta substituição de nomes de vias coube sempre ao poder municipal às vizes infetos na denominação ou mudança de nomes de logradouros, substituindo-os às vezes em massa.

Assim sucedeu na vigência da Camara Municipal de 1867-1868, com seus nove vereadores e suas quatro sessões mensais, a Ilustríssima presidida pelo dr. João Baptista dos Santos, futuro visconde de Ibituramo.

Em 1867 e 1868 foi grande a substituição, no Rio de Janeiro, dos nomes de praças, ruas, travessas, bôcos e ladeiras.

Sete de Setembro, ficou sendo a rua do Cano, denominada destarte por passar por ela o encanamento destinado ao alimento do chafariz do largo do Paço ou hoje Praça Quinze.

Os antigos Caminho Velho e Caminho Novo de Botafogo receberam nomes Ilustres quais os de dois homens simplesmente chamados Senador Verqueiro e Marquês de Abrantes e quem saiba dobre a vida de ambos na história pátria e seus numerosos capitulos.

No Rio de Janeiro antigo os ciganos desmentiram sedentários a tradição de nomadismo da raça, tão conhecida no mundo inteiro.

Na cidade carioca — a virgem e significação do apelativo está bem explicada em erudita monografia do dr. João Francisco de Sousa — estabeleceram-se os ciganos em dois pontos proximos da Cidade Velha e Cidade Nova. Moravam na rua do Sabão da Cidade Velha e do Sabão da Cidade Nova, ambas há pouco desaparecidas com os seus nomes de General Camara e de Visconde de Itaipua.

Nas duas vias publicas de nomes comuns e higênicos em duas partes urbanas distintas residiam muitos ciganos, bastantes deles admitidos a meirinhos, ex-denominação dos atuais oficiais de justiça.

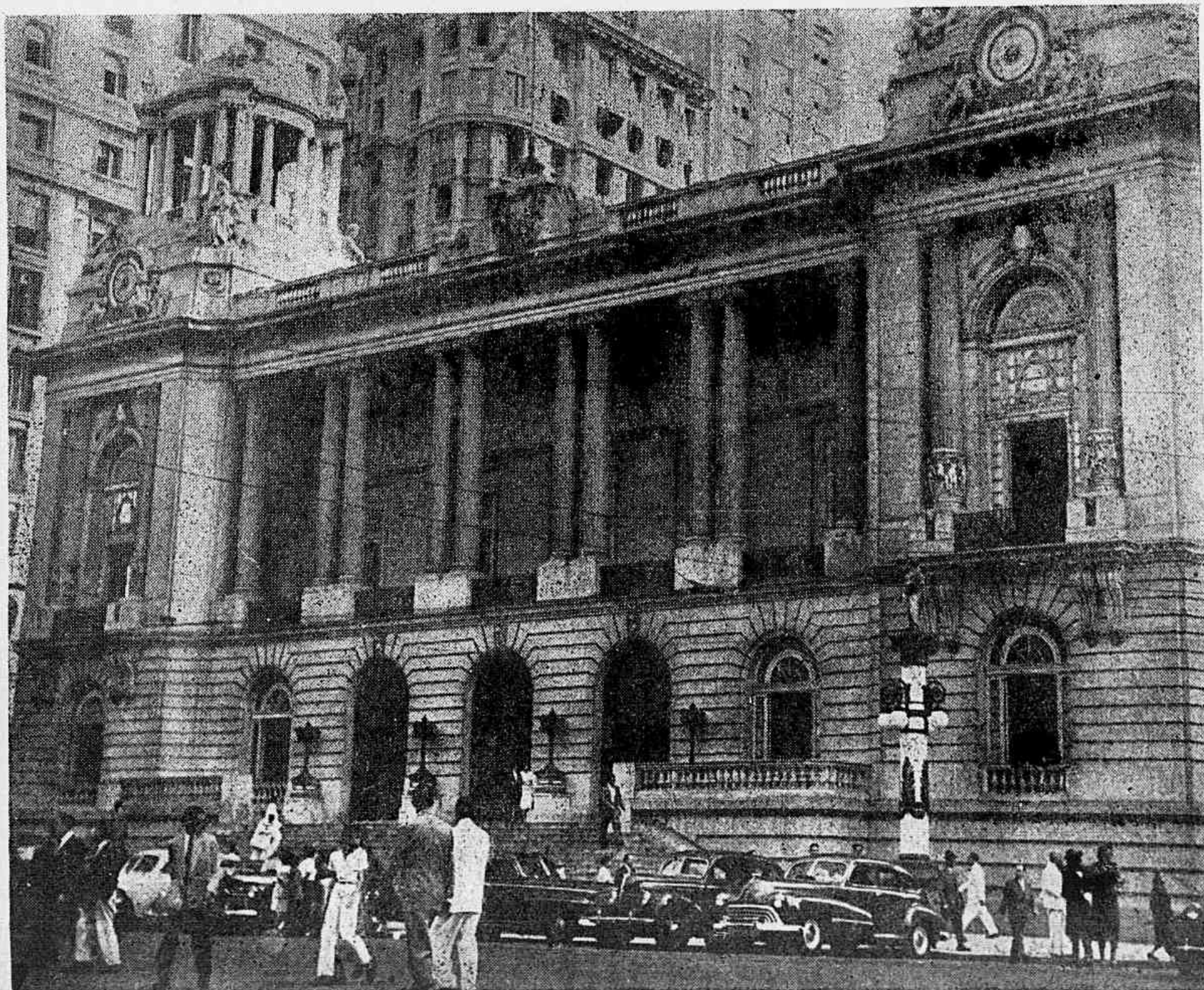
A rua dos Ciganos da Cidade Velha em 1868 recebeu nome em nada a recordar o antigo. Chamou-se rua da Constituição e ainda tal se nomeia conservando sentido generico em país de cinco Constituições até agora.

Circunvalado de morros, o Rio de Janeiro é cidade de bastantes ladeiras, planificando-se mais na zona suburbana e na rural, ambas zonas de meio do todo sertão.

Em 1868, na freguesia de Santa Anna a ladeira de S. Lourenço, de alta vista sobre o Quartel General do Exército, estava repartida de nome passando a ladeira do Faria até a chácara de José Antonio de Faria, daí até o alto do morro denominada ladeira do Barroso.

Incumbida de velar pelo Rio de Janeiro, e seus logradouros públicos, tantas vezes e sobretudo agora de verdadeiro logro público, até hoje a Camara Municipal não conseguiu ter carta fixa. Quando pensa morar de vez a mandam mudar-se ou extinguir-se, mandando-se-lhe a mobília.

Não há necessidade de certidão de óbito para atestar a morte de Herodes, nem a de Pilatos. Mas, cumpre dizer que, incontestavelmente, século a século, a edilidade carioca tem vivido mais ou menos de Herodes para Pilatos.



A sede atual da Câmara Municipal. Daqui foram enxotados os vereadores, após o golpe fascista, sendo no local instalado o gabinete do prefeito do Distrito Federal, a serviço da ditadura getuliana. Agora, os vereadores lutam para manter suas prerrogativas de legisladores, ameaçadas pelo Senado Federal.



GERDAL dos Santos é o que se pode chamar de menino prodígio. Nascido a 27 de Outubro de 1929, nesta cidade, aos dezoito anos já é um cartaz em nosso "broadcasting" através de atuações que tiveram início na "Hora do Guri", da Rádio Tupi e vêm-se prolongando ao microfone da Rádio Globo, nos programas de teatro-cego. Antes de sua entrada para a PRE-3, trabalhou na Mayrink Veiga, na Cruzeiro do Sul, na Rádio Club do Brasil, na Tamóio e na Rede Fluminense de "Broadcasting". Teve destacando papéis em "Paulo e Francesca", quando viveu Malatestino, e em "Silêncio", personificando Tostão. Ao cinema nacional já emprestou seu concurso, aparecendo, em "Goal da Vitória", "Romance de um mordedor" e "Sob a luz do meu bairro", todas produções da Atlântida. Também no teatro tomou parte no "Teatro Infantil" da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, sob a direção de Olavo de Barros. Aluno da Moderna Associação Brasileira de Ensino, nem por isso deixa de prosseguir na carreira radiofônica, onde só tem colhido louros. Fan de Zézé Fonseca, Amaral Gurgel, Silvio Caldas, Norka Smith e Urbano Loes, no cinema prefere Merle Oberon e Gary Cooper. É torcedor do Flamengo, sendo seu esporte predileto andar de bicicleta, o que faz nos momentos de folga. Gerdal dos Santos, apesar dos seus dezoito anos, mantém a mesma atitude infantil de quando ingressou no rádio e vive em completa harmonia com seus companheiros de emissora, tratando-os com lhanza. Nos intervalos dos programas em que toma parte, é comum vê-lo às voltas com um livro, sendo admirador da obra de Castro Alves.

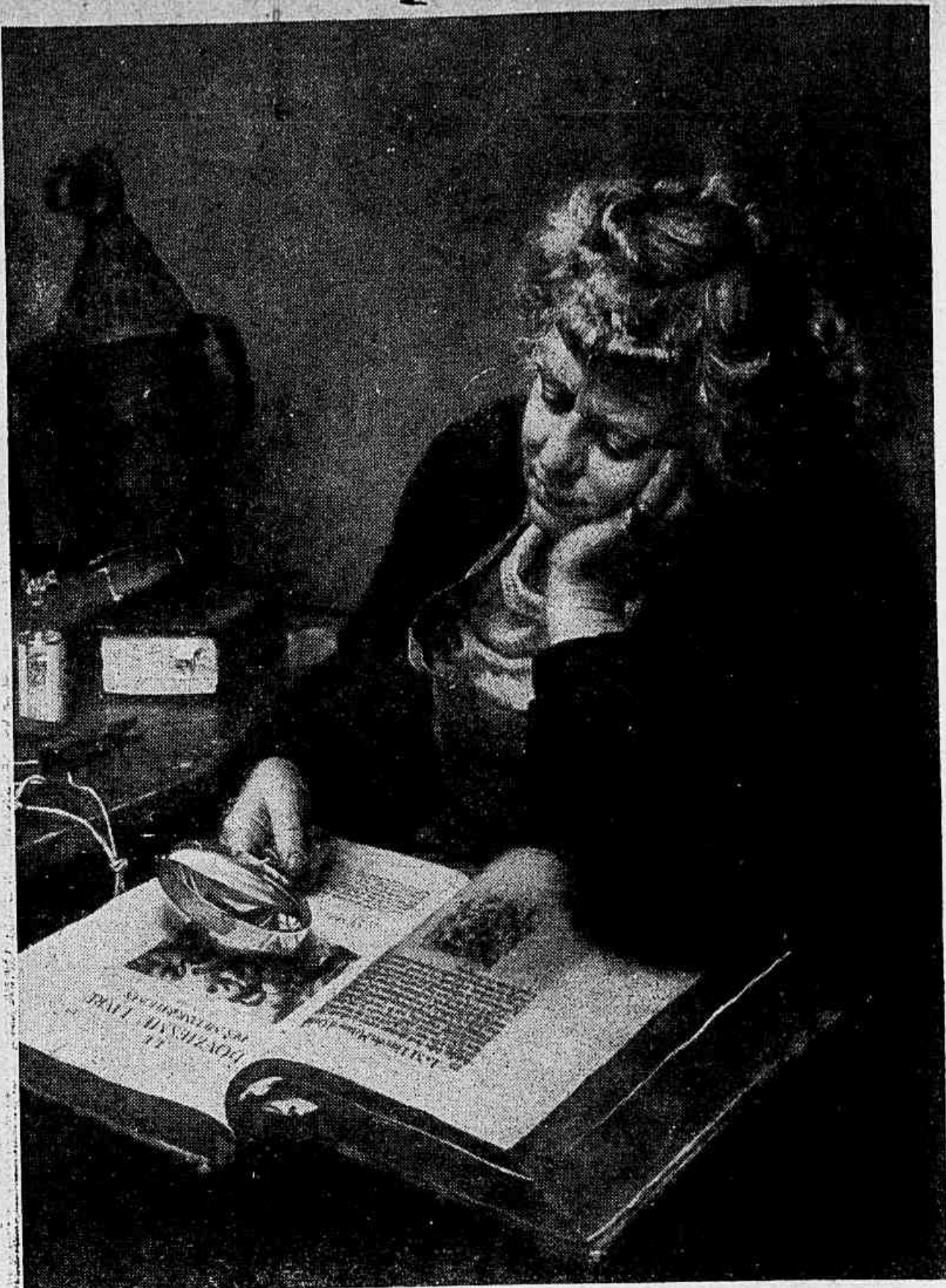
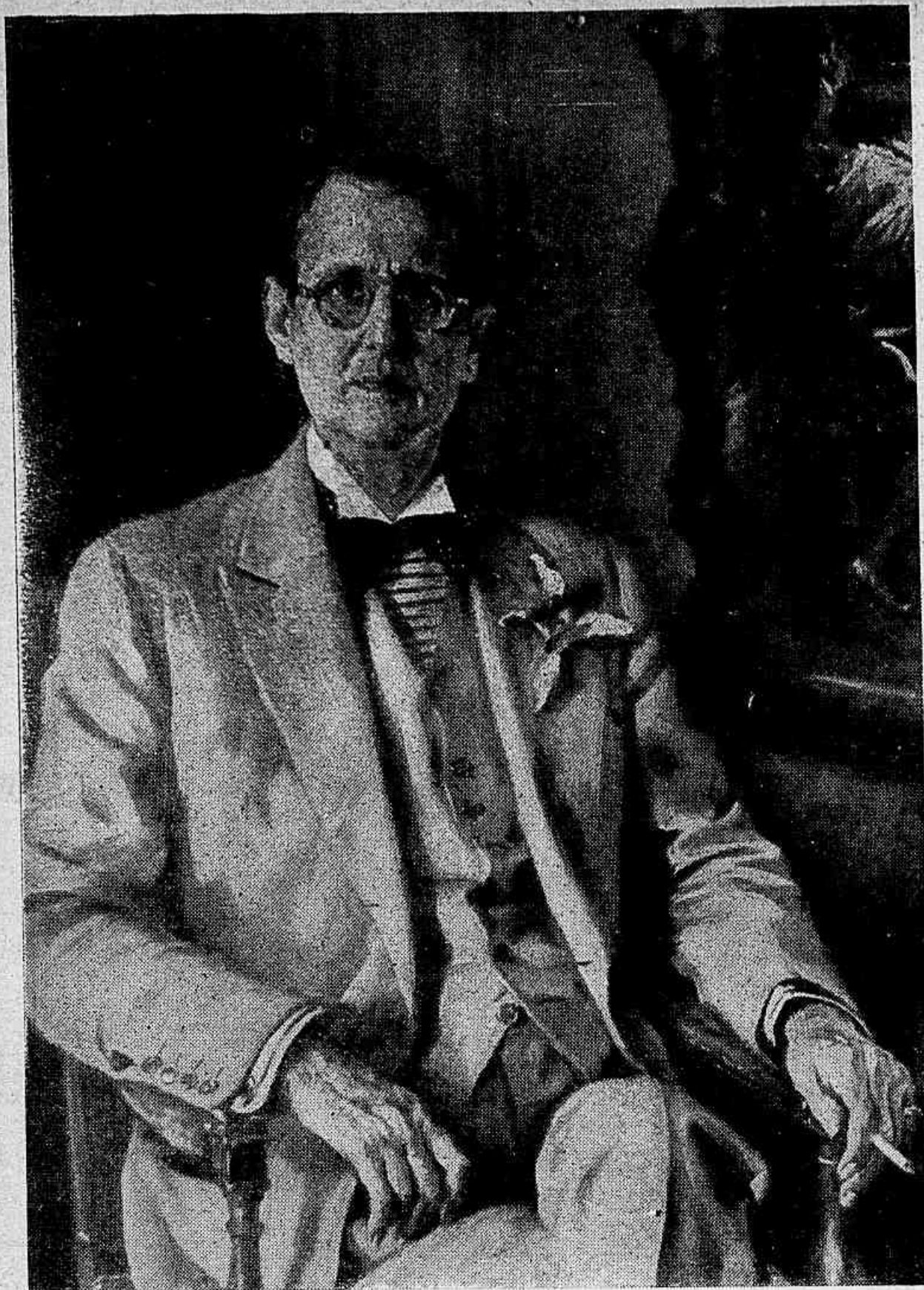
OS que se habituaram a ouvir a voz bonita de Fada Santoro, nos alegres e divertidos "shows" da Urca e do Copacabana, por certo não estranharam sua presença nos programas de estúdio da Rádio Mauá e nas diversas histórias seriadas que a PRE-3 irradia diariamente. É que a jovem artista, hoje contando vinte e dois anos incompletos, pois nasceu a 29 de Agosto de 1925, nesta cidade, possui qualidades para triunfar no "broadcasting" carioca, tanto como intérprete de música popular, tanto como rádio-atriz. Ainda agora, Sady Cabral a escolheu para viver uma das personagens "de um vagabundo conta sua história", novela de Alvaro Augusto, que a PRE-3 apresenta às segundas, quartas e sextas-feiras, às 11 horas e 30 minutos. Possuindo o curso ginasial completo, Mafalda Santoro, este seu verdadeiro nome — ambiciona ser locutora, sem prejudicar, é claro, sua atuação no canto e no teatro-cego. Quando de sua presença no elenco das "boites", integrou o corpo de "girls", dada a sua plástica impecável. Na vida privada, dedica-se aos afazeres do lar e à ampliação de seus conhecimentos artísticos, estudando e lendo muito. Admira o teatro e não despreza o cinema, esperando mesmo tomar parte no cinema nacional, uma vez que é muito fotogênica. Sua simpatia para com os fans é enorme, atendendo-os nos pedidos de autógrafos e fotografias. Fada Santoro promete para breve uma audição de canto em "Rapsódia Carioca".

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS EM QUATRO

VICTOR de la Peña Gusmão é o nome real de Mario Mendez, cantor exclusivo da PRE-8, e funcionário da Divisão de Caça e Pesca. Tendo cursado a Escola Politécnica até o terceiro ano, tornou-se exímio desenhista, profissão que exerce até hoje. Seu ingresso no "broadcasting" carioca saiu-lhe por cinquenta cruzeiros, preço da inscrição num concurso organizado por Duarte de Moraes, ao tempo em que este pertencia à Ipanema. Na PRH-8 permaneceu pelo espaço de três anos e meio, usando o pseudônimo de Orlando Perez. A seguir, inscreveu-se em "Papel Carbono", tendo Renato Murce lhe dado o nome de Mario Mendez. Sua imitação foi a de Pedro Vargas, cantor de sua predileção. Saiu-se bem da prova, uma vez que a PRE-3 o contratou por dois anos, apresentando-o no programa "Serenata mexicana". Da Rádio Club do Brasil, foi para a PRE-8, onde vem tomando parte em "Um milhão de melodias", "Aquarela do Brasil", "Nas azas de um clipper" e "Programa Luis Vassalo". Intérprete das melodias de Agustín Lara, Gabriel Ruiz, Domínguez e outros, ele foi o primeiro cantor que se dedicou à música mexicana, logo após a primeira temporada de Pedro Vargas. No teatro, Mario Mendez trabalhou na companhia de Vicente Marchelli, cantando várias operetas, inclusive "A Viúva Alegre", em que viveu o conde Danilo. Filho da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, estudou canto com o professor Perrota, quando aluno do Liceu de Artes e Ofícios. Também foi aluno do Colégio Salesiano.

HENRIQUETA Briebe é um nome que dispensa referências, tal a sua projeção no cenário artístico brasileiro. Iniciando sua carreira artística no teatro, integrou o elenco de várias companhias e trabalhou com afinco para assegurar uma posição de destaque, a qual mantém até hoje, apesar de afastada da ribalta. No "broadcasting" nacional, a querida artista, com os conhecimentos trazidos do teatro, logrou captar a simpatia do público ouvinte para a sua atuação, através de papéis marcantes em muitas das novelas que a PRE-3 tem apresentado. Com Valdo de Abreu, Moacir Bueno Rocha e outros mais, Henriqueta Briebe deu relêvo aos espetáculos de teatro cego da Rádio Ipanema, emissora a que pertenceu até assinar contrato com a Rádio Nacional, da qual é artista exclusiva. Nascida na Espanha, há muito radicou-se em nossa terra, onde aliás, tornou-se figura de primeiro plano de várias companhias de comédia. Incidentalmente pertenceu a companhia de revistas Casada com o ator J. Matos, hoje trabalhando ao seu lado na PRE-8. Henriqueta Briebe pode ser ouvida em diversas novelas, inclusive em "Amanhã seremos nós", de Eurico Silva, que vai ao ar às segundas, quartas e sextas-feiras, das 21 às 21,30 horas. Também toma parte em programas, inclusive "Obrigado, doutor", "Tancredo e Trancado" e "Romance musical", este irradiado aos domingos, às 13 horas. Fora do rádio, a conhecida atriz dedica-se ao lar e quando lhe sobra tempo não deixa de ir ao cinema.





Em cima: à esquerda, retrato do Sr. Guilherme Guinle, datado deste ano; à direita, "La Bouquiniste", datado de Paris, — 1942 — ano da ocupação alemã. Em baixo: detalhe do quadro "Une femme se coiffent", Paris, 1946. Na página à direita, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme de Barros Câmara, posando para o pintor russo Serge Ivanoff, com seus paramentos cardinalícios. (Foto Kurt Paul Klagsburn).

UM PINTOR RUSSO NO RIO

POSOU PARA SERGE IVANOFF O CARDEAL-ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO, D. JAYME DE BARROS CÂMARA. — OUTROS DOS SEUS RETRATADOS



SERGE Ivanoff, nascido em Moscou e antigo aluno da Academia de Belas Artes de São Petersburgo, atual Leningrado, membro honorário da Société Nationale des Beaux Arts de Paris e pintor de reputação internacional, está presentemente no Rio de Janeiro, onde vai apresentar seus trabalhos dentro de alguns dias, na Galeria Vendome. Desde que se acha nesta capital, o pintor russo tem trabalhado infatigavelmente, fazendo uma série de retratos, entre os quais se destaca o de Sua Eminência o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme de Barros Câmara, que posou para Serge Ivanoff, com seus paramentos cardinalícios. Aliás, não é a primeira vez que uma figura ilustre da Igreja posa para Serge Ivanoff, pois é ele também autor de retratos do cardeal-primaz da Bélgica e do arcebispo de Chartres. Além do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Serge Ivanoff pintou retratos de várias personalidades de destaque da nossa sociedade, como o Sr. Guilherme Guinle, o poeta Augusto Frederico Schmidt, a senhora Delamare, — e ainda várias figuras do mundo diplomático. Nestas duas páginas reproduzimos alguns dos trabalhos de Serge Ivanoff que nos ilustram sobre a técnica vigorosa e, por vezes, até mesmo exuberante, do pintor russo que ora nos visita.



"A melodia é a essência da música". Magnífico corcel a galopar pelos caminhos do som. O resto não passa de velho e tardo rocim. A melodia é tudo. A gente não aprende uma melodia, sente-a. Que se dane o estudo! "Chi sa piàù, meno sa". O que sabe mais é o que menos sabe. "Venham", dizia Papai Mozart, "vamos assobiar uma melodia!"

O Papai Leopold Mozart era músico oficial do arcebispo de Salzburg. Mamãe Mozart era a senhora mais bonita da cidade. O pequeno Wolfgang tocava piano genialmente. Amava os tons do seu "violino de manteiga". Dizia-se que os ouvidos dessa criança eram magicamente sensitivos. Antes de aprender a ler era já capaz de distinguir o diapasão de um instrumento até à oitava de um tom. Que olhos grandes e animados! Dir-se-ia até que fossem grandes demais para o seu rosto. "E diga-nos, Papai Leopold", perguntava a gente de Salzburg, "que é o que vêem aqueles olhos?" Resplandeciam nêles a luz do gênio. Gênio musical. Parecem dizer, "Não sei escrever poemas. Não sei pintar quadros. Mas sei fazer música, Papai Leopold. Sou um músico nato".

Estranho sujeitinho, Wolfgang. Atirava os braços à roda do pescoço do pai e da mãe e perguntava-lhes, com vózes ao dia, se ainda lhe queriam. E quando o pai, por brincadeira, respondia negativamente, ameaçavam lágrimas aos olhos do rapazinho, e os seus lábios principiavam a tremer. Que é o que se pode fazer com uma criança assim? Amarrar-lhe o coração? Mas se até o sim de uma trombeta lhe punha na alma espasmos de dól!

O mundo mostrar-se-á duro para com ele. Mas, que monta o mundo? Por que perder tempo em lamentações? Wolfgang é uma criança de gênio. Ele que tire disso o melhor proveito.

★

Aos cinco anos de idade escreveu Mozart um concerto para piano de difícil execução para qualquer um. Espantoso dom! Faça com a criança uma excursão artística pelas grandes cêrtes da Europa. E leve a irmazinha que é, também, uma criança de gênio. Os seus bolsos ficarão abarrotados de dinheiro, florins, luíses de ouro e ducados. Explore os pequenos. Toda a gente ficará louca por esses bichinhos e os encherá de caramelos e beijos. Papai Leopold não hesitou. Levou-os a Munich, para tocarem diante de Maria Teresa, rainha austríaca. Depois a Heidelberg, onde os dedinhos de Wolfgang voavam sobre o teclado do órgão com tamanha rapidez que deixaram sem fôlego o auditório. Levou-os a Frankfurt para conhecerem o grande poeta, Goethe, e depois à França, para divertirem o séquito de Madame Pompadour. A Londres, à Holanda. Uma jornada de gênio, beijos de imperatrizes e aplausos de reis. Mozart era a nona maravilha do mundo! O "Bach de Londres", filho do grande Sebastian, dizia que muitos músicos da cêrte conheciam menos música ao terno da carreira deles do que Mozart ao princípio da sua. Como era grande e cheia de cachos aquela cabeça! Demasiado grande, acaso, para o corpo franzino. E sabia demais, também, murmuravam os amigos mais argutos da família. Uma chama tão brilhante queimaria muito cedo o óleo do corpezinho delicado.

Quando o menino cresceu um pouco, foi para a Itália, a terra das melodias faiscantes, das árias ardentes, dos céus muito suaves. Sítio perfeito para o desenvolvimento do talento de Wolfgang. Per Dio, pois se era o berço dos fazedores de música! Ele escreveria óperas para as gordas prima-donas de vozes vibrantes. Abarrotaria os teatros com as suas melodias e granjearia renome e cabedais sob os aplausos do mundo inteiro. E tudo isso em idade pouco maior de treze anos! Seria ele, acaso, jovem demais para tais sonhos? Absolutamente. As óperas não eram difíceis de se escrever, sobretudo para quem já havia dirigido em público uma missa solene, embora muito pequeno para ser visto pela maior parte da congregação. A feitura de uma ópera não era nada para um

A VIDA DE MOZART

WOLFGANG AMADEUS MOZART — 1756-1791

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

menino com tanto gênio. E que memória! As notas do sagrado *Miserere* cantado na Basílica de São Pedro nunca haviam sido postas por escrito. Era proibido. O menino, porém, ficou tão impressionado com a música, após ouvi-la pela primeira vez, que escreveu depois, de memória, toda a partitura. E o Papa, a quem não faltava senso de humor, fê-lo Cavaleiro da Ordem da Espora de Ouro, embora mal orçasse ainda pelos quatorze anos. Desde então foi ele conhecido como "o Cavaleiro Mozart", outorgando-lhe ainda a Sociedade Filarmônica de Bolonha o título de sócio. Depois de tal reconhecimento, que era a feitura de uma simples ópera?

Escreveu a sua ópera, estribando-se no tema do rei Mitridates. Foi um triunfo instantâneo. "Viva o Maestrinho!" aplaudiam os espectadores, batendo no pavimento com os pés. Escreveu um dos críticos: "O jovem maestro estuda o belo da natureza e devolve-nos essa beleza engalanada com a mais rara graça musical". E resmonearam os compositores já famosos entre os pêlos das suas barbas. "Esse jovem músico arrivista nos deixará a todos no esquecimento!"

★

E' triste a história quando a fama chega, na vida, demasiado cedo. À medida que se cresce deixa o mundo de consi-

derar a gente como criança prodígio; as aclamações do público há muito já que se tornaram indistintas. Repontava agora uma barbilha no queixo do jovem Mozart, transformado em artista maduro e muito mais consciente. Gastara longos e trabalhosos anos de estudo desde a aurora milagrosa do seu gênio. "Garantilhes, meus queridos amigos, que ninguém, como eu, consagrou tanto cuidado à técnica da composição. Dos grandes mestres não há um cujas obras eu não tenha estudado frequentemente e com diligência".

E' agora que crescera e se tornara um homem, compreendeu quão pouco se apreciavam os homens uns aos outros. A sua época de criança prodígio ficara esquecida. Empregado como primeiro violino junto ao arcebispo da sua cidade natal, ganhando vinte e cinco marcos por mês, sentia-se, naquele ambiente, terrivelmente infeliz. O arcebispo tratava-o com desprezo por causa da sua idade, e não se fiava da sua habilidade musical. O fato de não haver Mozart passado pelos exercícios formais do conservatório, bastava para desacreditá-lo aos olhos de Sua Excelência. Repetia-lhe a miúdo o prelado que fosse para algum lugar onde viesse a "aprender música de verdade". Mozart, humilhado, decidiu sair de Salzburg e buscar outro emprego. Quem escrevera óperas aos quin-

ze anos e fôra o al-Jesus do mundo inteiro, seria, fatalmente, reconhecido outra vez.

O pai mostrou-se mais prático e mais pessimista. Despediu-se dele com os olhos orvalhados de pranto. "Abraço-se com Deus, Wolfgang", exclamou; "você ainda conhecerá verdades amargas acerca dos homens".

E, de feito, era o destino de Mozart desiludir-se desde o princípio. Foi para Munich diante de cujo Eleitor tocara quando criança. Naquele tempo o grande homem abraçara-o e dera graças a Deus pelo gênio de Mozart. Quando este, porém, lhe solicitou um emprego, mostrou-se frio o Eleitor. Não havia vagas, disse ele. Talvez mais tarde, quando Wolfgang tivesse estudado alguns anos no conservatório...

Foi o moço para Augsburg. Por que razão não convidavam os seus mestres os maiores talentos da Itália, da Alemanha, da França, da Espanha e da Inglaterra para competir com ele em qualquer forma de música? Nada havia, que não pudesse fazer. Poderia até proporcionar mais emoções do que um mágico se era por isso que suspiravam os outros. Dessem-lhe um tema em Sol menor, e ele improvisaria uma fuga ao clavicórdio em tom maior numa dúzia de tempos diferentes, e, em seguida, executaria o mesmo tema de trás para diante numa serenata. Isso, certo, lhe granjearia a admiração dos que tinham empregos à sua disposição. Ou então, por que não dar lições de música? Se o fizesse, não viriam procurá-lo milhares de raparigas, fascinadas pelo azul cinzento dos seus olhos e pelos seus cabelos ondulados? E no intervalo das lições, lá-las-ia voltear em dansas primorosas. "Sim, darei lições e ficarei rico... O caso, porém, é que há um milhão de outras pessoas mais apropriadas para isso. Sou compositor e nasci para ser regente". Não se atreve a menosprezar os talentos que Deus lhe deu.

Mas, esperem, um conde rico tem uma oferta para ele. Insta com Mozart que vá a Munich e escreva uma ópera alemã. Isso dará, talvez, origem ao teatro nacional. Mozart entusiasma-se com a perspectiva. Escreverá quatro óperas por ano e ganhará milhares de marcos!

Sentiu-se feliz durante algum tempo. O conde, entretanto, não acertou reunir o número suficiente de colaboradores e o projeto não foi adiante.

Wolfgang voltou-se então para as lições de música. A estada em Augsburg, à parte as preocupações financeiras, não foi desagradável. Contentou-o durante algum tempo uma simpática e travessa priminha dotada de um robusto apetite de amor. E quando ele se foi, caminho de Mannheim, levou consigo a lembrança de muitas e deliciosas carícias.

As carícias, contudo, foram também em Mannheim o único consolo para a sua pobreza. Mannheim, a terra dos brandos ventos do sul. O próprio ar andava cheio de vida e melodias — num selvagem ritmo pizzicato. Em Mannheim, os carinhos das alunas — exame de raparigas, cedeitas do amor livre, que o procuravam atraídas pela magia da sua música — fizeram-no esquecer a priminha. Dentre essas escolheu Mozart uma delas para si — Rosa Cannbich, a filha do chanfê. Ajoelhou-se-lhe aos pés, em postura de adoração. Escreveu andantes que quardassem ao estado de espírito dela. Rosa era uma deusa, que, a murmurar, o transportava a um céu de delícias. Ele, todavia, era demasiado inconstante para permanecer por muito tempo ao lado dela, pois já lhe acenava outra mulher — Aloysia Weber, a da voz de ouro. Diante de Aloysia Weber, Mozart esqueceu-se de Rosa.

Os Weber eram pobres no respeito aos bens do mundo. Eram ricos, porém, em seu amor à música. Aloysia estudava para a ópera. E Mozart ligou-a ao seu coração com uma ária que lhe dedicou. Já não tinha uma única hora de sossego. O pensamento de Aloysia não lhe permitia repousar. Aloysia planeava prosseguir em sua carreira indo para a Itália, e ele estava prestes a acompanhá-la e, se preciso, a "morrer ao lado dela". Escrever-lhe-ia "um milhão de

Mozart, depois dos trinta anos, segundo um dos seus melhores retratos, de autoria de um pintor anônimo.





Mozart, quando menino, ao piano, segundo uma reconstituição, em cera, do famoso Museu Grévin, de Paris.

óperas" e se quedaria, arrebatado, aos seus pés, ouvindo-a cantar.

Foi Papai Mozart quem o despertou, rudemente, das suas fantasias. O que? Acompanhar aquela rapariga atrevida à Itália e servi-la como um lacão? Fera melhor que ele procurasse do próprio futuro musical! A Itália era uma frioleira para diletantes. Seria, ele, acaso, capaz de desposar-se com ela e morrer na indigência dentro de um quarto cheio de crianças a sofrerem privações? Não Mozart, havia de continuar solteiro e estudar em Paris. Enquanto estudasse poderia manter-se dando aulas de música. Como poderia uma estouvada pretender triunfar na Itália, competindo com as maiores prima-donas do mundo? **Narrischer Knabe**, menino tolo! Você sucumbe com exagerada facilidade diante de qualquer atração que lhe surge pela frente, como um obstáculo em seu caminho. Entregue o corpo ao prazer do momento, se necessário, mas não escravize eternamente a alma! Não, você irá a Paris. E irá com sua mãe, pois é totalmente incapaz de viver sozinho sem o amparo alheio. Não compreende o valor do dinheiro e nem sabe arrumar direito as suas roupas.

Mozart ouviu atentamente o pai. "Abaixo de Deus, Papai", era a sua divisa. Separou-se de Aloisia e foi com a mãe para Paris. Sem embargo, "dar lições de música aqui não é divertido", escreveu ao pai. "É contrário às minhas inclinações". A gente ensina as jovens senhoras a compor. Elas não querem escrever óperas, nem árias, nem sinfonias. Apenas sonatas para piano. Sabem escrever um acompanhamento de baixo para um minueto, mas não entendem nada de verdadeira melodia. Não têm talento real, não têm idéias musicais. Precisam ser ensinadas artificialmente e sem resultado. A gente escreve um tema e pedelhes que façam uma variação sobre ele. Entregam-se a verdadeira montanha de trabalhos e produzem um camandongo. "Todos os parisienses são estúpidos e superficiais no que diz respeito à música". Exibem-se estentadamente ao piano tocando tão depressa que pulsam uma

porção de notas em cada passagem. E os seus auditórios nunca dão fé das omissões. "A essa velocidade podem usarse indiscriminadamente as mãos. Mas, pergunto — há beleza nisso? A verdadeira arte da leitura consiste em emprestar a cada nota a expressão apropriada e exata, dando a impressão de ter sido o executante o compositor da peça". **Parbleu!** Não fossem os seus namoros e, uma vez por outra, um jogo de bilhar e ele teria morrido de tédio nessa "Cidade de Asnos!"

Os namoros, o bilhar e a música. Principiava a trabalhar as suas sinfonias e, para dizer verdade, não sabia se agradavam a alguém. A quem poderiam agradar? Àqueles asnos franceses? Pouco se lhe dava. Quanto mais cedo deixasse sair de Paris, tanto melhor.

Ocorreram, nesse passo, dois sucessos que lhe puseram termo à estada em Paris. Morreu-lhe a mãe e vagou o cargo de chantre em Salsburg. Instou com ele o pai que o aceitasse; e Mozart, suspirando por ver-se livre de Paris, atirou-se, da frigideira, ao fogo. Retornou ao serviço do arcebispo. Que lugar medonho para um jovem artista! Paris, apesar de todas as suas falhas, era um céu, comparado a Salsburg. Aquêles salsburgueses eram caipiras de ouvidos moucos. "Se tivéssemos, pelo menos, instrumentos de sopro na orquestra da cidade! Não se faz idéia do efeito maravilhoso que se pode obter numa sinfonia que tenha também uma parte para as flautas, os oboés e as clarinetes, como tem para os instrumentos de corda. A nossa música seria muito mais bonita se os meus concidadãos houvessem por bem acrescentar êsses instrumentos de sopro". Os concidadãos dêle, todavia, não curavam de instrumentos de sopro, nem de violinos nem de quaisquer outros instrumentos musicais.

Ah, mas Munich e a sua gente eram diferentes. Êsses, sim, compreendiam. Wolfgang foi salvo do tédio em Salsburg ao receber uma encomenda para escrever uma

ópera. Cederia, por fim, o Eleitor. Mozart foi para Munich e lá principiou a escrever a sua ópera, **Idomeneu**.

Baseava-se-lhe o trabalho numa velha lenda de Creta. Escreveu ao pai cartas entusiásticas referindo-se à "superioridade" dessa música. Leopold, com a experiência que lhe tinham dado os muitos anos, replicou que seria melhor que Wolfgang deixasse de sonhar. "Bolas para a superioridade, meu filho. Escreva, em vez disso, alguma coisa popular. Não pense somente nos amantes da música, mas também no público que não entende de música".

Mozart, contudo, estava absolutamente seguro de si. "Não tenha medo", escreveu ao pai. "Na minha ópera há música para gente de todo o feitio". A obra estava destinada a ser um sucesso. "A cabeça do pobre rapaz anda febril. Um jovem excita-se demasiado quando se trata da honra ou da fama! Cuidado, filho não se resfrie!"

A ópera não obteve êxito. Mozart foi obrigado a voltar para Salsburg e para o serviço do arcebispo Jerônimo. Pílula amarga de engolir. Ele não teria hesitado em atirar o emprêgo de urtigas, não fora o desejo de agradar ao pai. Mozart e o arcebispo antipatizavam-se mútua e cordialmente. O rapaz não podia dar concertos porque o prelado lhe invejava os triunfos. Cada vez que o primeiro recebia uma homenagem qualquer, Sua Excelência valia-se do ensejo para repreendê-lo. Havia em sua corte muitos musicistas melhores do que Mozart, dizia Jerônimo. "Que imprudência a dêsse sujeito ordinário, exigindo independência para as suas parvoas composições e os seus sarcas musicais!". Reconhecesse ele o seu lugar — na mesa, em companhia dos outros "criados temporais e espirituais". Nessa mesa concedia-se ao menos ao jovem músico a honra de sentar-se acima dos cozinheiros.

Entretanto, tudo isso foi inopinadamente modificado — pelo pontapé de uma bela aristocrata. Um belo dia, enfun-

riou-se contra o delicado compositor um nobre que exercia na corte do arcebispo um cargo importante, e que traduziu a sua fúria num vigoroso pontapé. Mozart rolou pela escada abaixo e foi cair novamente no mundo.

★

Partiu caminho de Viena. Começara vinte e cinco anos. Era um homem de gênio maduro que aborrecia clinicamente o mundo. Tinha o rosto mais magro e riam-se-lhe muito pouco os olhos. A despeito de tudo isso, todavia, agarrava-se e fé imorredoura no próprio destino. Era moço ainda. Escreveu música popular. **Havia**, por fim, de ser reconhecido, apesar de todas as suas decepções.

E agora, finalmente, surgira outra pessoa disposta a compartilhar das suas decepções e da sua fé. "Quem é este último objeto do meu amor?" escreveu ele ao pai. "Não é Aloisia Weber. Essa já se encontra na Itália. Não será, porventura, uma das irmãs dêla? Sim, Papai, é justamente uma das irmãs. Peço-lhe não fique horrorizado. É a irmã do meio, Konstanze". Diversamente de Aloisia, estava longe de ser bonita. Tinha, porém, dois olhos penetrantes, um corpo bem proporcionado e uma alma boa e sólida. Pouco entendia de música, mas adorava Mozart. Para evitar a interferência da família, o casal fugiu. E como se o momento o inspirasse, Mozart escreveu uma ópera intitulada **O Rapto no Serralho**. E as coisas por que ele suspirara chegaram-lhe então rapidamente às mãos. O reconhecimento, a adulação, a fama. O público aclamou delirantemente essa "ópera do harém". "Estão literalmente loucos por ela", escreveu ao pai. Loucos de fato! Pois Mozart recebeu fabulosa quantia de ovações e nenhum dinheiro. Não havia leis, naquêle tempo, que protegessem a propriedade artística. O empresário do teatro embolsou todos os lucros. A não ser que um compositor fosse dotado de grande habilidade comercial, permitia-

Helen.

O DUQUE E O CAPITÃO ESPOLETA

HJE fui jantar mais cedo do que de costume. Quando Alice arranja um compromisso qualquer, é que sinto quanto estou só. E, para não pensar na minha solidão, procuro a companhia da velha Helen. Há anos que como no restaurante dela e não saberia o seu nome se não fosse o homem que chega à janelinha com os pratos.

— A omelete está aqui, Helen!

Comecei a chamá-la pelo primeiro nome e ela parecia não dar por isso.

Helen também é estrangeira, e, às vezes, noto no rosto dela a mesma angústia que me aflige. Quando Helen está atada de francesismo, vem para a minha mesa. Senta-se defronte de mim e começa a falar em sua vida.

Tudo que lhe aconteceu de importante foi na França. Há vinte anos que mora em New York, há doze que possui o restaurante. Mas suas lembranças são da terra onde nasceu. Gosto quando ela me conta como começou a cantar. Era chapeleira e tinha um desejo muito grande de ser cantora. Antes de ir para a oficina, enquanto arrumava o quarto, cantava. Cantava. Foi a mulher que lhe alugava os cômodos quem deu a idéia. A voz de Helen era tão doce, tão acariciante, que nunca ninguém reclamou das suas cantorias. E ela cantava cedo, porque às sete já estava na oficina.

A mulher havia trabalhado em "vaudeville" e sabia conhecer uma boa voz.

— Helen, você canta como porcas. Largue a oficial! Vá para o palco. Não seja tola!

Helen convenceu-se de que precisava expandir-se. Então a mulher lhe arranhou um professor de canto.

Quando Helen se lembra dessas coisas se esquece do resto. Seu ajudante começa a andar mais depressa. Atende a freguesia com um olho pregado na nossa mesa. Helen sabe que está fazendo falta. Mas é quando ela resolve intimamente gozar do privilégio de ser dona daquilo. Olha para o ajudante com autoridade, examina um por um os fregueses que chegam e continua a conversar comigo. E' muito raro Helen usar da sua força moral de dona do restaurante. E' preciso mesmo que esteja rebentando de agonia. Às vezes os olhos fulminantes do "garçon" me deixam constrangida. Ele sabe que contra Helen não há nada a fazer e concentra toda a sua raiva sobre mim.

Às vezes, desejaria que Helen não tivesse tantas reminiscências. Eu poderia, então, falar também, lembrar, lembrar. Mas Helen nunca me deixa ir além

de coisas vagas. Acho que nunca passei de frases assim:

— Eu também sinto falta de tanta coisa...

Ou então:

— Eu também tive uma adolescência tão bôa!...

A diferença está aí. Enquanto eu faço um pequeno rodeio para entrar no assunto, Helen se apresenta diante de mim, direta, com fatos. Ela jamais faz prólogos. E eu não sei contar nada sem um pequeno prólogo. E' como se entrasse numa casa sem tocar a campainha. O meu constrangimento me leva a pequenas derrotas. O resultado é que quando Helen se levanta da minha mesa, tem os olhos brilhantes e um ar aliviado. Eu continuo pensativa, sufocada, como se estivesse respirando o ar pela metade.

Agora mesmo, enquanto me dirijo para o restaurante de Helen, vou pesada de lembranças. No vestibulo do edificio, embutidas na parede, as caixinhas de correspondência me lembram coisas vagas e dolorosas. A minha caixa está vazia. Mesmo assim resolvi abri-la.

Encontrei uma circular. Vejo que está escrita em inglês e enfio a circular na bolsa, sem abrir. Alguma casa de móveis me convidando a ver os novos estofoados ou, talvez, o fabricante de uma marca nova de insecticida, me explicando que tudo que existiu antes da sua era infantil.

Por que será que me lembro do meu piano? A rua está gelada e a neve que caiu pela manhã formou um lençol frio e escorregadio. As pessoas que passam por mim parecem querer me avisar do perigo de uma queda. Andam com cautela, procurando os lugares ásperos. Um homem rodou repentinamente e segurou num poste. Na mesma hora, uma mulher que ia de mãos dadas com um menino, exclamou:

— Eu não disse? A rua está muito perigosa!

Novamente sinto os olhares dos transeuntes. Parecem guardar um código. Entreolham-se e é como se estivessem enviando mensagens. Súbitamente desconfio que também eu estou olhando para eles e dizendo "coisas" com meus olhos:

— E' verdade que está perigoso, mas é preciso sair de casa. Que fazer?

— E' isso que todos dizem uns para os outros, silenciosamente. E' preciso sair de casa. Que fazer? Aperto mais o cinto do casaco. O vento gelado corre pelo meu rosto e, às vezes, penetra até

o pescoço, no meio das lãs. Sinto suas chicotadas nas pernas. O vento uiva, roda, sapateia sobre as marquises inclinadas e traz, para baixo, torções de neve e de gelo, que se esfrelam sobre a cabeça da gente. O restaurante de Helen está bem perto. Basta andar meia quadra e, depois, atravessar a rua. Mas andar meia quadra sobre o gelo endurecido não é fácil. E, mesmo assim, tendo diante de mim uma tarefa tão arriscada, não consigo me desligar do piano. Lembro-me dele, como se o tivesse na minha frente, negro e lustroso, com dois castiçais prateados que se moviam Erom castiçais pregados no peito do piano, como dois enormes broches. Era um piano velho e pesado. Já tinha um puseado quando veio para mim. E seria também parte do meu passado. Lembro-me da primeira música que toquei. "Romance sem Palavras". E a sensação de orgulho que senti, quando, pela primeira vez, conseguí executar a música inteira, no compasso exato, parece me envolver ainda.

Os olhos brilhantes de minha mãe e o sorriso das primas que estavam mais adiantadas e que já tocavam Chopin. Entro no restaurante de Helen, mas não a vejo. Deve estar lá dentro, arrumando pessoalmente alguma encomenda. Procuro a minha mesa habitual. A fileira de pequenas mesas retangulares, separadas por bancos de costas muito altas, me dão sempre a mesma sensação de isolamento e conforto. E' uma impressão idiota, porque no restaurante de Helen ninguém pode ficar isolado, nem esperar conforto que não seja o mais corriqueiro. O conforto que se encontra em qualquer outro restaurante barato. Um aquecimento agradável, e comida comum. Eu sei que não vou encontrar, às sete horas da noite, o mesmo tipo de gente que vai almoçar. A freguezia de Helen à hora do almoço é apressada. Lembro-me de uma mulher enorme, motorista de um caminhão, que sempre vem junto com um grupo de homens, todos grandulhões, sempre discutindo questões de serviço. Essa mulher possivelmente me olharia com imenso desprezo, se me visse jantando ali. O almôço é uma parada rápida diante de um sanduiche, de um pedaço de torta e de um café. Não sei porque razão penso que a mulher motorista deverá cozinhar seu jantar tranquilamente um jantar cuidado, cheio de requintes. O jantar não é uma parada rápida diante de um sanduiche ou de um prato de

sopa. E' uma cerimônia tranquila, o arremate de um dia laborioso. E' uma espécie de glorificação da comida. Por isso, pode-se almoçar em qualquer parte, mas não se pode jantar assim sem mais nem menos, sem nenhuma imaginação. E eu vou jantar sem imaginação, lembrando do meu velho piano lustroso, pesado, onde tocava o "Romance Sem Palavras". Vou jantar simplesmente. Vou cumprir uma obrigação sem remédio. E caminhei duas quadras escorregadias para isso. Não espero nenhuma novidade no restaurante de Helen. Eu sei que vou encontrar lá uns velhos meio abandonados, o dono da banca de jornal, possivelmente o porteiro do edificio onde vivo. Talvez Helen nem esteja para conversar, debruçada sobre um caderno, fazendo contas. E' possível que assim seja, mas ali encontro rostos conhecidos, e a minha solidão fica menor. Efetivamente, encontrei Helen às voltas com o caderno de contas. Acenou com a mão para mim, sorriu e voltou para o caderno. O seu ajudante me serve a sopa quente. Penso no que havia antes, muito antes do "Romance Sem Palavras". Penso na minha infância, na ilha, nas árvores imensas, no jardim cheio de jarmineiros, na jaboticabeira. Santinha e Duque compõem também. Santinha, muito preta, de grandes olhos alertas e Duque, já envelhecido, gordo e enfardado. Santinha se abismava diante das histórias que eu lhe contava. Não havia nada neste mundo que eu não soubesse.

— Esse passarinho vai daqui direito para um ninho que ele tem na manqueira.

Santinha me olhava com desconfiança:

— Como é que você sabe?

— Conheço o ninho dele.

Uma lancha apitava longe e nós corríamos para a amurada.

— Essa é a lancha do Capitão Espoleta, que está chegando da Europa e avisa à mulher que o espere para jantar.

O Capitão Espoleta entrava sempre nas minhas explicações. Às vezes, me esquecia de que ele estava na África, onde ia descobrir um remédio milagroso para a tosse. E, sem mais nem menos, botava o Capitão Espoleta dentro de um automóvel que passasse do outro lado, ao alcance da nossa vista. Santinha se assombrava:

— Ô xente, ele já tá aí ôtra vez?

Santinha gostava de chupar carço de manga. E como acreditava em tudo que eu dizia! Só uma vez duvidou. Foi quando declarei que minha mãe não era a minha mãe, D. Clara, mas sim uma sereia do fundo do mar. De noite eu ia dormir no meu castelo, entre corais. Duque não era um cachorro. Era um duque mesmo. Ele me acompanhava. Era um súdito que vivia ali, às minhas ordens. De noite era um duque bonito e educado. De dia era um cachorro gordo. Santinha fechou os olhos e abriu a boca:

— Duvido!

Levei tepo querendo insistir naquilo. Santinha, preta e esperta, duvidava. Mas ora uma dúvida que me honrava muito. Uma dúvida incompleta. Ficava vigiando o cachorro, à noite, para ver se ele vivia um duque bonito e educado. Perguntava a mamãe quem era minha mãe de verdade.

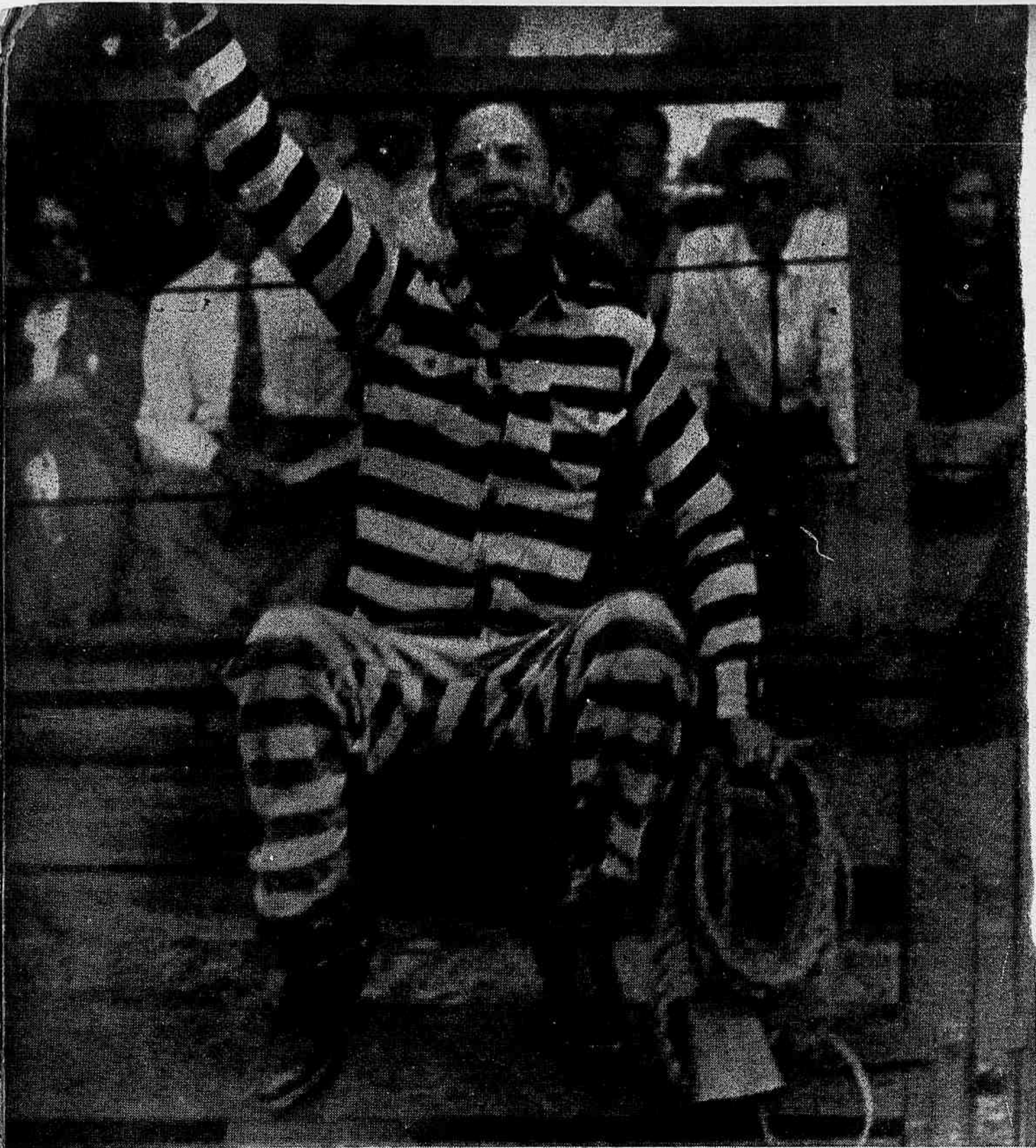
Acho que não mudei muito. Estou diante do prato de sopa e agora tenho

pudor de contar aos outros as histórias que invento para mim mesma. Não sou a mulher que vem ao restaurante em busca de companhia. Nem meu coração anda doendo. Sou uma moça igual às outras, interessada nas mesmas coisas que as outras. Ai, Duque! Ai, Santinha! Ai vem minha amiga Helen e é ela quem fala...

Mas não. Helen parece nem me ver. Os outros clientes antigos olham para ela com simpatia. Tem um ar malicioso o homem que grita da janelinha:

— A omelete já está aqui, tem um ar malicioso. Helen parece outra. Passa pela minha mesa, nem me diz olô. A sopa está se acabando, talvez a minha única companhia seja um bife com batatinhas e um pouco de espinafre. Procuro não dar demonstração do meu desapontamento. Nunca tenho coragem de comer uma torta de chocolate mas hoje, vou arriscar. Como acabarei? Com certeza, serei uma velha gorda e altona. Ou magra e gluttona. Conheci uma velha assim. Fazia tricô e vendia. Mas o que lhe dava dinheiro mesmo eram os aluguéis de umas casas. Com o produto do tricô fazia seu orçamento. Com os aluguéis comprava gulodices. Naquela verba era bobagem a gente pensa: que ela mexia a não ser para seus biscoitos.





A CADEIA MAIS DO MU

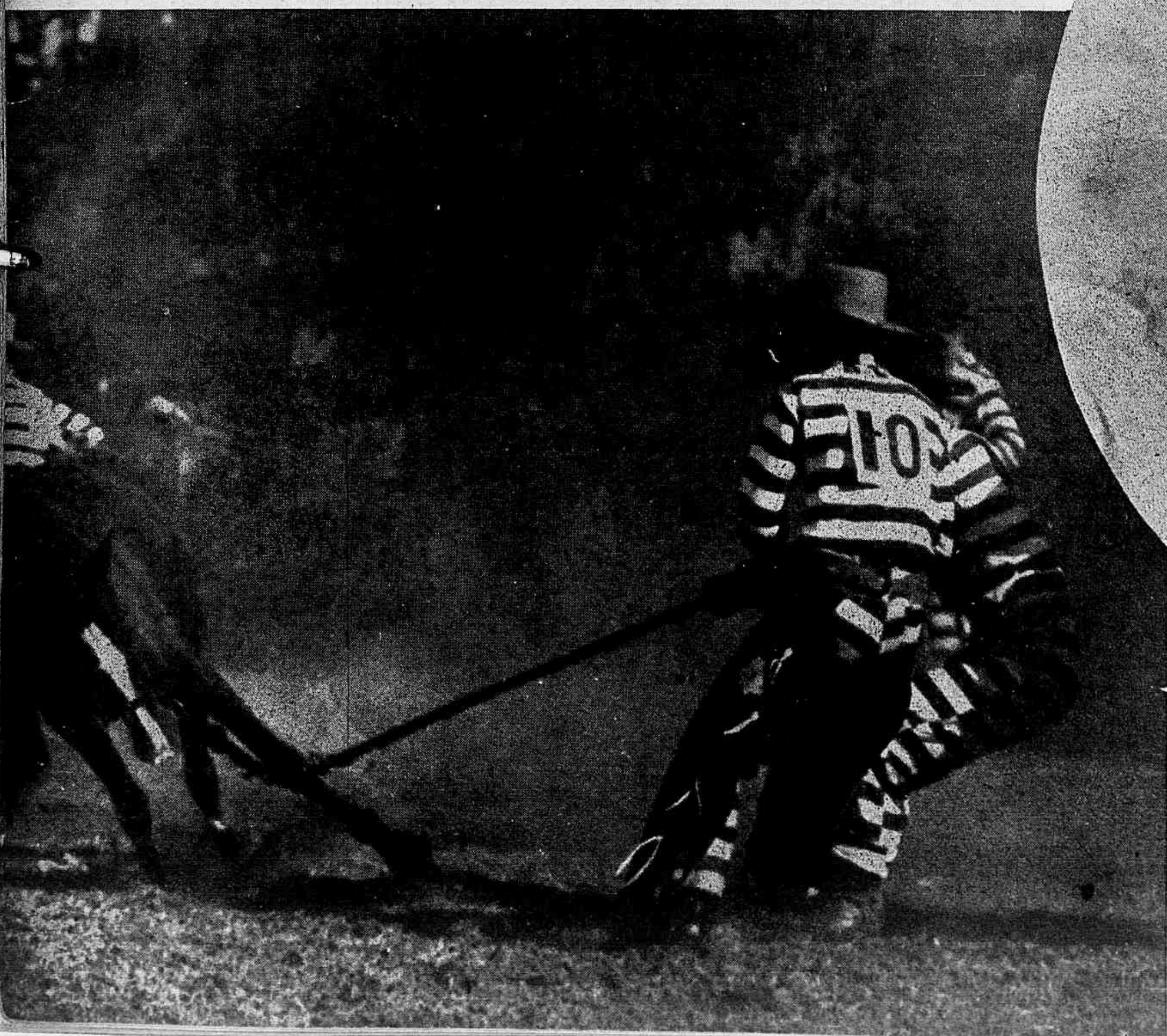
É A DE UMA CIDADE DO TEXAS, ONDE
E SE DIVERTEM A VALER. — QUANTO
POSSIBILIDADES DE DIVERS

Texto e foto
Direitos adq
com o Inter
DA SEMANA

DESDE há muito que filósofos, juristas, sociólogos e penitenciários advogam e planejam sistemas mais humanos de repressão ao crime. E seus planos se estendem até à reforma dos presídios, minorando o drama dos presidiários.

Certo progresso já sentimos nêsse sentido. Longe

À esquerda: Este prisioneiro está contente com o sucesso da arena por uma rede de arame. À direita: O palhaço do papel de "clown", proporcionando ao público boas gargalhadas.



A' esquerda: Prisioneiros procuram segurar a pena facilmente. Ao centro: Anderson, E a pena noutra prisão, entusiasma-se com dando uma espetacular gargalhada diante dos, seu irmão de côr. A' direita: A orquestra composta de mulheres prisioneiras, que são típicos do Texas.

IS FANTÁSTICA MUNDO!

ONDE OS PRESIDIÁRIOS FAZEM "RODEOS"
TANTO MAIORES AS PENAS, MAIORES AS
VERSÃO PARA OS CONDENADOS

foto de HOMER EDWARDS
adquiridos com exclusividade para o Brasil,
International News Service pela "REVISTA
AANA".

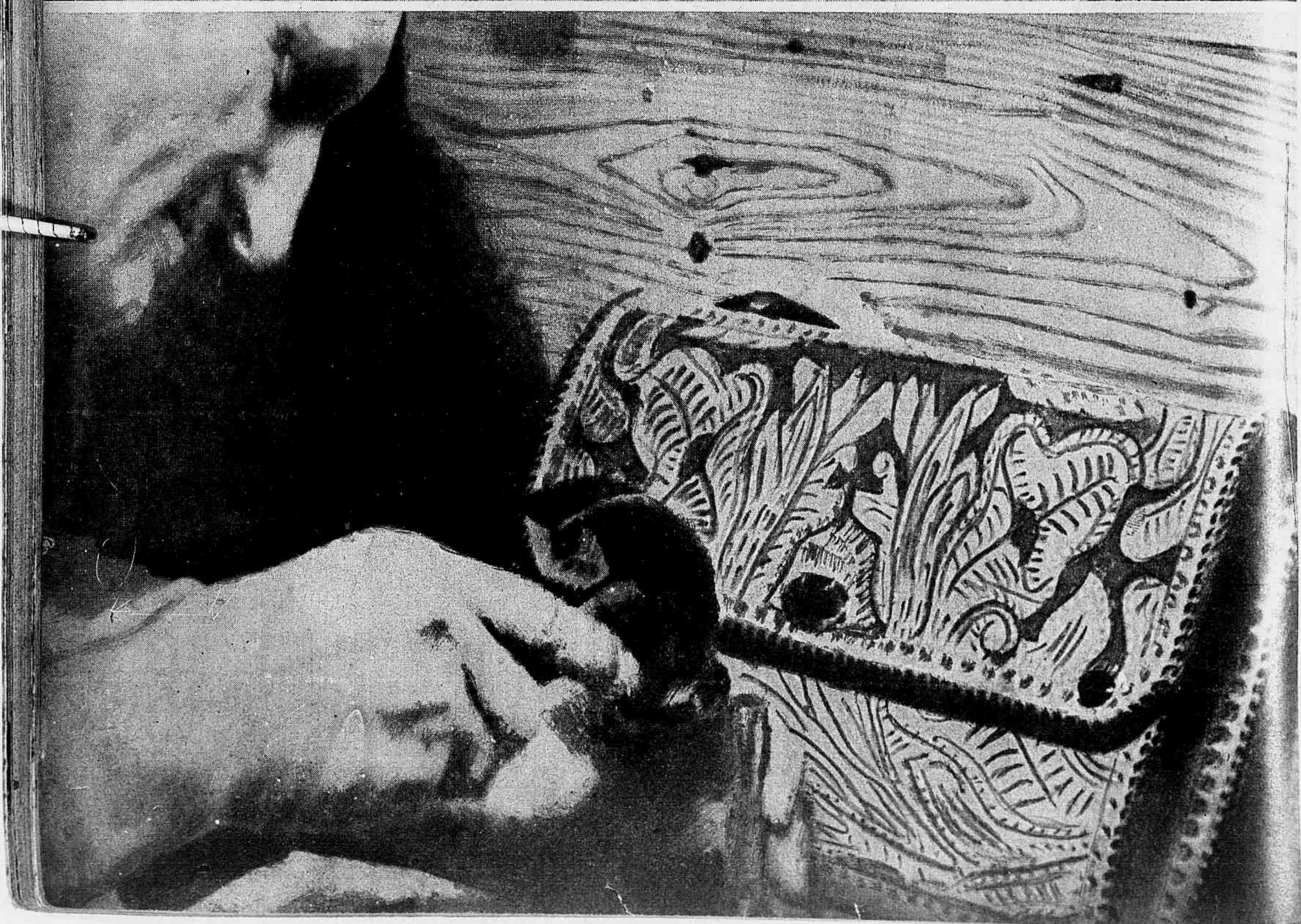
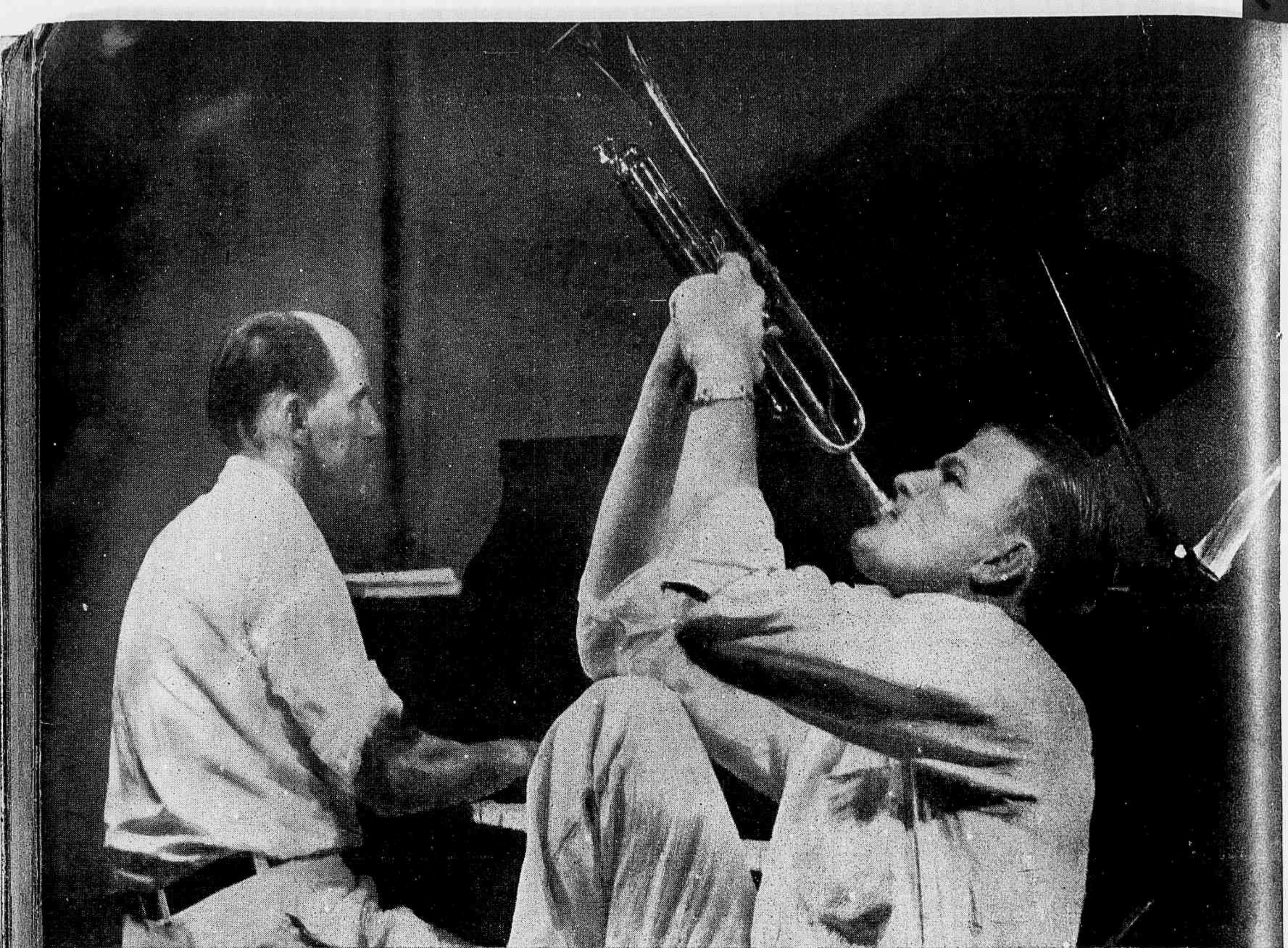
estamos da época em que os condenados eram postos
em galés e masmorras infectas e sombrias, e não mais
se concebem em nosso século os tipos de prisões de pas-
sado não remoto, que a tradição e a literatura registram.
Este progresso se deve, em parte, à própria consciência
que a ciência faz atualmente do criminoso.

sucesso do "rodeo". Vê-se detrás, parte da platéia, separada
do "rodeo", Bert Stonehocker, com sua mula "Molly", faz o
surgeladas.



aram segurar esta égua brava, que não se deixa
Anderson "Boca Larga", condenado e cumprindo
se como assistente do "rodeo" de Huntsville.
da diante do tombo que levou um dos condena-
A orquestra do "rodeo" Anual de Huntsville é
que nos dias de festa apresentam-se com trajes





Hoje a humanidade, na sua lenta mas constante evolução, não mais compreende o delinquente como um renegado ou um cancro a ser extirpado do organismo social. Em face das modernas concepções sobre o homem delinquente, os criminólogos e os psicólogos vêem o criminoso mais como um desajustado e um enfermo, rebelde às normas e regras da sociedade, e baseados nestas idéias os métodos de repressão e de castigo pela ação delictiva têm que variar.

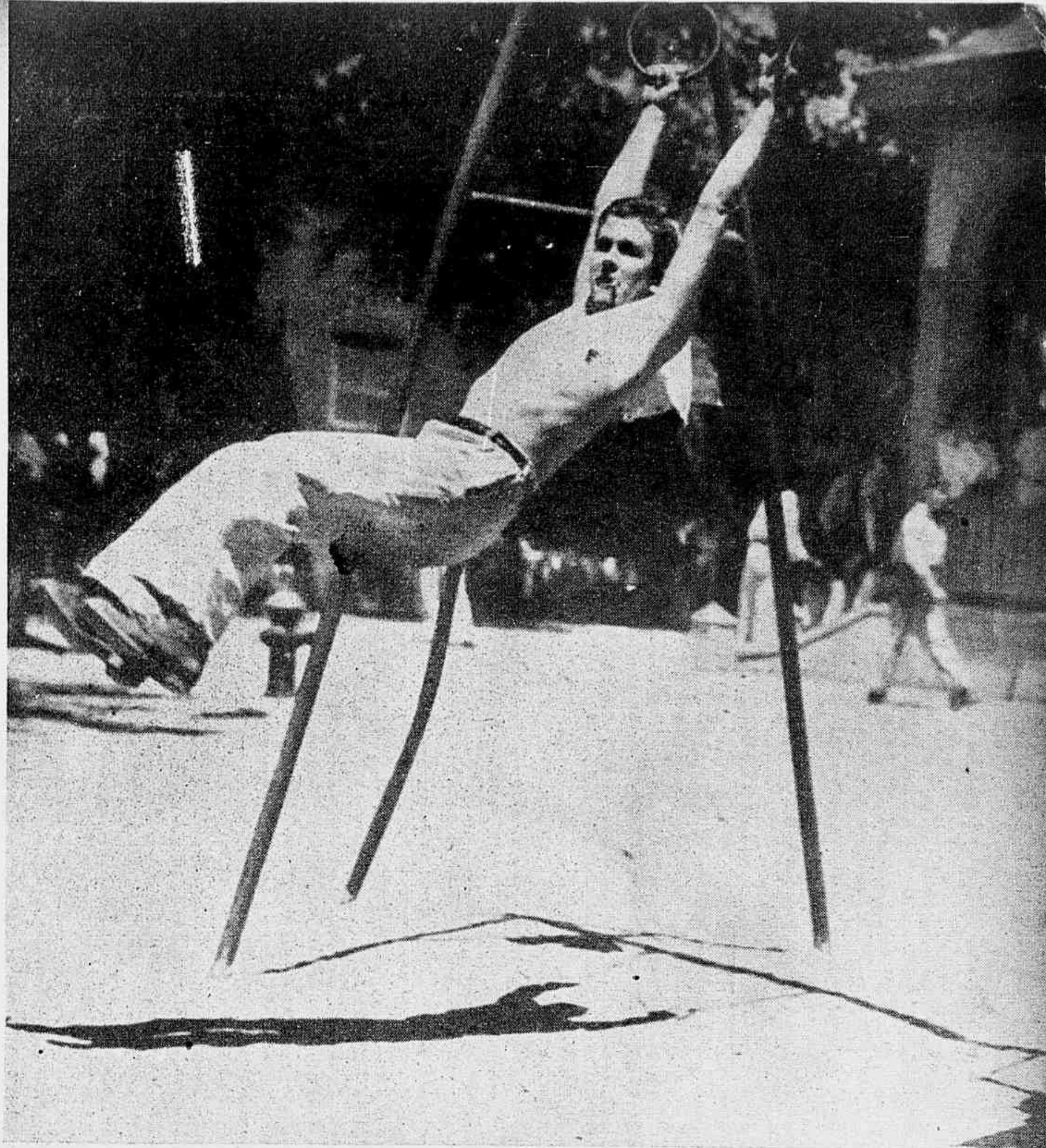
Baseadas nestas e noutras idéias dominantes no atual sistema penal é que as nações modernas encetaram reformas completas em seus sistemas penitenciários, pelas quais o delinquente é tratado e respeitado como ser humano, capaz de uma readaptação, com possibilidade de voltar a participar do convívio social. Daí incluírem-se entre essas reformas a educação em seus variados aspectos, pois, se a educação, na palavra dos modernos pedagogos, é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade, certo é que não deva faltar dentro das prisões.

Essas considerações são apresentadas afim de que o leitor compreenda com mais justeza o que abaixo observamos na penitenciária Estadual do Texas, em Huntsville, por muitos considerada, pela sua ausência de carrancismo como "a mais fantástica de todas as cadeias do mundo."

Nesta penitenciária os reclusos e os condenados a prisão perpétua vivem a contar os dias entre Novembro e Dezembro. E o fazem não porque aguardem o livramento ou a minoração da pena a que estão condenados, mas sim porque em outubro tem início o grande "rodeo" anual da Penitenciária.

(Continua na pág. 58)

Na página ao lado, em cima: Dois elementos da orquestra da Penitenciária. O pianista, antes de entrar na prisão fazia parte de uma orquestra do Texas. Os instrumentos musicais foram adquiridos com o produto da renda do "rodeo". Em baixo: Ollie Smith, cumprindo pena de prisão perpétua, especializou-se na manufatura de objetos de couro. A bolsa, a que está dando o último retoque, será vendida por \$12,00 ou \$15,00. Sabe-se que com o produto do seu trabalho na Penitenciária, já conta com o capital de \$1.500. — cerca de trinta mil cruzeiros. A direita: Bill Duncan, um dos atletas do "rodeo", condenado a 25 anos de prisão celular, exercita-se nas argolas compradas com o produto da renda do espetáculo. Em baixo: Nesta oficina, cuja aparelhagem e matéria prima foram adquiridas com o produto da renda do "rodeo", os detentes fazem objetos e instrumentos que são vendidos aos assistentes do espetáculo que se realiza todos os anos.



Conto de
THEREZA ALMEIDA
Ilustração de
ANAZAGORSKA

TODOS conheciam o Gaudério e o Chirú e sabiam como os dois eram jogadores e gostavam da pinga. Quando se começou a falar na penca lá na venda do Aristides começou também a conversa sobre o retorno do Chirú, que quando a china dele deixou o rancho para morar com o Gaudério ele emalou o poncho, botou no corredor a parilheiro mouro e saiu ao trotinho, montado em outro cavalo, só para não cansar o "Porvenir". Esse cavallinho tinha fama de ser bom há uns anos atrás e não era mentira, que cria lá da estância do Cêro sempre foi cria boa, mas no que apareceu o Gaudério montado num crioulo vermelho, logo na primeira carreira, deu o que fazer para o Chirú e terminou por ganhar a parada. Nada fez o Chirú ficar tão furioso a não ser, naturalmente, a fuga da china. No princípio do ano perdeu a penca que antes ele sempre ganhava e no inverno se foi a companheira. Claro que era alguma coisa para deixar um homem, que não era lá muito valente nem muito bonito, cheio de raiva e com vontade de mudar de rincão. Às vezes é o lugar que não é bom, outras, como diz o velho Pedro, "é pura bruxaria".

O Chirú sumiu sem dizer para ninguém onde é que ia, mas uns carreteiros que chegaram um tempo depois, vindos do lado do Alegrete, disseram que ele estava ganhando dinheiro com o tal mourinho, que parece que até um rancho tinha de seu. Isso bem podia ser conversa fiada, mas o Armando Carreteiro nunca foi mentiroso para dizer uma coisa dessas só porque o Gaudério estava ouvindo. Linguarudo, sim, mentiroso nunca!

— Mas ele continua sempre com aquela jogatina de truco e de osso. Um bolicheiro me disse um dia, que ele ganhou dinheiro assim como para comprar uma dúzia de ovelhas, mas que no outro domingo botou tudo fora jogando com um castelhano. Isso eu não sei se é verdade porque não vi, mas o rancho bonito com pessegueiros na frente sim, que eu estive lá e andei chimarreando num galpãozinho bem arranjado junto com o Chirú.

— Eu não aguento mais tempo aqui — me disse ele. — Tenho uma baita duma saudade daquele rincão e não sei onde estou que não vendo essa pocaria desse rancho e não volto para lá!

— Mas, tche, Chirú! Não faz burrada, seu! Intão tu não tá vendo que um rancho não é coisa que se bote fora porque sim, no mais? Pensa um pouco com a tua cabeça, que diabo! Eu, se tivesse um ranchinho destes não ia largar assim, quase dado prá outro!

— Mas lá é que é a minha querência! Não me acomodo no meio dessa gente diferente da nossa!

"E quando eu comecei a falar na penca da venda do Aristides, ele arregalou uns olhos deste tamanho e começou a coçar a cabeça num jeito muito meu conhecido. Quase me arrependi, mas o que tava dito, tava dito, e era difícil mentir que não passava de conversa minha."

Isso disse o Armando e o Gaudério saiu meio sorumbático de dentro do galpão e foi até o rancho.

— Rosarita! Rosarita!

— Que é, home? Larga de gritá desse jeito!

— Eu soube que o Chirú tá com vontade de aparecer por aqui.

— E o que é que tem? Não sou tua, por acaso?

— Mas tu não gostava dele?

— Bem... eu gostava...

— E agora?

— Dêxa de bobagem, home! Intão tu não sabe que se eu deixei o Chirú foi porque vi que gostava mais de ti do que dele? Ou tu pensa que ele é que me correu de casa, porque não me queria mais?

— Rosarita! Tu bem sabe que eu não tô pensando isso, mas tenho medo que ele aparecendo tu me deixes!

Ela se chegou mais e passou-lhe as



mãos magras pelo rosto mal barbeado.

— E' de ti que eu gosto! Só de ti! O que passou passou e tu não devia de tá te lembrando daquele home. Eu gosto de vivê contigo. Não importa que ele venha! Até só bem capaz de convidá ele prá vim tomá um chimarrão aqui em casa! Se ele vem, pensando que nós não se gostamos mais, ele vai se estrepá porque eu vou te dá um beijo na boca, bem na frente dele. Um beijo assim!

E os lábios dos dois se uniram com força.

— Tu gostas de mim, Rosarita?

— Muito!

— Era só o que eu queria saber. Té

logo! Eu ainda tenho serviço lá nas casas.

Talvez ninguém soubesse que eles se queriam tanto, por isso se assustaram no dia das carreiras e falaram mal deles.

... ..
E o Chirú apareceu.

Atravessou a cancha de ponta a ponta, sozinho, levando o mourinho por diante, que podia ser que alguém quisesse topar alguma coisa nuns quatrocentos metros. Quando o Armando deu com os olhos nele saiu à procura do Gaudério.

— Tchê, onde é que tá o Gaudério?

— Diz que tá lá dentro da venda.

A venda do Aristides era qualquer coisa, menos venda, que para vender ele só tinha pinga da bem vagabunda, mas que era o que o pessoal gostava. Suja, escura, abafada, todas as noites a tal venda se enchia para o jogo do "truco" e para a pinga. Geralmente saía algum salteiro lá dentro e era só gente puchando o facão para se defender. O delegado não sabia disso senão já teria dado um jeito no Aristides, mas a peonada dos galpões comentava que o Delegado não fazia nada porque também gostava de um truco e um bom trago de

(Cont. na pág. 49)

REMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

UMA CHINA CONTRA UMA VIDA

NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCÊ, menina de 15 anos, me preocupa.

Esta sua ânsia de tudo querer ver e de tudo querer conhecer, poderá levá-la para um caminho errado...

Você não quer compreender...

Para você, aqueles que se atrevem a lhe dar conselhos são velhos, antiquados, fora de uso. Só você é quem tem razão, só você é quem deve ser ouvida.

Mas agora, é você quem me vai ouvir. Diga que sou velha, antiquada, ou qualquer outra coisa; não importa, porque tenho a certeza de que um dia você me dará razão.

No dia, por exemplo, em que você compreender que a sua finalidade na vida é bem diferente da que você imagina agora; no dia em que você se convencer do quanto inútil e vazia tem sido a sua vida, essa vida que você quer viver "a seu modo"...

Nesse dia também, talvez você se arrependa de não ter ouvido os conselhos dos "velhos" e dos "antiquados". Só então você compreenderá o quanto eles tinham razão quando pretenderam reprimir um pouco o seu entusiasmo, quando demonstraram medo pelo seu futuro, quando tentavam esclarecer um pouco as suas ideias perturbadas por tantas futilidades.

Você, menina de 15 anos, me assusta...

Você não quer compreender que para tudo há um limite. Você acha que querer "prender-la" porque não permitem que você saia à hora em que queira e para onde queira. Não não pode ser assim. Você, inegavelmente, tem certos direitos; deve-se divertir, manter amizades com pessoas da sua idade, pode mesmo ir a festinhas, passeios, etc., mas é justíssimo que a sua família procure acompanhá-la, não porque desconfie de você, mas porque conhece o mundo muito melhor do que você.

O direito que você reclama, de andar inteiramente à vontade, solta e independente, não pode e não lhe deve ser concedido.

Se isto acontecesse, em poucos anos você se sentiria velha, cansada e desiludida, essa excessiva liberdade iria transformá-la numa criatura infeliz para quem o mundo já não poderia oferecer novidades.

Modere-se, menina de 15 anos. Procure desviar toda essa sua vitalidade para outros setores mais úteis. Prepare-se melhor para enfrentar, futuramente, uma vida digna. Trate do seu espírito e da sua mentalidade. Procure se educar e instruir melhor. Faça um esforço e domine toda essa agitação.

Leia livros úteis e agradáveis; procure se interessar por assuntos domésticos; dedique-se aos esportes, cultive a boa palestra, mantenha uma camaradagem igual e despreocupada com os seus amiguinhos; cerque-se de amizades sadias e mais tarde, quando o "príncipe encantado" chegar, encontrará em você uma companheira adorável e pura, uma criatura serena que com ele atravessará a vida com seus prazeres e suas dores, seus sofrimentos e suas alegrias...

KITTY

Andrey Totter, linda "star" da M. G. M., sugere às nossas leitoras este elegantíssimo pijama em cetim rosa, adereços em ouro branco.

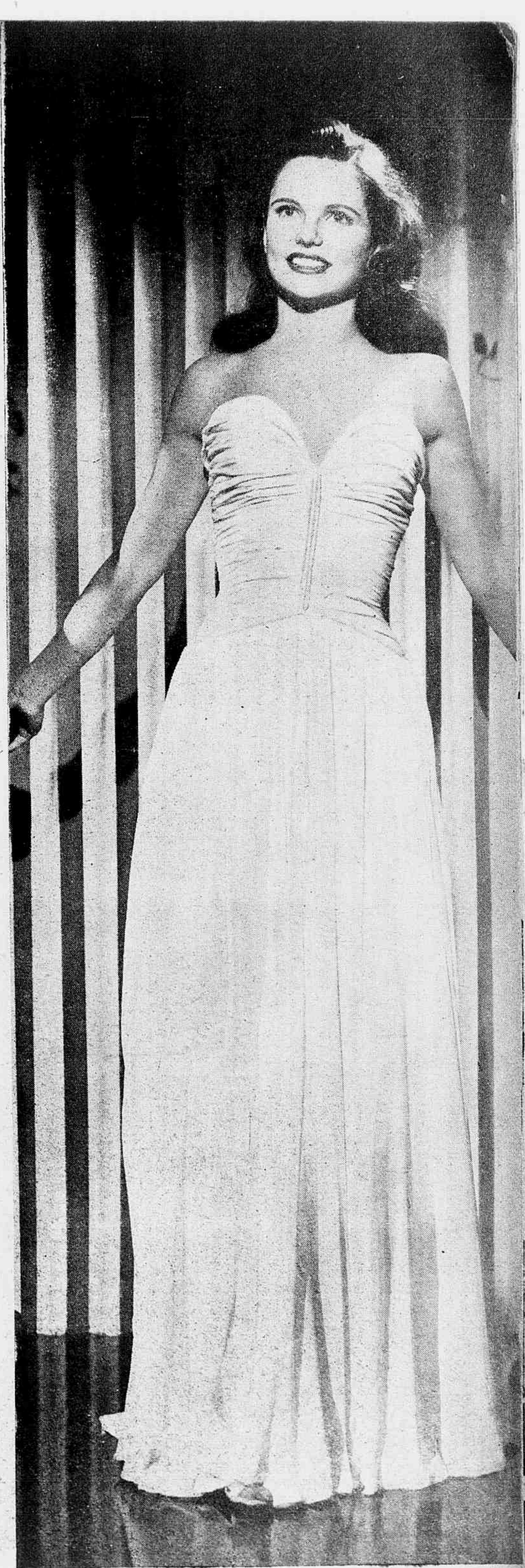




Modelos para “soirée”

Para as suas noites de gala, jantares cerimoniais, recepções, para ópera, etc., Hollywood nos envia quatro de suas mais recentes criações. Da esquerda para a direita, vemos a interessante Dorothy Malone, com um lindo modelo, em tule branca e lamé dourado, Geraldine Brooks num vestido em crepe branco, de grande efeito, novamente Dorothy Malone, desta vez com um modelo próprio para jantares, é em seda branca com aplicações de renda preta; finalmente Cathy Downs exibindo um lindíssimo modelo em tule negra salpicada de lantejoulas.

(Fotos Warner e Fox)





CABEÇAS BONITAS...

Uma cabeça bem penteada, um rosto bem "maquillado" e um sorriso de felicidade... Ao alto, à esquerda: Audrey Long, da RKO-Rádio. Cabelos castanho claro, olhos cinzentos. Seu "make-up" é discretíssimo. Cabelos levantados na frente e dos lados formando onda. Atrás "pagem". À direita: a personificação da juventude. Cabelos louros soltos em largas ondas. Em baixo, à esquerda: Esta é Brenda Joyce, a nova companheira de "Tarzan". Cabelos soltos em ondas e "boucles" desmanchados. À direita: Malú Gatica, figura de prestígio no cinema mexicano. Seus cabelos são louros, seus olhos castanho claro. Os cabelos são repartidos de um lado, formando pequeno "topete" na frente. Atrás são presos formando "pagem". Na página ao lado: Frances Langford, da RKO, aparece aqui de cabelos louros. Seu penteado é bastante decorativo. Cabelos levantados dos lados, "topete" sobre a testa e soltos atrás em largas ondas.



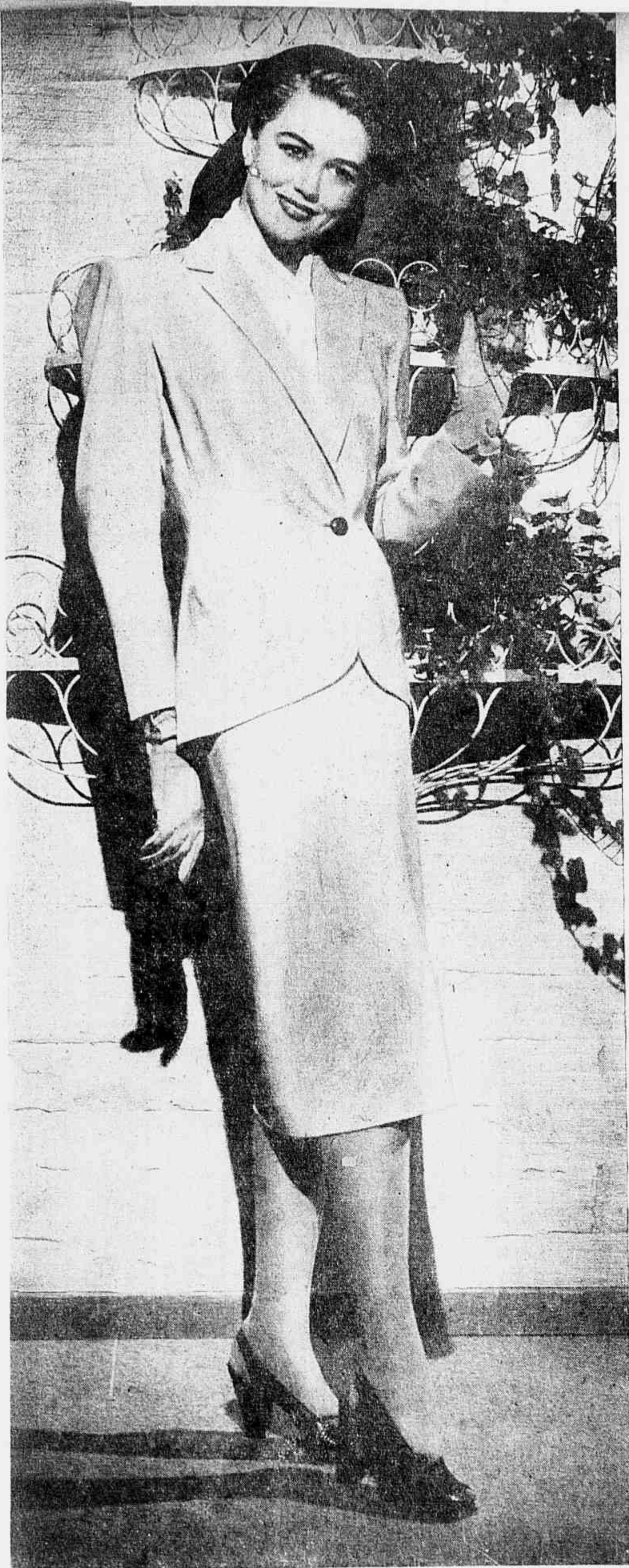




LIZABETH SCOTT NA INTIMIDADE

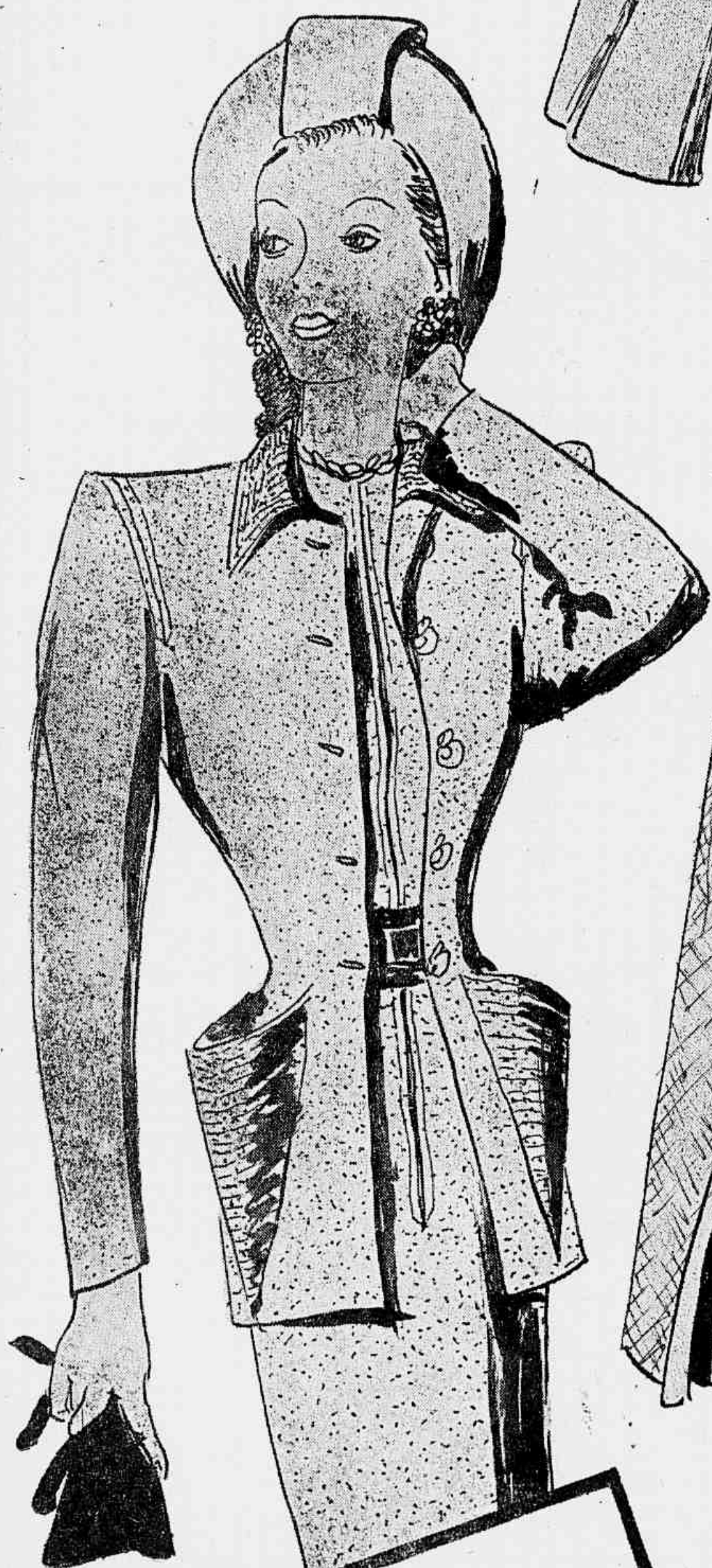
Com a sua beleza estranha, Lizabeth Scott conquistou o seu lugar ao sol... Aqui a vemos em dois momentos íntimos. No primeiro, ela veste um "macacão" bastante gracioso, de jersey de seda azul claro. A cintura, um cordão enfiado forma o franzido, amarrando na frente. Um casaco vermelho de linhas retas, completa o seu traje.

Na segunda foto, ela veste uma camisa de noite, desenhada especialmente para ela por Edith Head, a famosa figurinista da Paramount.



DOROTHY MALONE APRESENTA

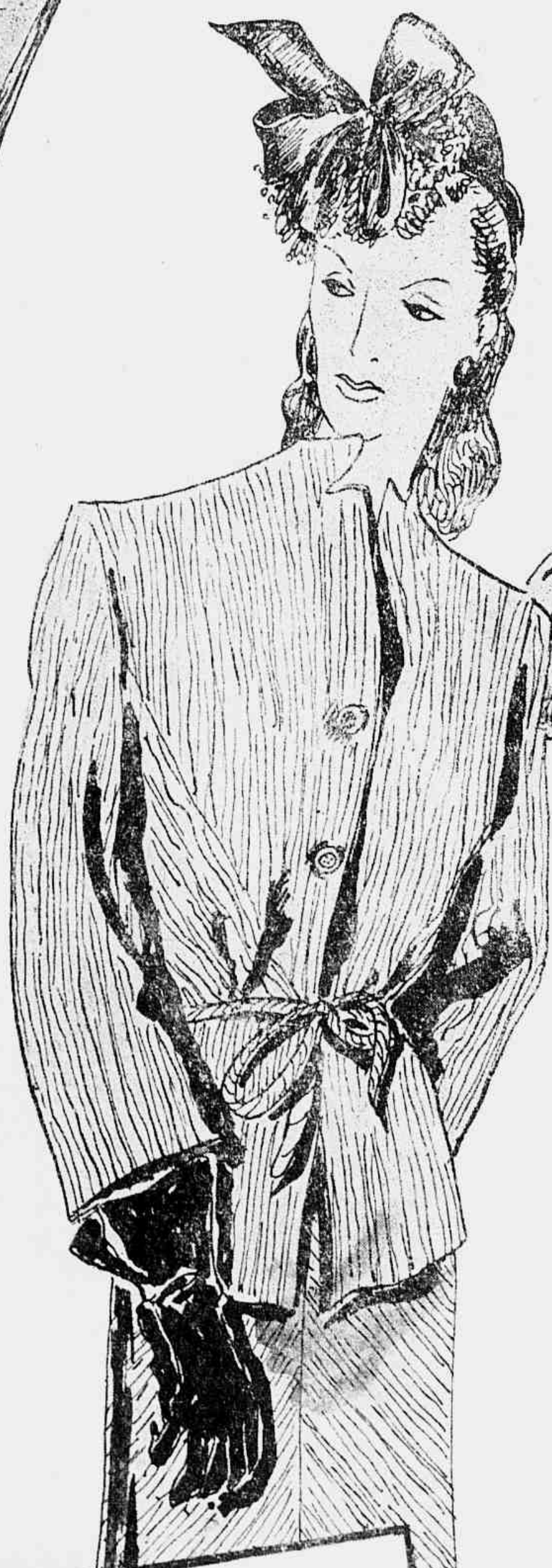
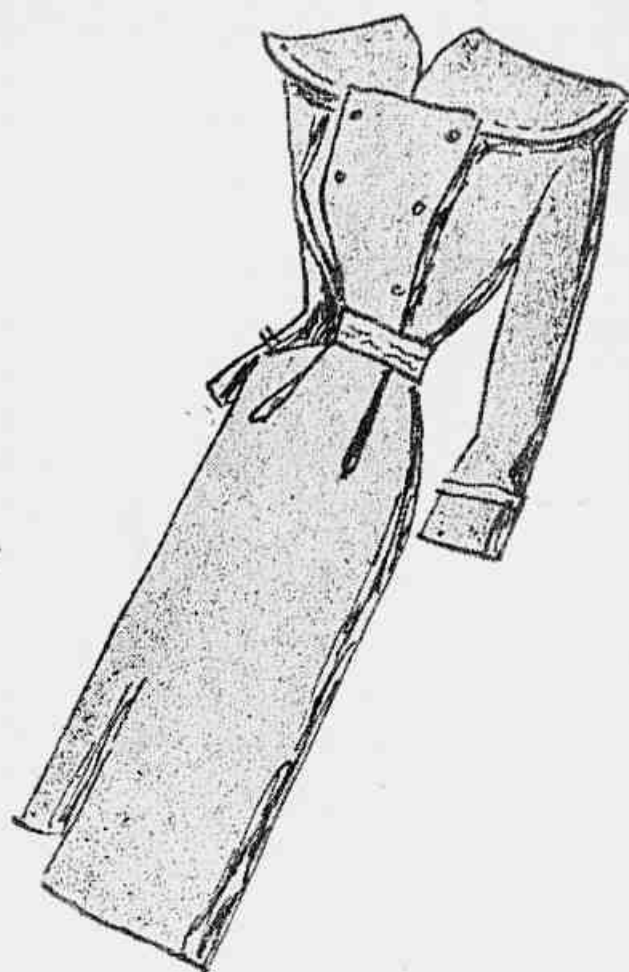
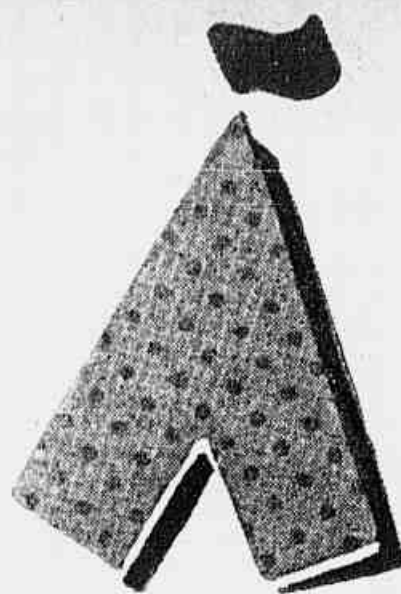
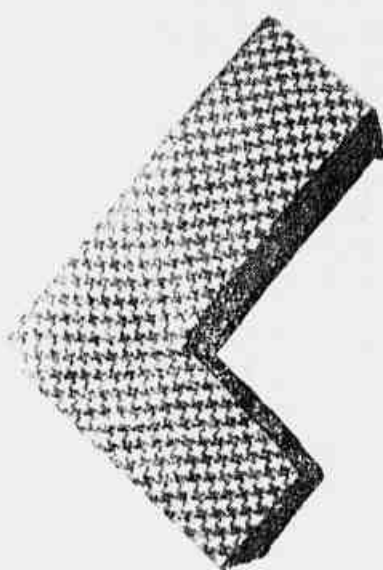
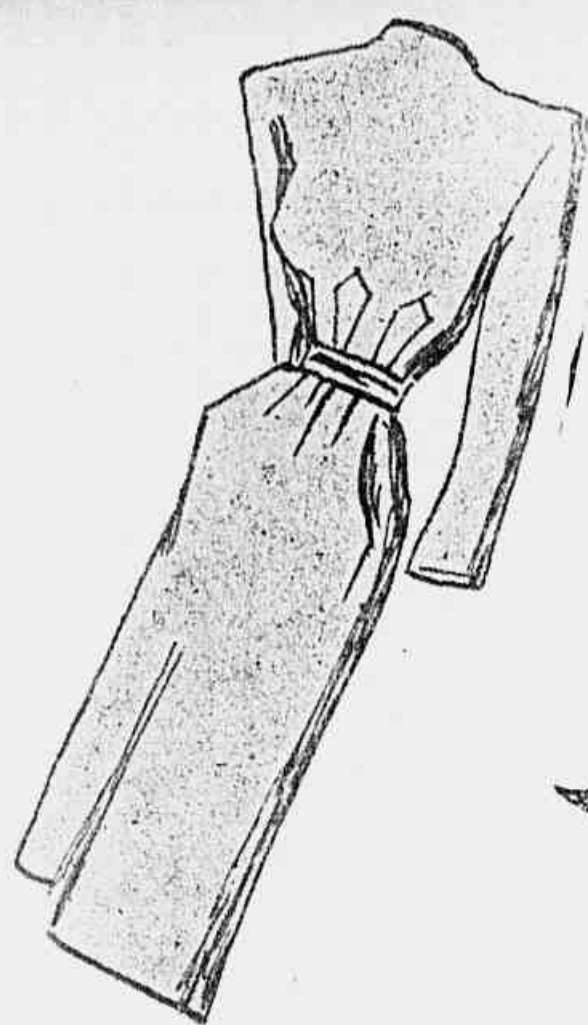
Estes dois lindos modelos que aqui estampamos, são-nos apresentados pela encantadora Dorothy Malone, jovem "estrêla da Warner Bros. A esquerda, um simples mas original "tailleur" em gabardine, com "écharpe" de sêda branca; à direita, "tailleur" em flanela de lâ bege. Notar o original talhe das mangas.



Modêlo em lã rosa, tois azul marinho, bolsos e gola pontados. Fecho "éclair" no corpo do vestido.



Elegante modêlo em lã quadriculada cinza e azul marinho.



Em lã mescla belge, deve
ser executado este modelo.

Interessante conjunto de
saia, colete e casaco três-
quartos, numa harmoniosa
combinação de marrom e
amarelo canário.



Rudolf Firkusny, cujo talento se explica com uma anedota.

Sociedade de Música de Câmara, o Quarteto Iacovino e tantas outras organizações.

Nessa onda de concertos, temos tido oportunidade de assistir a realizações do mais alto valor e a iniciativas que, nos interesses da arte, bem poderiam ser dispensadas.

Rudolf Firkusny classificou-se como um excelente sucessor para Brailowski. Moço ainda, ele revela, a par de uma facilidade e fluência admiráveis, a tendência para desprezar as interpretações que extraem as linhas mestras da peça, num trabalho de re-construção paciente. Rilhante, como certamente é, Firkusny é, também, impaciente. Assim, os seus concertos se desenvolvem em arroubos, frequentemente felizes, porém, certamente, inadequados e inoportunos porque transformam, desvirtuam, adulteram o "estilo" de cada peça. Essa preocupação com o "estilo", a sutil qualidade diferenciadora, que vai das mais evidentes feições de cada escola às características individuais de cada compositor, requerem um estudo escrupuloso, para que o intérprete não dê uma tradução que seja mais propriamente, uma traição...

No piano, dominam as questões que poderíamos explicar, despretenciosamente, lembrando a famosa anedota do "mande-me dinheiro!". Como todos sabem, a retação de um telegrama nestes termos provocou a indignação do destinatário, segundo a anedota, pois, recebendo o pedido, ele achou que este poderia ter sido anunciado com brandura... Isto é, dependia, não das palavras utilizadas e sim da inflexão. Assim, as notas da partitura. O compositor envia ao público o seu pedido de "mande-me dinheiro" — aí está o rigor das notas — porém a interpretação tem que se incumbir de dar o que não poderia estar na partitura, como não estava no telegrama: o corpo sonoro, que, na sutil alquimia da arte, veste a anotação do criador por intermédio da ação do intérprete.

Se, porém, o pianista resolve preocupar-se mais com a própria voz do que com a sua tarefa de traduzir a partitura, ele acaba por transmitir uma mensagem totalmente diferente, apesar de ferir as notas indicadas. A questão é bem claramente da maneira de dizer: "mande-me dinheiro"...

José Iturbi, que aqui chegou com o auxílio de larga propaganda, também decepcionou. Já as suas interpretações, no cinema, nos tinham inspirado dúvidas. Entretanto, contando com a capacidade de Hollywood para tornar medíocres os grandes talentos, esperamos, com paciência e espírito desprevenido, a visita do artista espanhol. Seu concerto de estréia, entretanto, foi "hollywood" com por cento. Rígido, carecendo de uma plasticidade maior, ele tem um "toucher" seco e forte, que bem revela a sua falta de flexibilidade quando interpreta Debussy, por exemplo. A fina névoa sonora de Claude de France, passando pela forma da interpretação de Iturbi, perde o que tem de mais precioso, isto é, a sua fantasia delicada, a sua finura.

José Iturbi, sempre o mesmo, em Hollywood ou no Municipal.



MÚSICA

A RENOVAÇÃO E DOIS PIANISTAS...

VÁRIAS SOCIEDADES E A MÚSICA DE CÂMERA — FIRKUSNY, ITURBI E OS ESTILOS — A HISTÓRIA DO TELEGRAMA E O ESCRÚPULO DOS INTÉRPRETES — O PÚBLICO E AS EMPRESAS.

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Já assinalamos, em diversas oportunidades, a transformação que vai sofrendo o nosso meio musical. O sentido dessa renovação, preso, como é natural a uma tendência predominante entre os compositores contemporâneos, por outro lado revela, também, um refinamento e um bom gosto, da parte do nosso público, que seriam totalmente inesperados, se concordássemos com as frequentes acusações de alguns cronistas que vêem como responsabilidade das audiências o que, na realidade, não passa de inépcia das empresas. O número sempre crescente de entusiastas da música de câmara é o fato que registramos como revelador de um nível cultural, no domínio da música, que "honra e consola". Se poderosos obstáculos ainda se levantam ante o impulso no sentido de garantir a mais larga aceitação desse gênero, devemos atribuí-los, não a uma falta de receptividade dos frequentadores dos concertos e sim a um erro de visão dos responsáveis pela organização das temporadas, que acreditam agradar a todos baixando a qualidade dos programas, em benefício de uma suposta preferência do público, que os fatos desmentem e desautorizam.

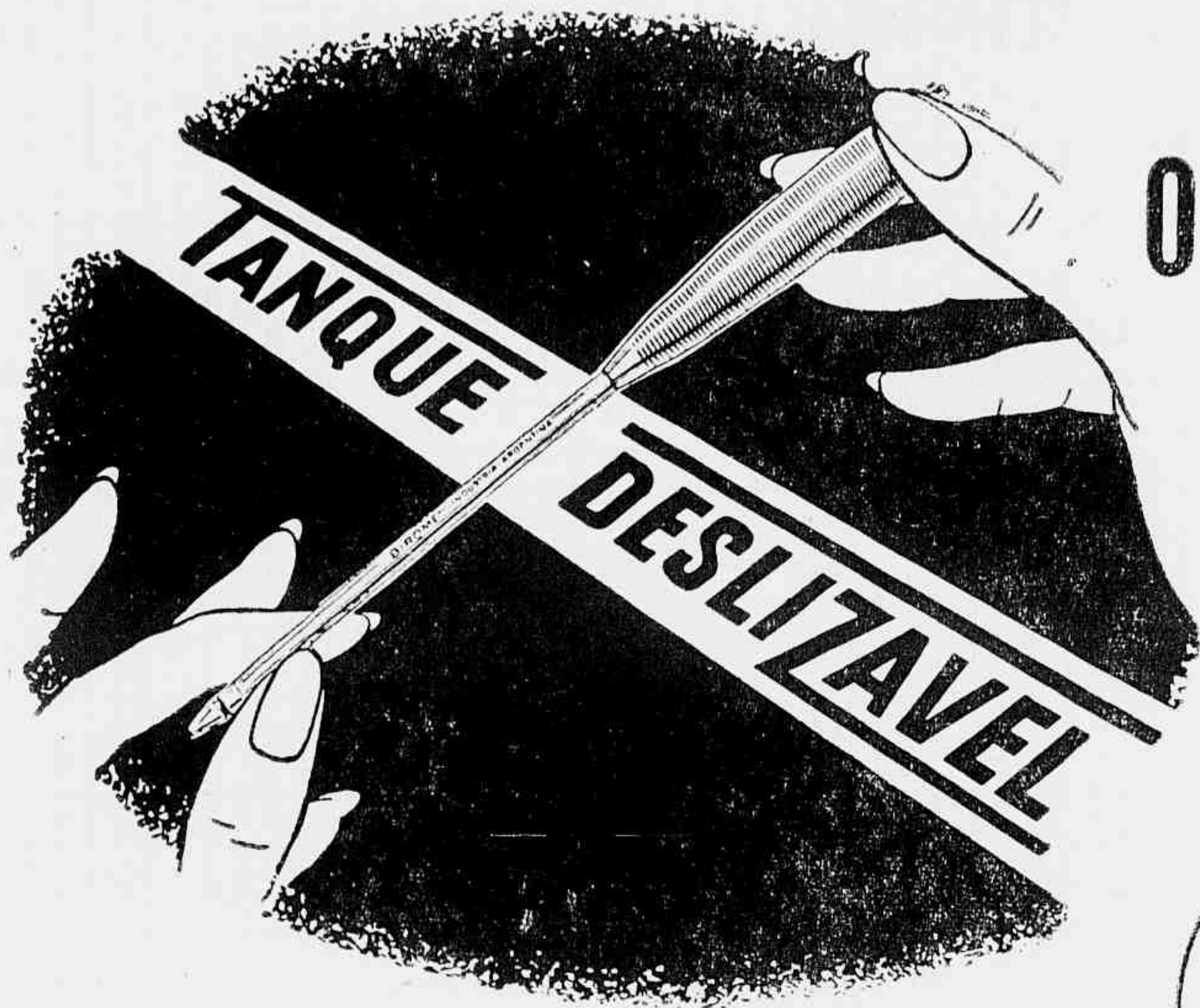
A música de câmara, gênero que leva concentradas qualidades mais propriamente musicais, para ser devidamente apreciada, requer, é evidente, maior sensibilidade e familiarização com a expressão musical. Seria difícil encontrar o segredo da construção harmoniosa de uma sonata, de um quarteto, o encanto de um "lied", sem ter uma noção da técnica. Ora, manifestando sua capacidade para valorizar, de maneira adequada, essa espécie de música, o público carioca dá uma boa resposta aos que lhe atribuem a culpa da maior parte das deficiências. In-

felizmente ainda numerosas, que é possível registrar, na fabricação de concertos que são verdadeiros atentados contra a arte.

O piano poderia ser considerado como uma espécie de ponte entre a graça mais íntima da música de câmara e o gênero híbrido, que é a ópera, cujas aparências imponentes encerram, no conteúdo dramático, na encenação e nos libretos, um poderoso atrativo para os que não suportam a música pura e despojada. Essa função do piano ad- vem, certamente, da possibilidade de preservar, dentro do repertório de câmara, certa soma de qualidades extramusicais. É fácil explicar isso, exemplificando. Tomemos Brailowski, cujo apelo à popularidade atinge o gosto pela música sugestiva, pela aparência lânguida, pela afetada "suavidade" de um "toucher" que fere as notas em "tremolo", numa reprodução musical da demagogia... Por outro lado, o piano abre as mais largas possibilidades. O rigor de uma sonata, por exemplo, a estrutura complexa de uma fuga levam aos espíritos alertas o sentido das formas musicais e o gozo de construções que dispensam, quando fielmente executadas, essas concessões que o público não solicita e que os artistas que não se sentem à vontade na escrupulosa honestidade profissional obtinham, em favor daquela outra sorte de interpretação a que nos referimos.

ITURBI, FIRKUSNY E CIA.

Sociedades de Concertos têm sido formadas, ultimamente. Nem todas prosperaram, porém, aquelas que garantiram para si um prestígio sólido, fizeram-no com o apuro e a exigência, na organização artística. Assim, a



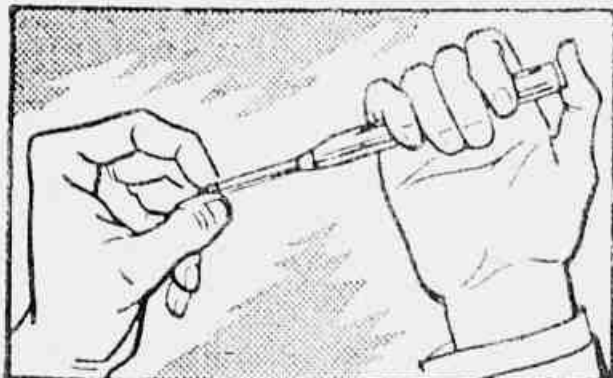
O detalhe que
a consagra
PERFEITA

Uma inovação exclusiva em
todo o mundo!

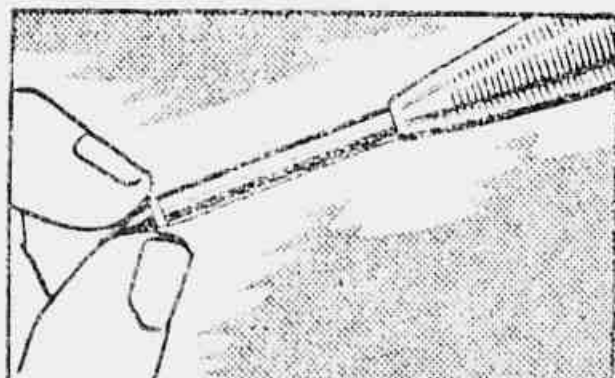
— Agora, V. mesmo poderá recarregar
a sua BIROME, numa operação tão
fácil que até uma criança pode rea-
lizá-la em dois segundos!

ATENÇÃO!: Cada esferográfica com
"Tanque Deslizável" tem direito a
mais um tanque sobressalente. *Exija-o!*

Como se deve mudar AGORA uma carga de tinta:



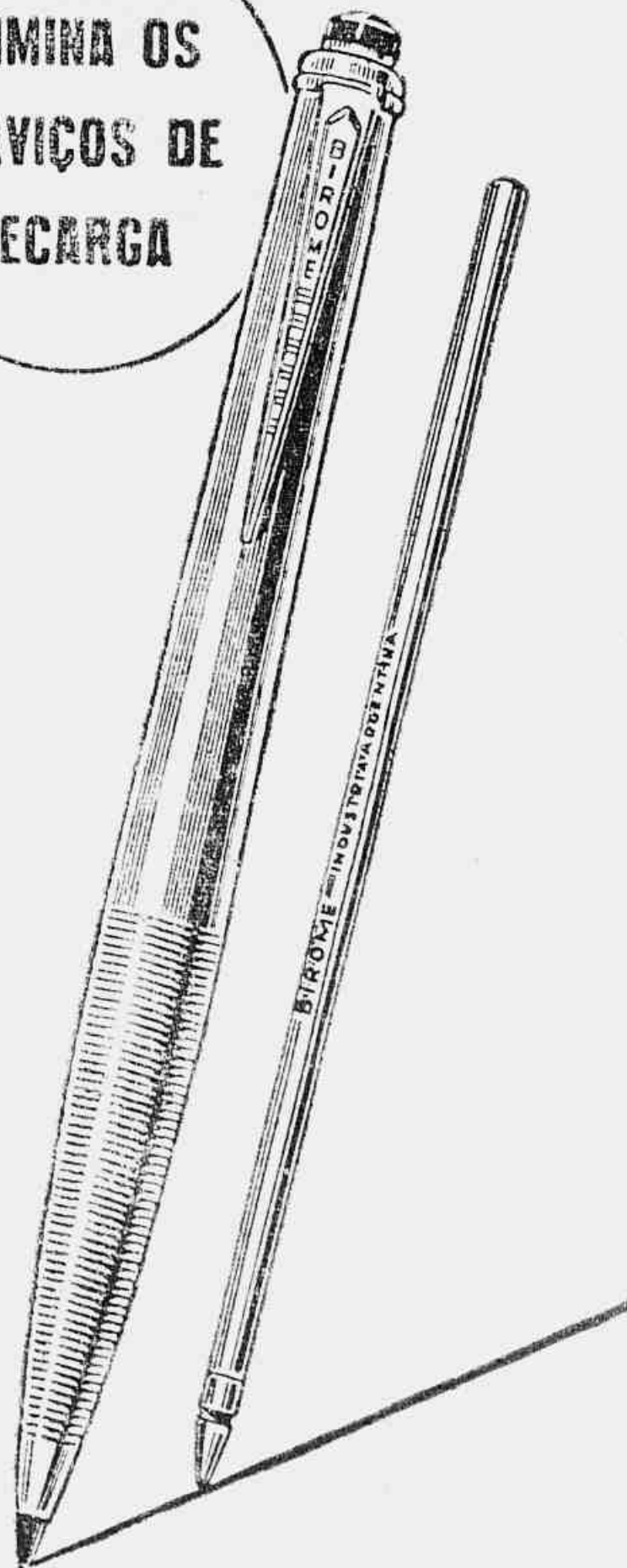
Comprime-se o botão, segura-se
a ponta pela ranhura e puxa-se
o tanque para fora.



Para colocá-lo, basta exercer uma
leve pressão para que deslize sua-
vemente retornando ao seu lugar.

ESFEROGRÁFICA
Birome
RETRÁTIL

ELIMINA OS
SERVIÇOS DE
RECARGA



Modelos desde
Cr\$ 225,00
a
Cr\$ 2.860,00

O INVENTO QUE CONQUISTOU O MUNDO

BIROME INDUSTRIA E COMÉRCIO S. A.
RUA PEDRO LESSA 35-8° — TEL. 42-0766

O fato estourou como uma bomba no seio da sociedade. Os homens olhavam uns para os outros e perguntavam: — "Por que?". As mulheres enxugavam com o lençinho de renda, perfumado a Chanel, o canto dos olhos bonitos, dos quais escorria uma lágrima compassiva e inútil, comentando entre si: — "Que pena!"

Sim, era de fato uma pena que aquilo tivesse acontecido. Tantas vidas vazias e fúteis no mundo, estorvando os outros, criando impecilhos e sofrimentos e fora logo perder-se aquela, estuante, bela, cheia de seiva e mocidade! Por que? Que acontecimento estranho, que problema insolúvel obrigara Rogério, na plenitude e na felicidade dos seus trinta anos, a estourar os miolos com um tiro de revólver?

Se Rogério era feliz, rico, desejado, por que se matara? Era do conhecimento de todos sua existência conjugal perfeita, após o romântico casamento, que lhe trouxera Marta para os braços apaixonados. Marta, de noiva adorável que tinha sido, transformara-se na mais deliciosa esposa do mundo. A ventura dos dois era de causar inveja. Quando se olhavam, pareciam nunca saciar-se naquela linguagem muda de ternura. Em público, muitas vezes suas mãos se encontravam e eles ficavam assim, esquecidos dos outros, que os fitavam sorrindo com malícia, inteiramente entregues ao seu amor.

Eram ricos. Sua casa conhecida como uma das mais hospitaleiras. A saúde transpirava de todos os seus músculos e de todos os seus gestos.

Por que se suicidara pois Rogério, se a vida lhe colocara nas mãos o amor e a felicidade?

Ninguém sabia, ninguém. Formulavam hipóteses, mas todas falsas e inconsistentes.

De positivo, de certo sobre a imensa tragédia, só um homem sabia. Só ele sabia e podia falar, mas preferiu guardar tudo, como um segredo inviolável, bem no fundo do seu coração.

★

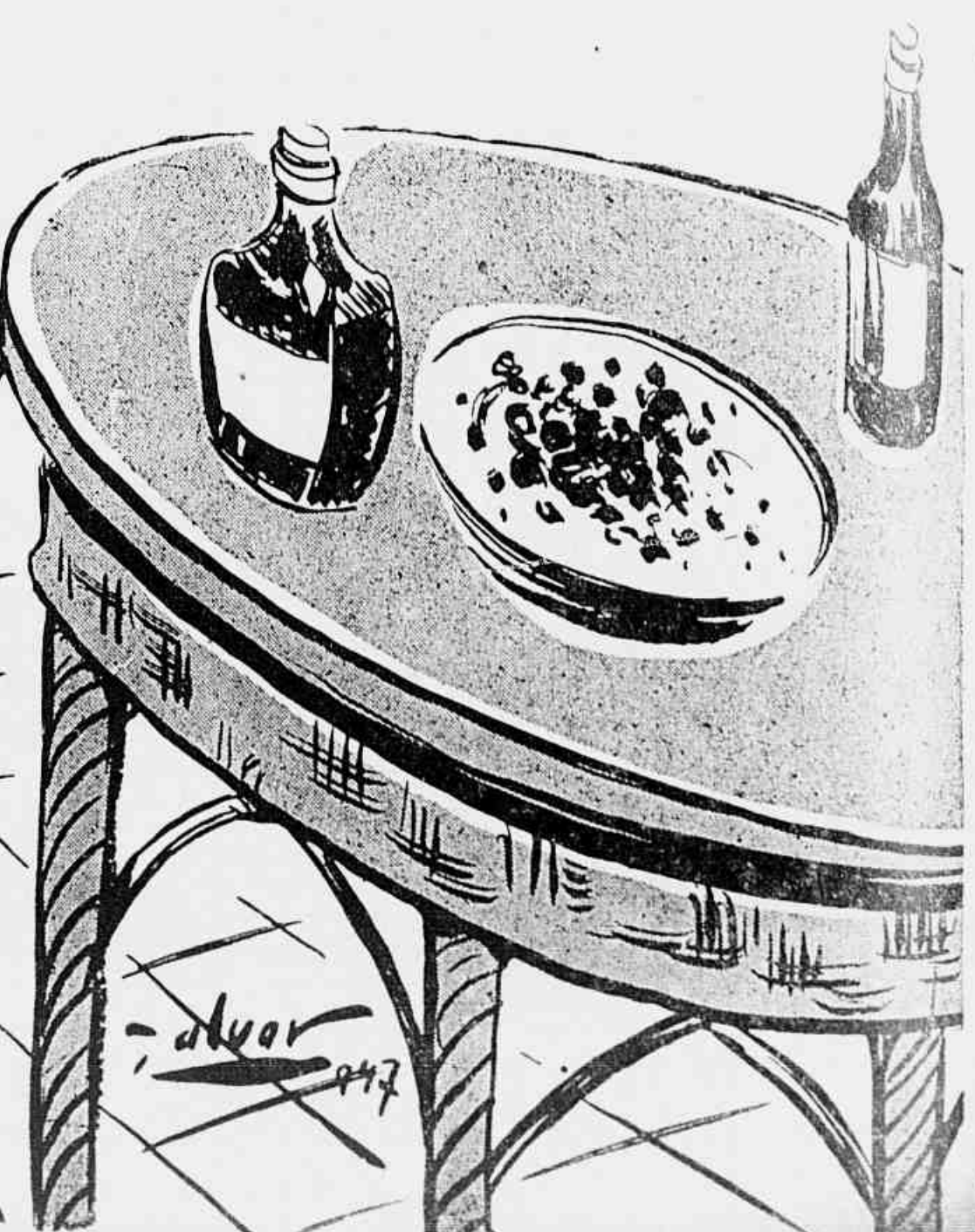
Era uma tarde, bonita como todas as tardes de primavera.

Na grande varanda do palacete da rua das Acácias, numa semi-dormência deliciosa, afundados em confortáveis cadeiras, forradas de um tecido estampado, cujas flores pareciam ter roubado seu matiz à própria natureza, tão alegre e vivo ele era, Rogério e Paulo conversavam.

Tinham na mão um grande copo de whiskey e soda e, sobre uma pequena mesa de junco, entre os dois, via-se um prato de porcelana repleto de amendoim torrado. Bebiam e comiam o amendoim com indolência.

Seus tipos, ambos belos, eram completamente diferentes. Rogério era moreno como um napolitano. Grandes olhos, rasgados e ardentes, sobressaíam no seu rosto de impressionante palidez. A boca, de traçado firme e enérgico, possuía no entanto lábios carnudos, como a demonstrar a complexidade do temperamento de seu possuidor, que era de fato, conforme as circunstâncias, decidido ou apaixonado. As mãos que seguravam o copo de whiskey possuíam linhagem indiscutível, longas e bem feitas.

Paulo era louro, tão louro que seus cílios, esbatendo-se diante dos olhos profundamente azuis, tornavam-se prateados. Alto e forte como o amigo, via-se, todavia, ser um temperamento completamente oposto. Enquanto o pé de Rogério, bem calçado numa sandália caseira, batia o ar com impaciência, os seus se conservavam juntos e



quietos, como dois meninos comportados, sobre o ladrilho encerado da varanda.

Rogério personificava a ardência, o nervosismo, a paixão. Paulo a doçura, a compreensão. Tão belos, anegar de tudo, eram como duas plantas nascidas num mesmo jardim: Uma, altiva, soberba, toda voltada para o calor do sol, a outra curvada com meiguice para o cheiro bom e amigo da terra.

De almas tão diferentes, eram inseparáveis, desde os tempos colegiais. Paulo admirava Rogério como quem admira um deus; seus impulsos, sua natural impetuosidade, quem sabe sonhara possuí-los também, a fim de dominar certas situações de sua vida? O companheiro tinha, talvez, o que lhe faltava, para uma completa fixação de personalidade. E, para Rogério, Paulo representava um dique sólido, represando certos atos seus, impensados capazes de prejudicá-lo mais tarde. Muitas vezes isso já acontecera a Rogério, quando tudo passava, abraçava o amigo, meio encabulado, repetindo:

— "Se não fosses tu, Paulo... És como o lado bom do meu caráter, o outro "eu" ponderado, que me salva, nos momentos em que me domina o meu maldito temperamento. Creio que é por isso que te estimo tanto.

Paulo sorria de leve e respondia-lhe:

— Creio que somos de fato o complemento um do outro. Frequentemente é na tua audácia que eu também procuro inspirar-me, quando tenho que realizar coisas proibidas pelo meu natural acanhamento.

Concluía, meio sério, meio zombeteiro:

— Deus, quando nos fez, deve ter dito: "Paulo e Rogério, vossas almas serão divididas, vossos sentimentos misturados e vossas sensações dependerão sempre umas das outras. Não podereis viver separados. Sereis na terra o complemento um do outro, a doçura dominando a impetuosidade, a audácia ajudando a timidez." Sim, devem ter sido estas as palavras do bom Deus, quando deu o sopro de vida aos dois pedacinhos de argila que se transformariam depois nesses dois esplêndidos espécimes da humanidade.

Ambos riam, então.

Quando Rogério apaixonou-se, perdidamente, pois para ele não existia o meio termo, pela pequena Marta de Monsant, figurinha delicada e frágil, com um velho e bom sangue francês a correr-lhe pelas veias, tornando-a um tipo incomum de mulher, muita gente pensou que aquela bela amizade fosse acabar-se, perturbar-se pelo menos.

Mas não. Tudo continuou como dantes. Paulo amou também, com um amor sincero e fraterno, a juvenil criaturinha que acendera tal labareda de paixão no coração do amigo. Acompanhou emocionado o curto namoro, os lances românticos do noivado, o casamento, enfim, realizado numa capelinha escondida, quase na intimidade, com a presença, apenas, dos parentes e amigos mais chegados. Estava talvez tão branco e comovido como o noivo, quando o padre abençoou a união.

Foi para ele a primeira carta de Rogério, oito dias depois, enviada da pequena cidade escondida entre montanhas, onde o feliz par tinha ido gozar a lua de mel.

Era uma carta curta, que dizia apenas:

— "Caro irmão:

Chamo-te assim, sabes, porque és de direito meu irmão. Deus não me deu outro. Embora não tenha sido o mesmo para nós o pai que nos transmitiu a vida, sinto que jamais seria tão ligado a outro ser, mesmo que ele fosse do meu próprio sangue, como estou ligado a ti.

E' pois a meu irmão que dirijo estas primeiras palavras, após meu casamento, na certeza de que ele as interpretará como eu desejo que elas sejam interpretadas.

Paulo, sou tão feliz, que chego a ter medo. Marta

ORGULHO

não é uma simples mulher, é um anjo descido do Céu para trazer-me a ventura. Amo-a. Amo-a e sou amado. Oxalá, Paulo, tu encontres ainda uma mulher assim. Dêsse modo não terei mais nada a desejar no mundo.

Marta chegou nesse momento a seu lado e disse, franzindo o beicinho: — "Para Paulo, já sei... Senhor meu marido, chega quase a ter ciúmes. Sinto-me roubada no meu amor." Naturalmente, ela brinca, tu sabes, pois amaste tanto como eu próprio. Envia-te recomendações, a minha muito querida mulherzinha.

E tu, recebe um abraço apertadíssimo, do homem mais feliz que existe sobre a terra,

Rogério".

Paulo não teve a mínima sombra de inveja. Antes, exultou-se com toda a generosidade de seu coração, fazendo votos que o amigo continuasse usufruindo tão perfeita ventura.

Era dessa ventura que falavam, naquela tarde de primavera, sentados na grande varanda.

Os olhos brilhantes de Rogério falavam mais que sua boca.

— E' como já te disse, Paulo. Sou tão feliz, tão totalmente feliz, que às vezes o medo toma conta de mim. Não é possível tanta plenitude de amor e compreensão na terra.

Paulo sorria, no seu jeito bondoso:

— Ora, Rogério, deixa-te de bobagens... Tu exaltas e dramatizas tudo, como é do teu feitio. Há tantos casais assim pelo mundo!

Ele respondeu, pensativo, olhando a bebida cor de âmbar no fundo do copo:

— Sim, eu sei, existem casais felizes... Mas, como nós... Creio que isso chega até a ofender aos deuses.

— Bobo, bobo que tu és... Não sabia que o excesso de felicidade dava nisso.

Mas a risada despreocupada de Paulo não encontrou eco no coração do amigo, que continuava a fitar meditativo o fundo do copo, como se estivesse olhando uma bola de cristal possuidora de poderes mágicos, capaz de revelar-lhe o segredo do futuro, que ele instintivamente temia.

Os meses corriam, uns após os outros. Mãos nervosas e impacientes ou mãos calmas e metódicas arrancavam, uma a uma, as folhas do calendário, que se ia despetalando como uma grande flor, como um malmequer, trazendo para uns sonhos e alegrias, para outros triste-

zas e desenganos. A vida prosseguia, indiferente, feli-ceira, protegendo os afortunados, desamparando os outros, a uns dando a glória e o poder, a outros o desalento sem remédio.

A lua de mel continuava, entre Marta e Rogério, sem sombras de nenhuma espécie. Jam a festas, a teatros, sempre juntos, agarradinhos, provocando compridos olhares de inveja.

O riso não saía de seus lábios, como uma prova convincente do contentamento que borbulhava em seus corações.

Paulo, testemunha de tanta felicidade, compartilhava e acompanhava com ternura a vida íntima dos amigos, desejando que ela continuasse igual pelo tempo em fora.

★

Havia quatro anos que Rogério e Marta se tinham consorciado.

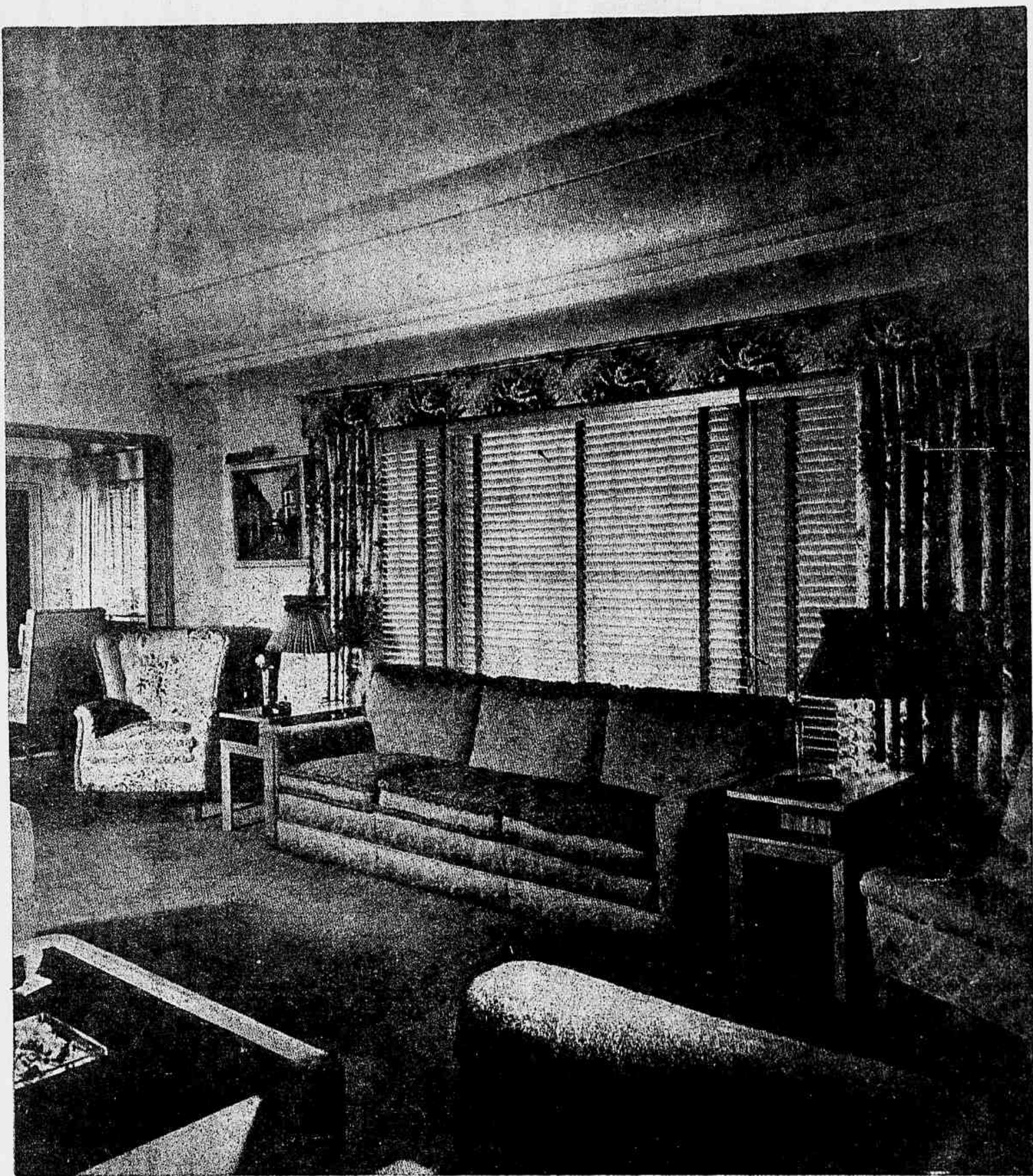
Os dois amigos encontravam-se sentados na mesma varanda, jogando uma partida de xadrez, em que Rogério era perito.

Mas ele naquele dia jogava mal e parecia distraído. O amigo olhava-o de vez em quando, de soslaio, até que não se conteve mais e interpeleu-o:

— Rogério, não sei se estou enganado, mas parece-me que desde alguns dias tens uma sombra nos teus olhos... Perdoa se estou sendo indiscreto, mas, sabes, o meu desejo é saber sempre se posso ser útil.

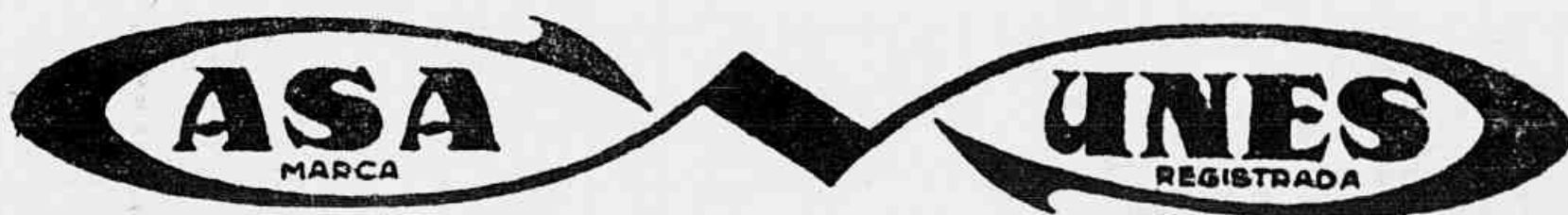
Rogério riu um riso forçado, derrubando uma figurinha no tabuleiro.





Mobiliarios – Tapeçarias – Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

O REGRESSO DO DR. JOSÉ BARROS DE MENEZES

De volta da viagem de núpcias que fez à Bolívia, chegou no dia 17 do corrente a esta cidade em avião da Panair do Brasil, o distinto casal Dr. José Barros de Menezes-Mme. Noêmia de Carvalho Delgado Menezes, tendo sido alvo de carinhosas demonstrações de amizade e simpatia por parte de todos quantos compareceram ao Aeroporto Santos Dumont, para levar-lhe abraços e votos de boas vindas.

O Dr. José Barros de Menezes, conhecido e conceituado clínico, tem consultório à Av. 28 de Setembro, 244-Sob., e Rua General Roca, 544.

Nesta página, estampamos dois aspectos colhidos pela nossa reportagem à chegada do ilustre casal, que se vê em destaque.



A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Uma China contra uma vida

(Continuação da pág. 34)

canha. Certo ou não, eu sei que venderei para a frente apesar das brigas de todas as noites. Toda a sorte do Aristides é que ninguém morreu dentro do seu rancho. Ele dava um geitinho e convenia os amigos de levarem o ferido para outra casa.



— Ele que vá morrer por lá, que eu aqui não quero assunto com defuntos nem com delegados. Brigô porque quiz, não foi? Pois então que se arrenje!

Eram as palavras usadas sempre mas que nunca falhavam. De uma forma ou de outra eles iam se retirando e o assunto ficava encerrado. Se o Delegado sabia ou não, isso o pessoal ignorava, porque quando ele chegava lá, já não havia mais ninguém dentro do rancho.

E o Armando Carreiro foi entrando pela venda, tropeçando num mundo de gente, para encontrar o Gaudério sentado junto ao balcão pedindo outra caninha.

— Tchê, Gaudério, o Chirú tá aí!

— E que me importa?

— Bueno, eu quiz te avisá! Não vai me levar a mal!

— Hoje cedo ele já passou pelo meu rancho.

— E...

— Ué! e nada!

Armando ainda esperou um pouco para ver se conseguia uma nova qualquer da boca do Gaudério, mas foi em vão. Resolveu deixá-lo só. Pouco depois chegou o Chirú e foram os dois conversar lá nos fundos da venda.

— Lá nos fundos, sim, que bochincho em dia de penca eu não quero aqui no balcão! — disse o Aristides, já com medo que um deles morresse ali dentro.

Ninguém ouviu a conversa que os dois tiveram e talvez isso também tenha ajudado um pouco as velhas faladeiras a tecerem o escândalo.

— Bem... tá aí o mourinho que eu trouxe prá jogar uma contra o teu vermelho.

— O meu tá muito feio e muito magro!

— Ora, seu, intão tu pensa que eu não vi ele hoje? Tá bonitão e forte como sempre!

— Mas não tou com vontade de fazê um cavalo cansado cortê.

O Chirú perdeu a paciência e foi largando uns gritos.

— O que tu tem é medo, não é cavalo cansado!

Gaudério levantou da cadeira num pu-

lo e começou a falar baixo, num tom que era quase uma chicotada.

— Medo? Medo eu? E logo de quem? Dum home que não teve força prá fazê a china ficá com ele no rancho!

Chirú embranqueceu. Olhou para o outro de cima a baixo e conseguiu responder, com voz quase firme:

— Pois mostra que tu não tem medo! Mostra prá essa gente que tá aí fóra dizendo que tu te meteu aqui só prá não se encontrar comigo. Mostra, que eu quero ver prá podê contá!

A resposta do Gaudério demorou um pouco, mas veio, lenta e descansada:

— Te jogo os quatrocentos... a minha china... contra... contra a tua vida.

— Tá certo!

E o Chirú saiu batendo as esporas no chão de terra socada.

Ninguém deixou de notar que o cavalo do Gaudério não servia mais para parilheiro, que ele tinha posto o pobre animal no serviço e não cuidava dele como antes. Ia fazer feio, estava se vendo, mas ninguém compreendia o "por que" da loucura do Gaudério.

— E' verdade que ele tá louco, seu Aristides?

— Que sei eu?

— A cumadre me disse que tá bem virado, o pobre!

— E a mim, que me importa! Tá loco, tá loco! Que se arranje!

Quando Rosarita, que estava na ponta da cancha, viu que o vermelho não conseguiria alcançar o cavalo do Chirú, se

(Continúa na pág. 55)



Estude por Correspondência

desenho

mecânico e arquitetônico

GRÁTIS

CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V.S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas! **MCNEALIDADES SUAVISSIMAS!**

NÃO PERCA TEMPO E MANDÉ-NOS IMEDIATAMENTE O COUPON AO LADO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO 996

Caixa Postal 5058 — São Paulo

Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME _____

RUA _____ N. _____

CIDADE _____

ESTADO _____

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

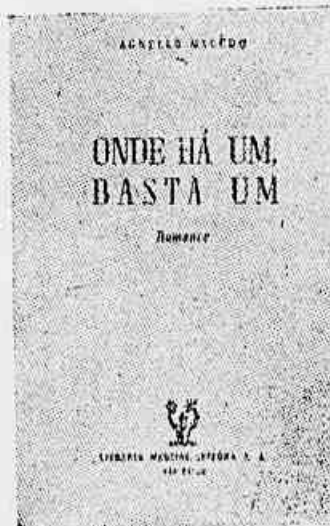
MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL



ONDE HÁ UM, BASTA UM, romance de Agnello Macedo — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1947.

O axioma que batiza o presente livro aparece pela primeira vez aplicado a um caso ímples e eventual. Ao fundo da escada de pedra que dava acesso à varanda de uma "casa grande", na zona sorocabana, havia dois cães de friengo, um de cada lado, como sentinelas viudas, imóveis e nem por isso consideradas menos dignas de respeito. Certo dia, uns carregadores, preocupados com a melhor maneira de encanalar um piano para dentro de casa, derrubaram um dos molesos viciados, que, na queda, se despedaçou. E o fazendeiro, coronel Januário, não quis mandar pôr outro no lugar, porque adotara e proclamava este princípio selten: "Onde há um, basta um". De certo, naquela eventualidade, a regra não assunira grande importância com longo alcance. Outras vezes, porém, valia por uma lição de firmeza, verdade resolvida, confiança do indivíduo no seu próprio valor. Podia, além disso, traduzir toda a experiência e toda a prudência de um chefe de família aconselhando a sua prole, como quando Januário se despede do jovem Raul seu filho que vai estudar na cidade. "Nada de amigos! Onde há um, basta um". E o autor, que, antes de se fazer romancista, foi poeta — como sempre será — da mesma sentença se vale, falando, com poética liberdade, dos últimos momentos de Januário. Tiram mandado chamar o vigário de localidade para lhe dar a Extrema-Unção. Mas o coronel "não quis esperar a ajuda do padre. Morreu sozinho. Sempre a sua filosofia: onde há um, basta um".



Desaparece Januário logo às primeiras páginas do livro, mas a sua frase de coragem e decisão permanece, vibrando até ao fim. Sente-se, por assim dizer, continuamente: a sua presença oculta e de repente, o que, à semelhança de um leit motiv, ressurge, embora de longe em longe, lembrança em desafio, ameaça ou certeza de triunfo, pela protagonista do romance.

Outros personagens a poderão preferir, mas eu menos a propósito, com mais ou menos convicção. Mas, em Simão Ventura, correponde-lhe a uma força íntima que se tornou a lei, o destino, a razão de ser de sua vida. Simão é um cabalo aparentemente invulso e outros que se entregam à faina da lavoura como se, à maneira dos bracos liberais, renunciassem e sentimentos sobretudo se dessem regular pelas ordens do chefe. Para tais homens, o mundo é a fazenda; lá nascem e morrem os filhos. Mas Simão Ventura, firme e estivo, não pensa no que pesa a existir para além do mundo da roça ou impregnado em lugares e gentes nos quais se encontram os primeiros e últimos. Ao contrário, contendo e, de algum modo, anulando, Simão Ventura, tem em si um elemento completamente diferente das naturezas conformadas, à mercê dos caprichos volúptuosos, das convulsões desordenadas da Sorte. Vive intensa, veementemente, como um herói. Tem uma grande causa a defender e tornar vitoriosa — que é um amor excepcional, amor único, de sempre, e sempre desprezado.

Simão Ventura, homem da roça, cuja existência poderia ser pouco mais que primitiva, converte-se em figura de tragédia, simplesmente porque a existência escolhida-lhe não permitiu tornar-se um marido perfeito em casa, submisso no trabalho, como qualquer outro. Paupérismo, pouco valente, frio, um tanto estorçado — por efeito da picada de uma cobra, quando ele espreitava a sua amada, moçoira rinda, berchete no rio — Simão se revolta contra tudo aquilo, não cessa de respirar, não quer absolutamente ser vencido. Nem pelos homens nem pelo Destino. Regra como pede. A estrutura eleita e sempre nobre dá-se por esposa a outro "colono". Mais tarde, recebe um amante. Mas Simão Ventura não deixa, por um momento, de a querer para si. Presvê firmemente, sabe com certeza que, um dia, a levará para a sua rude casa em um boiço, por "barriar", e que fica no recanto de mata por ele próprio desmatado de Solidão. Por isso luta com todas as armas ao seu alcance e mais as que inventa e faz, condidas para a boa ocasião. Esbraveja, lá por dentro, como Otelo, mas, procede como lago. Tão rancorosa e astutamente organiza o seu plano, que leva Ditiúlio, o marido capcioso ingênuo, a matar o amante da esposa, o tal Raul, que foi estudar na cidade, principalmente a arte dos sedutores sem escrúpulos. Induz Ditiúlio a matar em condições de não poder deixar de ser preso e condenado. A mulher fica desamparada, desorientada, "à deriva para um canto", como se costuma dizer. Então Simão Ventura toma conta dela e a leva triunfalmente para a casa recém-herida de Solidão.

Tais as linhas mestras do entredo desenvolvido pelo Sr. Agnello Macedo — longa história que nunca chega a dar a impressão de extensa de mais. Além do trio que é animado tantíssimas obras de ficção, outros tipos aqui se retratam nos poucos olhos se fixam na nossa memória: Um agiota ferozmente dado a hipotecas ardilosas para se apossar das terras, de quaisquer bens dos devedores; um rábula cachaceiro, chefe de todas as venalidades e todas as felonias; Marco, espécie de predestinado, que, ferido na primeira proximidade pela desgraça da cegueira, passou a errar, além do vulgar ofício de cego, em que será exímio, coisas estranhas, geralmente ignoradas dos homens — a previsão do tempo que vai fazer e de certos acontecimentos que se vão dar; a maneira de adivinhar os melhores caminhos; a faculdade de descobrir, em todas as palavras ouvidas, as ações que elas se abstenham de confessar, as intenções e todos os sentimentos que pretendem disfarçar. Os seus dons, em pessoa inculta, nascem meio remota, atingem a sublimidade. E tal imagem bastaria para tornar este livro cativante.

O Sr. Agnello Macedo compôs o seu romance quase inteiramente em diálogos. Temos assim uma narrativa feita, em frases geralmente sucintas, rápidas, pletoras próprios personagens. Naturalmente, todo o se falar é críptico. Mas o próprio caráter de parte descritiva, emprego, não raro, como linguagem sua, expressões regionais, e vocabulário populares que os dicionários ainda não registram. Numerosas são as falas lentas e de eufonia que estão fazendo a mesma coisa. Trata-se de uma espécie de modo. Tornar-se-a regra definitiva? Possível como as outras coisas? Esperamos. Ficaremos, por isso vamos louvando no romance do Sr. Agnello Macedo, como em outros livros de gênero temos feito, as fortes qualidades e os aspectos de beleza — que são irrecusáveis.

ALÉM DA VIDRAÇA, romance de Irene Tavares de Sá. — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1947.

É a história de um amor absoluto. O estudante Ciro, dos seus dezoito anos, foi subitamente possuído dessa afecção incondicional. O "ver-te e amar-te" da nossa velha literatura sentimental; o "amor à primeira vista" dos romances-filmes norte-americanos, naquele rapaz excepcional se manifestou instantaneamente e ficou para sempre. Nada ele sabia acerca da peregrina criatura; não a encontrara em parte alguma; ninguém dela lhe havia falado. Certo dia, tendo acompanhado a casa um condiscípulo viu-a a uma janela que lhe não pareceu da mesma residência. Teve a impressão de uma fisionomia única, nunca imaginada, de algum modo fora da realidade. E, com esse etéreo

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

Para tornar seus cabelos saudáveis e juvenis; para tê-los sempre penteados e suavemente perfumados, seja no seu barbeiro ou em qualquer parte nas suas 7 emblemas diferentes.

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO!

Notas



maravilhoso, veio-lhe uma espécie de certeza de que tal imagem para ele fora criada, ficando à sua espera para no momento de se revelar, começar a pertencer-lhe. Assim o erro, em estubo, se nos apresenta: esperar que a autora não ache extremamente detestável a nossa interpretação.

Giselda era irmã do tal discípulo; e este, recordando-se da forma de simples parente, a primeira confiança de Ciro, manifestou certa reserva, certo constrangimento, bem de deixar supor um drama em um mistério. Há com efeito, naquela família, uma tradição pernada e irretrável. Giselda é vítima de uma orfandade, e as denominações dadas a gente tem sempre em perspectiva que a Sra. Irene Tavares de Sá não escreve um só versinho em todo o livro. Por isso, vive, tanto quanto possível, isolada. Apavora-se a ideia de que alguém possa tocar a sua pessoa condenada. Alguns vez que tal acontece, ela não corre a buscar o frasco de desinfetante para que o inseto, diante do perigo horrível do castigo.

E' de imaginar como Giselda se encruva à corte entre as peitosas e confiante que Ciro lhe fiz. Ele, porém, não se dá por satisfeito. Quando as duas famílias vierem a si, ber de veras do próprio do estudante, e de reusar os lados alvoroçada, argutosa, espiciosa. O pai de Ciro, não se dá por satisfeito de uma casa de saúde — não de qual especialidade, tem certeza — filha e, rinhosa e enérgica, e de nome não o não o irmão de Giselda, tem certeza de vencer a da impossibilidade de se tornar virtuoso, e de se tornar. Já ele, porém, se possuir da mesma ilusão. A noção era de espécie oculta, impetuosa, e os profanos... E a ciência de curar tinha, nos últimos tempos, operado tão surpreendentes prodígios... Quem sabe? Esperar, ter fé. Também o amor realiza os seus milagres. E Ciro a amava "acima da beleza e da vida".

Nem argumentos nem exortações, nem a tristeza que não desgracia de resto puríssimo de Giselda; nem a ausência de Ciro, marido de sua mãe, por outro lado para completar os estudos — nada influir por um instante na sua fidelidade ideal. Ciro voltou antes de termino do prazo. O casamento veio e chutou-se com a mulher outro. Anunciou-se a fatalidade suprema da vida de um filho. Daí por diante Giselda se torna uma heroína ao mesmo tempo, cheia de amor e de reflexão. Quando lhe parece oportuno, foge do lar — à beira da estrada, perto da cidade de Campinas — e, sozinha, viaja, sofrendo e lutando com uma inspiração, até ao Rio, onde se refugia na casa de saúde do pai de Ciro. Só o médico e a mãe de Giselda, além de quem está presente. A criança nasce, protegida pelo moderno método científico, e guardada e curada, meditantemente separada da parturiente, de modo a não sofrer. Anos se fez. Cumpriu a sua missão, Giselda extirpa de corpo o câncer e dos milagres de seus dias nos dois últimos dias, e dorme. E vem o golpe de agonia e o fim do romance.

A Sra. Irene Tavares de Sá é uma narradora de histórias em geral, e em particular, na sua maneira, surgem com frequência os efeitos negativos. O capítulo de Paris, por exemplo, nos a parte menos interessante do livro. Torna-se um tanto convencional dos aspectos e dos ambientes, como na obra de quem, seguindo os princípios de leitura ou de espetáculo, deixa de dar a vida de um certo período. In todo e não se pode apreciar o certo nítido da descrição o seu natural, fiel, desolado, certo e agudeza ou utilidade na explicação clara de princípios e de certidão de fatos e fatos de psicologia. E a imagem de Giselda — não a que vem na obra, a que está lá dentro — foi criada de maneira a ficar bastante tempo diante dos nossos olhos e na nossa sensibilidade.

OLHO D'ÁGUA (Poesia) de João Accioli — Editora Brasiliense Limitada — São Paulo, 1947.

No presente livro nos dá o Sr. João Accioli duas feições literárias e, por assim dizer, dois poetas. Não poderemos dizer qual destes é mais sincero ou se preza mais a si próprio. Igualmente não parece difícil averiguar pela simples leitura qual deles concebeu um erro. É a impressão singular de quem os considera é que os dois *turulentos se tiveram em um*. Por essa razão ou por qualquer outra, a verdade é que o Sr. Accioli teve o cuidado de lhes separar as produções.

Há uma parte do livro composta de sonetos e na qual encontramos uma inspiração bem-humana e bem limpa, servida por uma arte que se aplica com firmeza. São decassílabos ou alexandrinos que seguem o melhor modelo tradicional, e que se fazem como sem preocupação nem esforço, de belíssima e amável e espontaneidade de modo vulgar. Desta maneira trata o poeta, entre outros temas rústicos, os motivos de um campo de bois, um pequeno marinho, o canto das cigarras, e também o caso familiar e patético de uma Bastiana, que, separada do noivo e mandada para a cidade, não se dá por satisfeita de amor; a história de outra pobre criatura de cor, e que se deixa iludir, e desce em minha desde a última perseguição — a de que o poeta se compadecer — *oh, n'insultez jamais...* — exortando os homens a não a desprezar nem dela, escarnecer.

Nunca zombei daquela decada!
Porque cada um de nós traz, desde que nasce,
Um destino a cumprir no círculo da vida.

O resto do livro pertence ao "outro" poeta. Modernista, futurista, e com a si próprio se queira qualificar. E talvez ele entenda que estes versos em uma rede irregularmente, ora sem nenhuma regra, nem uma ordem, e que parece ver-se no livro e no livro de sonetos, o definem e dignificam. Eis, por exemplo, o princípio e o fim de poesia *Teu*, e que, por extensa, de mais, se não coude com a divisão do espaço desta página:

— São Paulo é São Paulo!
Ou aqui eu no inferno
São Paulo é São Paulo!
Cale a boca, doide o povo trabalhar.
E povo não para
Automoveis, Bondes, Caminhões, Carreças e o diabo.
Gente: Italiano, Judeu, Espanhol, Tuão!
Barulhos de fábricas, De trens chegando, De trens partindo.
Ruídos, Sons, "Gazete", "Folia", "Evaristo".
Fumaça de fábricas, Apitos de fábricas.
Fumaça de incêndio, Revolta, Revirupé.
São Paulo é um ávido, tuje II
os alquimistas da Administração não podem insular.
É um paradoxo de casinhas n'altas, e de chão
e brutos arranha-céus apontando o espaço.
E quanta gente amando o paradoxo!
Fazem acolá o moleque do Alaiço Piques:
Minha terra tem arranha-céus
por onde voa o Zepelin;
As fábricas que aqui gorgelam
são muito diferentes dos sabiões de Gonçalves Dias!



Fleurs
d'Amour



EXTRATO • LOÇÃO • PÓ DE ARROZ • BRILHANTINA

ROGER & GALLET

PARIS • RIO



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

(Conclusão do número anterior)

Bola de

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Carmen Miranda
a famosa "BRAZILIAN BOMBSHELL"

É claro que sim! Ela sabe que um belo sorriso é indispensável ao triunfo e que Kolynos embeleza o sorriso. Um centímetro sobre a escova seca é suficiente; a deliciosa espuma de Kolynos limpa os dentes suave e profundamente e deixa na boca uma incomparável sensação de frescor, limpeza e saúde. Os que usam Kolynos estão de acordo: Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

K404-PH

McCann

Separaram-se lá em cima. Mas a senhora Loiseau, que era da natureza das ortigas, fez notar ao seu marido, quando se deitavam, que "esta invencioneira" pequena Carré-Lamadon, havia rido amarelo durante todo o serão: — "Tu sabes, as mulheres quando gostam da farda, não lhes importa sejam francesas ou prussianas; é a mesma coisa. Se isto não é por piedade, Santo Deus!"

E toda a noite, na obscuridade do corredor, passaram fremitos, ligeiros ruidos mal sensíveis, semelhantes a sôpros, deslizar de pés nus, estalos imperceptíveis. E seguramente ninguém dormiu senão muito tarde, pois durante longo tempo, percebia-se filetes de luz sob as portas. A champanha tem êsses efeitos; dizem que tira o sono.

No dia seguinte, um claro sol de inverno tornava a neve resplandecente. A diligência, finalmente atrelada, esperava à porta, enquanto um mundo de pombos brancos, empertigados na espessura de suas penas, com os olhos roseos no centro marcados de um ponto negro, passeavam gravemente entre as pernas dos cavalos e procuravam o que comer nos excrementos fumegantes, que espalhavam.

O cocheiro, embrulhado na sua pele de carneiro, fumava uma cachimbada na bolea e os viajantes, radiosos, mandavam empacotar provisões para o resto da viagem.

Esperava-se apenas Bola de Sebo, que apareceu afinal. Parecia turbada, envergonhada; avançou timidamente para junto dos seus companheiros, os quais com um só movimento se voltaram, como se não a tivessem percebido. O conde tomou com dignidade o braço de sua mulher e distanciou-se desse contato impuro.

A gorda mulher parou, estupefata; e então, reunindo toda a sua coragem, abordou a esposa do fabricante com um "Bom dia, senhora", humildemente murmurado. A outra fez com a cabeça uma pequena saudação impertinente, acompanhada de um olhar de virtude ultrajada. Todo o mundo parecia azafamado e se mantinha longe dela, como se ela tivesse trazido uma infecção nas suas roupas. Depois precipitaram-se para o veículo, onde ela chegou só, por último, retomando em

silêncio o lugar que havia ocupado durante a primeira parte da viagem.

Parecia que ninguém a via, que ninguém a conhecia; e a senhora Loiseau, olhando-a de longe com indignação, disse a meia voz a seu marido: — "Felizmente não estou ao lado dela".

O pesado veículo pôs-se em movimento e a viagem recomeçou.

De começo, quase não se falou. Bola de Sebo não ousava levantar os olhos. Sentia-se ao mesmo tempo indignada contra os seus companheiros e humilhada por haver cedido, por deixar-se macular com os beijos desse prussiano, em cujos braços haviam-na hipócritamente jogado.

Mas a condessa, voltando-se para a senhora Carré-Lamadon, rompeu logo o penoso silêncio:

— "Conheceis, certamente, a senhora d'Étrelles?"

— "Sim; é uma das minhas amigas."

— "Que agradável senhora!"

— "Encantadora! Uma verdadeira natureza de escol e além disso muito instruída; artista até a ponta dos dedos; canta de forma encantadora e desenha com perfeição."

O fabricante conversava com o conde e entre o barulho das vidraças ouvia-se por vezes uma palavra: "Ação — vencimento — prêmio — prazo".

Loiseau, que havia furtado o velho baralho do hotel, ensabado por cinco anos de uso sobre as mesas mal enxugadas, rompeu um jogo de cartas com sua mulher.

As irmãs de caridade tiraram da cintura o longo rosário que dali pendia, fizeram juntas o sinal da cruz e prontamente seus lábios puseram-se a mexer vivamente, apressando-se a mais e mais, precipitando a vaga de murmuração, como para uma corrida de oremus; e de espaço a espaço beijavam uma medalha, persignavam-se de novo e recomeçavam o sussurro rápido e contínuo.

Cornudet, imóvel, meditava.

Ao cabo de três horas de viagem, Loiseau guardou as cartas. "Há fome", disse ele.

Então sua mulher tomou um pacote, do qual retirou um pedaço de carne fria. Cortou-a

Sêbo

cuidadosamente em fatias finas e compactas e os dois puseram-se a comer.

— “E se nós fizéssemos a mesma coisa?” — disse a condessa. Concordaram e ela desembrolhou as provisões, preparadas para os dois casais. Tomou um dêsse vasos alongados, em cuja tampa há desenhada uma lebre, para indicar que uma lebre em pastel esconde-se dentro, uma suculenta iguaria, onde brancos filetes de toucinho atravessam a carne morena da caça, misturada de carne picada. Um belo quadrado de queijo da Suíça, embrulhado num jornal, trazia impresso: “Fatos diversos”, sobre a massa oleosa.

As duas irmãs de caridade desembrolharam uma roda de salsichas, que recendiam; e Cornudet, mergulhando as duas mãos ao mesmo tempo nos vastos bolsos do seu paletó saco, tirou, de um, quatro ovos cozidos e, de outro, uma ponta de pão. Descascou os ovos, atirou as cascas sobre a palha no chão, e pôs-se a comê-los ao mesmo tempo, fazendo cair sobre a sua vasta barba pingos claros de gema, que na barba tinham estrelinhas.

Bola de Sebo, na pressa e no sobressalto de levantar-se, de tudo esquecera; e, sufocada de raiva e exasperada, olhava toda aquela gente que placidamente comia. Uma cólera tumultuosa sacudiu-a toda e ela abriu a boca para lhes reprovar o gesto com uma chuva de injúrias, que lhe subiam aos lábios; mas nem pôde falar, tanto a exasperação a estrangulava.

Ninguém olhava; ninguém se lembrava dela. Sentia-se afogada no desprezo dêsse honestos velhacos, que a tinham primeiro sacrificado e em seguida rejeitado como uma coisa suja e inútil. Lembrou-se então do seu grande cesto cheio de coisas boas, que eles haviam gulosamente devorado; dos seus dois frangos brilhantes de gordura, dos seus pasteis, das suas peras, das suas quatro garrafas de vinho; e o seu furor subitamente rompeu, como uma corda muito esticada que estala, e ela sentiu-se prestes a chorar. Fez esforços terríveis, empertigou-se, engoliu os soluços como o fazem as crianças, mas o pranto subia, brilhava nas suas pálpebras; e logo duas grandes lágrimas, des-

taçando-se dos olhos, lentamente rolaram pelas suas faces. E outras depressa as seguiram, mais rápidas, correndo como água sobre pedra, e tombavam regularmente sobre a curva arredondada do seu peito. E ela, na esperança de que não a vissem chorar, permanecia emperdigada, o olhar fixo, o rosto rígido e pálido.

Mas a condessa percebeu-lhe o choro e com um sinal preveniu o seu marido. Este levantou as espáduas, como para dizer: “Que quereis? Não é por falta minha”. A senhora Loiseau teve um sorriso mudo de triunfo e murmurou: “Ela chora a sua vergonha”.

As duas irmãs de caridade tinham-se posto novamente a rezar, depois de terem enrolado no papel o resto de suas salsichas.

E então Cornudet, que digerira os seus ovos, estendeu as suas compridas pernas sobre a banquetta da frente, cruzou os braços, sorriu como quem acabasse de lembrar-se de uma boa farça e pôs-se a assobiar a Marselhesa.

Todos os rostos se assombream. Aquele canto popular seguramente não agradava aos seus companheiros e eles se tornaram nervosos, agastados, e pareciam prestes a gritar como cães que ouvem um órgão bárbaro. Cornudet notou esse feito e não parou mais. E por vezes mesmo cantarolava as palavras:

Oh, sagrado e fecundo amor da pátria,
Sustenta nossos braços vingadores!

Oh, liberdade, idéia estremecida,
Combate com teus bravos defensores!

Estando a neve mais dura, fugia-se mais depressa; e até Diepe, durante as longas horas sombrias da viagem, através dos solavancos do caminho, pela noite que tombava, e depois na escuridão profunda do veículo, ele continuou, com feroz obstinação, o seu assobio vingador e monótono, constringendo os espíritos derreados e exasperados a seguir o canto de comêço ao fim e a recordar, sobre cada compasso, a palavra que lhe correspondia.

E Bola de Sebo continuava chorando; por vezes, um soluço, que ela não podia reter, passava entre duas coplas e perdia-se nas trevas da noite.

A Conquista da Britânia...

contada em
Linho Imaculado



Quando Guilherme da Normandia derrotou a poderosa Britânia na Batalha de Hastings em 1066, a sua grande vitória foi inscrita por sua soberana, a Rainha Matilde, e suas damas de companhia em um pergaminho medindo mais de duzentos pés de comprimento. Somente o linho - imaculado linho - poderia perpetuar a glória do seu grande feito... e assim cerca de mil anos mais tarde... esta famosa peça de tapeçaria de Bayeux ainda pode ser admirada em todo o seu original esplendor. Os compradores bem avisados aguardam a chegada de novas remessas de Linho Irlandês, certos de que um rigoroso critério de perfeição é o legado mais precioso do Irish Linen Guild, razão porque dizemos com toda sinceridade

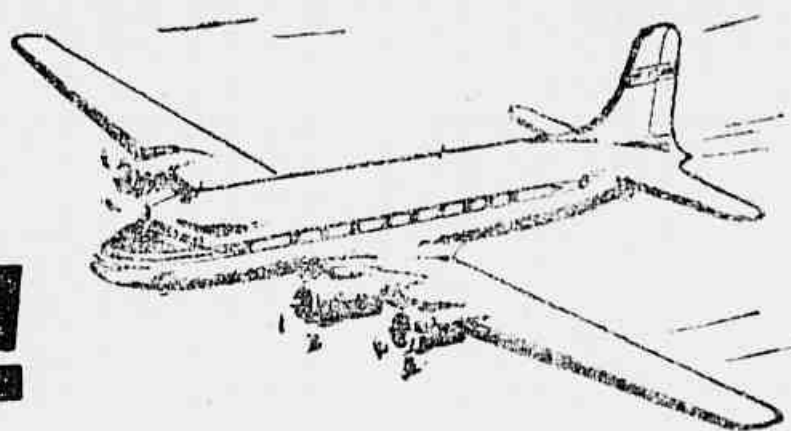
Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à Av. Rio Branco, 4-13.º - Tel. 23-2030

RIO DE JANEIRO
The Irish Linen Guild
BELFAST



Voe por Clipper ...é mais fácil!



★ "Depois que V. tiver desfrutado as vantagens e os inúmeros serviços que lhe são prestados a bordo de um Clipper da Pan American World Airways, então compreenderá por que gosto tanto de "pôr o passageiro à vontade... como se estivesse em casa!"



★ "Por exemplo: Noutro dia ouvi um homem de negócios exclamar: "Ah! isto é que é vida!" Assim dizendo, recostou-se nas almofadas e falou com verdadeiro encantamento: "Imagine... quasi sete quilômetros por minuto e, ainda assim, eu garanto que não estaria mais confortável em minha própria sala!"



★ "E imagine o orgulho que senti ao ouvir dizer: "Viajar com crianças por *Clipper* é muito mais cómodo. Alimentação especial — cuidado especial — atenção especial... Pois é! A aero-moça do Clipper até carregou o Joãozinho no colo como se fosse seu próprio filho!"



★ "Sim, peça a opinião de qualquer pessoa que tenha viajado pela Pan American e eles também lhe dirão: "Voe por Clipper — é mais fácil!" Para eles, Clipper é muito mais que uma simples palavra... é o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos."

Voe pela PAA... experiência sem PAR!

O serviço excepcional que é a tradição da PAA não se limita apenas ao conforto que proporciona aos seus passageiros; em colaboração com os governos dos países servidos por sua rede, a PAA também está levando avante a expansão e melhoramento das facilidades de terra — outro exemplo da liderança PAA — outra razão por que um número cada vez maior de pessoas exclama: "Voe por Clipper... é mais fácil!"

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



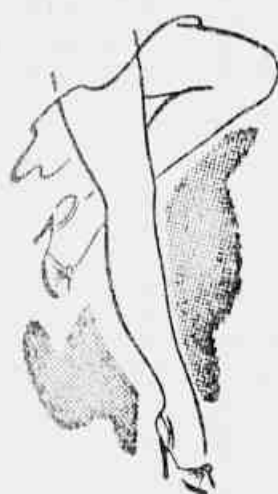
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antigua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica — Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao — Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway — Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia — Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana — República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam — Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucón (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.

As "pernas espirituais" de Mistinguett



Mistinguett, a famosa artista francesa, dizem, é a mulher das "pernas espirituais". Que seria de Mistinguett, entretanto, se em vez de pernas perfeitas e mode-

ladas tivesse pernas cheias de varizes? O Hemo-Virtus é um medicamento eficaz no combate às varizes. Com o uso de Hemo-Virtus, as pernas ficam livres do terrível mal. Hemo-Virtus, na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorróides, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorróides. Não encontrando nas farmácias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

Uma China contra uma vida

(Cont. da pág. 34)

afastou daquele amontoado de gente e foi caminhando em direção da venda. Ela sabia que lá nos fundos havia uma salinha pequena onde Aristides fizera o pessoal deixar as armas de fogo e os facões. Apressou o passo ao ouvir a gritaria forte que subia da cancha repleta de cavalos e gente.

No momento em que Chirú apeava do cavalo suado e recebia os abraços de todos, no mesmo momento em que ele pensava: — "Agora ela é minha!" ouviu-se o estampido forte de um tiro. Por instantes toda a gente emudeceu. Depois começaram a falar alto e a gesticular. Onde seria? Quem? Por que? e as perguntas se entrelaçavam no ar, iam e vinham com uma rapidez assombrosa, mas as respostas morriam sem serem articuladas.

Gaudério não ouviu nada. Ele estava pensando como é que iria fazer para não entregar sua china para aquele homem. Matá-lo? Não teria coragem de viver depois!

Foi quando chegou um rapazinho gritando, gritando desesperadamente. Por um tempo não se ouviu nada porque o barulho era demasiado, mas quando fizeram um pouco de silêncio, as palavras reboaram como um trovão e cada boca repetia num eco:

— A Rosarita se matou!

Ninguém mais viu o Gaudério depois disso, mas muita gente reconheceu o seu poncho e o seu lenço colorado que um tropeiro encontrou na beira do Ibirapuitã, rasgados, em mistura com as ervas e a galhadeira que a choba deixara ali na barranqueira.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A VIDA DE MOZART

(Cont. da pág. 27)

se-lhe apenas que continuasse celebrando o famoso até o fim dos seus dias. O mundo adorava os seus deuses e recusava-se a alimentá-los. Tal foi o destino de Mozart, o esfomeado Apolo da nova ópera alemã.

Ao "sucesso" da sua primeira ópera seguiu-se "sucesso" semelhante. As óndas de Figaro, baseada na história de O Barbeiro de Sevilha. Em Praga a audiência proporcionou ao compositor uma ovacão que ele nunca esqueceu. "Toda a gente vive a dançar, prazenteiramente, de som da música do meu Figaro, que se transformou em contradança e alemendas. Aqui não se fala em outra coisa senão no Figaro; não se toca, não se canta nem se escolhe outra coisa senão o Figaro; não se assiste a outra ópera senão ao Figaro. Sempre o Figaro".

E Mozart dançava também, enquanto

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glandulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLINICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 — 3º and., sala 33 — Urulândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

não o fizesse por prazer. Um amigo que foi visitá-lo certa manhã, encontrou-o a valsar desorientadamente em volta da sala. "Como vê", explicou ele com um sorriso acanhado, "esta é uma forma econômica de conservar o calor. Está fazendo um frio danado e não temos lenha".

A pobreza não era o único obstáculo contra o qual se via Mozart obrigado a lutar. Os musicistas invejosos de Viena principiam a bombardeá-lo com as setas envenenadas do vitupério. Reunidos, concertaram envenenar contra ele o espírito do imperador. "Meu caro Mozart",

dissera o imperador, "a sua música tem notas demais". Ao que Mozart obtemperara, "Tem exatamente as notas necessárias, Majestade".

Mozart, sem embargo, era um político muito fraco e um homem muito honesto para resistir com êxito a esse ataque secreto dos inimigos. Em vez de fazê-lo voltar a amargura do coração para a tragédia da música. E escreveu a sua melhor ópera até aquele momento, Don Giovanni. E a história de Don Giovanni, o jovem galã, herói de mil aventuras amorosas, que, nessa aventura, desmpanha

EXCELENTE!
Isto é que é um lanche!



Ah!... é um lanche com Malzbier da Brahma

De fato!... É sempre uma excelente sugestão a Malzbier da Brahma para acompanhar qualquer refeição! Além do seu delicioso sabor, Malzbier da Brahma completa e equilibra o seu almoço, lanche ou jantar. E sua presença à mesa torna-se ainda mais indispensável quando é para compensar a falta de um ou outro alimento. Por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é também a cerveja do lar. Aumente o prazer e o valor nutritivo das suas refeições com Malzbier da Brahma. Prove-a... ah!... como é saborosa!





A VITÓRIA DOS CLÁSSICOS

EMBORA haja ainda bastante escassez nos fornecimentos de matéria prima — diz Pierre de Rohan em crônica publicada recentemente na revista PIC — e que tenha sido muito pequena a fabricação de vitrolas para substituírem os milhões daquelas que se degastaram durante a guerra, a produção e venda de discos verificadas em 1946, nos Estados Unidos, atingiu a casa dos 190 milhões. E como se estima em 90% a percentagem das vendas de rádio-vitrolas, quando em 1941 a mesma foi inferior a 35%, é óbvio que a procura de discos conduziu a sua produção a um record ainda mais elevado neste e nos anos vindouros. Um outro fator importante a considerar é que em lugar de Cole Porter ou de Jelly Roll Morton, os discos mais vendidos nestes últimos tempos constituem o álbum que encerra a "Quinta Sinfonia", de Beethoven, seguido pela suite "Quebra Nozes", de Tchaikowsky. E qual teria sido o disco avulso mais vendido? "Stardust"? "Jersey Bounce"? A resposta foi dada pelos próprios fabricantes: "O Danúbio Azul", de Johan Strass. Bem, isto é uma situação existente nos Estados Unidos; entretanto, se realizássemos um inquérito semelhante entre nós, quanta surpresa haveríamos de ter com o resultado final...

F. CORRÊA DA SILVA

FOR YOU, FOR ME, FOR EVER-MORE

Do filme da 20th: — SUA ALTEZA,
A SECRETÁRIA

Fox de Ira e George Gershwin

Paradise cannot refuse us,
Never such a happy pair!
Everybody must excuse us
If we walk on air.
All the shadows now will lose us,
Lucky stars are ev'rywhere.
As a happy being,
Here's what I'm foreseeing:

For you, for me, for evermore,
It's bound to be for evermore.
It's plain to see,
We found by finding each other,
The love we waited for.

I'm yours, you're mine and in our hearts
The happy ending starts.
What a lovely world this world will be,

With a world of love in store
For you, for me, for evermore!

MARIA LA — 6

Bolero de Ernesto Lecuena

Mulata infeliz tu vida realó
de risa y guarachas se ha roto el
bengó
que oías ayer temblando de amor
y con ilusión junto a un hombre
cruel
tu amor ya se fué de mi corazón
que hoy ya le aborrece porque mi
pasión

que hirió su trición
ya ten solo es sed
de verle alfin tendido a mis pies...

Maria la-ô, va no mas cantar...
Maria la-ô, hora és de llorar
y de recorder el tiempo feliz
de tus besos que fulgez ya voló...
Maria la-ô, todo se acobó...
Maria la-ô, tu amor ya se fué
y jamás é volverá...
Maria la-ô suena en morir...

MAM'SELLE

Do filme da 20th O FIO DA NAVALHA

Fox de Mack Gordon e Edmund
Goulding

A small café; Mam'selle...
Our rendez-vous, Mam'selle...
The vi-lins were warm and sweet
And so were you, Mam'selle...
And as the night drew by
A kiss became a sigh
Your lovely eyes seemed to sparkle

Just like wine does
No heart ever yearned the way
That mine does for you
And yet I know too well
Some day you'll say goodbye
Then violins will cry
And so will I,
Mam'selle!

MENTIRAS PIADOSAS

Tango de C. M. Marin e Nijenschn
e Pandolfi

No puedo suportar el peso,
de la limona de amor,
que con piedad me brindas solo
porque

se celme mi dolor.
Comprendo que es un imposible
querer hacer que tu amor
junto a mi le do en la vida
quede para mi, si mutilado estoy.

Llorando
por la piedad de tu amor yo voy
y cen mi cruz de dolor estoy
sufriendo
por todo lo que viví.
Llorando
por tus mentiras, mi corazón,
piensa que acaso terá mejor
morir
que soportar compasión.

Aquellas horas de ternura,
que junto a ti yo pasé
duraron lo que duró un sueño de
amor,

ya muerto para mi
Más no por eso he de aguantarte
la enorme humillación,
de tus mentiras piadosas
que para mi alma és agonía atroz.

MINHA MAGOA

Samba de Pernambuco e Mario Rossi

Minha magoa
É saude de e nada mais!
É a saude de que me mata
É a fonte dos meus risos...
Só não sabe o sentimento
Desta magoa
Quem nunca amou.
Quem passou na vida e não teve
amor

Não conheceu a saude de,
Nunca sentiu uma dor.

A saude traz
A desilusão:
E deixa uma dor
No coração.
Quando a gente ama,
É gostoso de verdade.
E eu que muito meei,
Só encontrei a saude del...

JOALHERIA SALGADO

JÓIAS E RELÓGIOS
OFICINA PRÓPRIA PARA
CONSERTOS DE JÓIAS E RE-
LÓGIOS

Manoel Salgado Joalheiro

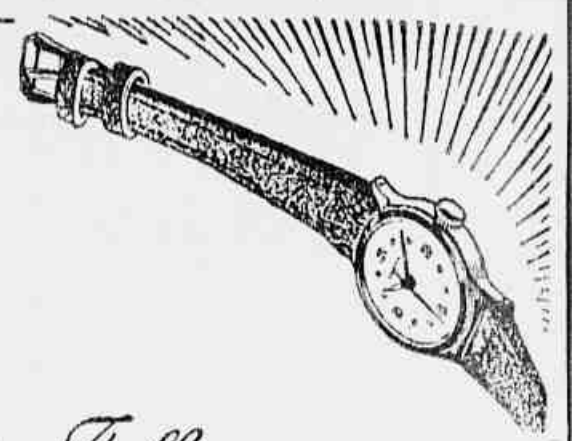
EXECUTAM-SE OBRAS DE OURI.

VESARIA COM PERFEIÇÃO

Rua Alvaro Alvim, 33/37

(Cinelândia)

Edifício Rex



a parte do vilão. A fim de poder fugir com a rapariga que ama, assassina-lhe o pai. Pouco depois, abandona-a e sai à procura de novas conquistas. Não lhe é possível, no entanto, fugir às consequências do seu ato. O passado embarga-lhe os passos. O homem que ele matou sai do túmulo e intima o aventureiro a suicidar-se à sua condenação. Tal é a tragédia do amante. E o compositor, também, era um amante que se encontrara com a tragédia — um homem que, embora não tivesse feito mal a ninguém, caminhava firmemente para a ruína. Sua música, sempre suave, jamais fôra impregnada de tão trágica doçura. A branca pureza do som pode ser tão horripante quão delicada. Nunca são as rosas brancas tão tristemente belas como quando cercam a morte. **Don Giovanni** é uma ópera da morte e da noite. A marcha do luar cobre uma alameda de ciprestes — tal é o fantasmagórico feitiço dessa música.

Quando foi da representação do **Don Giovanni** a orquestra saudou a chegada do compositor com um toque de trombetas como se fosse o próprio imperador. "Viva Mozart!" gritava a multidão. Ele sorriu ao agradecer os aplausos. "O que eles realmente querem dizer", refletiu com amargura, "é — **Morra de fome, Mozart!**"

A sua fama atingira o auge. O próprio imperador cedera, afinal, diante do sucesso tremendo dessa ópera. Estendeu a Wolfgang a mão da amizade e ofereceu-lhe um pequeno emprego na corte. Por deferência, porém, aos desejos dos outros músicos, fez com que o cargo não acarretasse grande responsabilidade nem muito prestígio. Nominadamente foi Mozart nomeado para o posto ocupado por Gluck antes da sua morte. Em realidade, contudo, deram-lhe um emprego de segunda ordem, com um tógo de ordenado normal.

Fraquejou-lhe o ânimo. Sabia muito bem que o imperador o aceitara por caridade, para não se trair diante do público. E foi obrigado a engolir em seco o seu orgulho e a aceitar a caridade alheia. Alguns espíritos mais finos protestaram contra a injúria. A muitas milhas de distância, na cidadezinha de Salzburg, um homem idoso acercara-se, o passo trêmulo, de Papai Mozart e sussurrara-lhe ao ouvido, com os olhos marejados de lágrimas: "Juro diante de Deus, juro pela minha honra, que seu filho é o maior compositor que já existiu!" Todavia, as palavras desse homenzinho não tinham peso para o mundo, pois ele não era imperador nem opulento prelado — era apenas Joseph Haydn, simples criado, como Mozart, aos olhos dos homens.

Era inverno no coração de Mozart. Deram-lhe o magro salário e aconselharam-no a ficar com o emprego. O novo "carro" era um golpe cruel. A única coisa que lhe permitia continuar era o seu respeito próprio.

Mesmo assim, não tardou muito em perder até o posto humilhante na corte. Com a morte do imperador, foi novamente abandonado "às suas sonatas e ao seu respeito próprio".

"Eu poderia andar pelas ruas de Viena como um mendigo", escreveu ao pai, "mas não devo. A minha roupa branca está em estado lastimável. Nenhum criado usa uma camisa de fazenda tão grosseira como as minhas — e isso, indubitavelmente, é uma coisa terrível para um homem dotado de orgulho. Bem, restam-lhe ainda as lições de música. "Presentemente tenho apenas um aluno". Poderia ter muito mais se estivesse disposto a diminuir o preço das aulas. Mas isso seria diminuir também a sua reputação. Recusou-se. "O meu preço são seis ducados por doze aulas; friso, além disso, que se dou lições a esse preço, faço-o por favor. A gente não deve baratear-se — este é o primeiro princípio — pois, caso contrário, estará perdido para sempre".

Ele parecia caminhar num penaflo. Tinha um jeito curioso de levar os dedos aos lábios para impor silêncio a quem quer que entrasse em sua casa. A esposa estava doente e fazia-se mister que ninguém levantasse a voz para não lhe perturbar o sono.

O marido passava a maior parte do tempo ao pé da cama, a compor a sua música, sempre alerta ao menor movimento da enferma. O fato de tomar conta da esposa não lhe interrompia a torrente da música. Compunha em qualquer lugar. Antes de escrever uma única nota já trazia a partitura toda delineada na cabeça. Não transcrevera, acaso, de memória, a abertura inteira do **Don Giovanni** na noite anterior à representação da ópera, escrevendo-lhe a música ao passo que a mulher lhe contava divertidas histórias de fadas, tais como **Aladino** e a **lâmpada maravilhosa** e **A Gata Borralheira**? E quantas sinfonias e aberturas não escritas criara e aprimorara no espírito para o seu próprio prazer — notas que jamais viria a transcrever para um mundo que não o compreendia! Levantava-se todas as manhãs de ao pé da esposa enferma e saía para um curto passeio a cavalo, pois já lhe vacilavam as forças e os médicos haviam recomendado que ele tomasse ar puro. Antes de sair, porém, pegava com um alfinete, um rocadinho no transeiro da mulher: "Bom dia, mulherzinha!"

Corta os resfriados

Instantina



Alivia as dores

querida. Espero que tenhas dormido bem e que não tenhas sido incomodada. Toma cuidado para não apanhares um resfriado... Não me demoro; estarei de volta à hora certa".

A esposa restabeleceu-se, mas estava ainda muito fraca. Mozart precisava desesperadamente de dinheiro. Implorou a Leopold, o novo imperador, que o contratasse como instrutor dos príncipeszinhos, "em razão da pequena fama que me concede o mundo pela minha habilidade ao piano". Não recebeu sequer a cortesia de uma resposta. Voltou-se com redobrado vigor para as aulas de música. "Tenho agora dois alunos", escreveu a um amigo. "Gostaria de elevar-lhes o número a oito". E acrescentou, humilde, "Por favor, procure espalhar por aí que estou dando lições, sim?"

Ao saber que o imperador se aparelhava para fazer uma viagem a Frankfurt, para a coroação, determinou-se a acompanhá-lo e a tocar em público "por uns poucos florins". Como, no entanto, somente aos músicos da corte era permitido seguir no comboio do imperador sem pagar, viu-se Mozart obrigado a prover as despesas da viagem empenhando os seus artigos de prata. O hotel e as contas dos restaurantes acabaram-lhe com o dinheiro e, ao término da sua estada em Frankfurt, viu-se com a bolsa vazia. Hipotecou-se a um agiota por mil florins. De Frankfurt foi a Mainz, onde não teve melhor sorte. Pediu mais dinheiro emprestado. Escreveu com toda a franqueza à mulher acerca dessas transações. "... Como você vê, estou mais uma vez sem nada... Cherei muito enquanto lhe escrevia esta longa carta... Mas agora já não me acaninha a tristeza. Levante as mãos mulherzinha — um sem-número de beijos esvoaçam em torno da sua cabeça". Seria, acaso, falta de tino comercial da parte dele entregar-se aos agiotes? Anos atrás exprobrara-lhe o pai inabilidade para os negócios. "Como poderia eu ter aprendido a dar valor ao dinheiro, se nunca tive o suficiente nas mãos?... Ah, minha excelente e muito amada mulherzinha, você verá. hei-de ainda lográ-los a todos!" Que marido infantil, travesso, cuidadoso, falto de senso prático e terno "Se eu lhe contasse todas as coisas que faço com o seu retrato minha doce mulherzinha, você cairia na risada. Quando, por exemplo, eu o tiro da prisão em que vive, digo: "Deus te abençoe, Stanzerl, Deus te abençoe, patifinha — *Fräulein*! — Nariquido — Bagatelazinha! E quando o coloco de novo onde estava deixo-o escorregar devagarzinho... e digo: "...Boa noite, ratinho, durma bem!" Querida mulherzinha, tenho uma porção de pedidos que fazer a você. Primeiro, peço-lhe que não fique triste; segundo, que tome cuidado da saúde e não se fie muito de ar da primavera..."

Em breve retornou a Viena. Escreveu aos magistrados da cidade solicitando-lhes, uma vez que "os meus talentos como músico são reconhecidos e o meu nome lido em certa estima", que provessem nele o cargo de "humilde assistente de Chantre Hoffman na Igreja de Santo Estêvão". Os magistrados ficaram estupefatos diante de tão modesta petição. Nomearam-no imediatamente para o cargo — como empenhado honorário, sem ordenado.

Mozart esmorecia lentamente. Principiaram a povoar-lhe o espírito visões sombrias, e funéreas pensamentos a obcecá-lo. "A morte é a única meta na vida que vale a pena. É um amigo verdadeiro e dedicado". Juntou-se aos Pedreiros Livres não só por amor dos seus ideais humanitários de auto-sacrifício, como também pela sua fé inquebrantável na santidade da morte.

se preocupe", acudiu o grande empresário, "não fracassaremos". Schikaneder era o P. T. Barnum de Viena, e a sua ambição chegava até às estrelas. Para ter a certeza de que Mozart não "procuraria à custa do trabalho, edificou-lhe um pavilhão no pátio do teatro e exigiu que lá vivesse o compositor até terminar a partitura. Encheu de vinho a cabeça de Mozart e de lisonjas os seus ouvidos. "Sim, meu amigo, você triunfará, por fim, depois de tãda uma existência de paciente sofrimento. Esta é uma ópera de fadas, *A Flauta Mágica*, e trata da fascinante Rainha da Noite. A noite estranha e mística, que apaga o resplendor do sol e abraça a febre do dia. Ela desce numa branda chuva remoinhosa de sussurros — sussurros e sonhos, e ergue a cabeça inclinada sobre o ilso travesseiro da mortalidade, para a visão do infinito. Não poderá mais, meu amigo... Por que tremer diante da noite? Vamos, Mozart, você é a única pessoa que não deve temê-la. Compenha a sua música para a noite. Entregue-lhe as sombras com a sua magia tonal. Vamos, vamos, meu amigo, você é a noite!"

E Mozart, enfeitado pelas lisonjas de Schikaneder e aprisionado em seu pavilhão, perdeu o que lhe restava de forças na música de *A Flauta Mágica*.

Trajando negros côres surgiu diante de Mozart um estranho que lhe entregou uma encomenda selada. Requeria-se do compositor que escrevesse um *Réquiem* — uma missa para os mortos. A quem devia ele a encomenda? O estranho recusou-se a divulgá-la. De feito, rico musicista amador, vaidoso fidalgo que tinha por costume encomendar a grandes compositores as músicas que ele assinava com o próprio nome, ordenara a um criado seu que encarregasse Mozart de escrever uma missa para a sua finada esposa. Não queria, entretanto, que se lhe revelasse a identidade. Mozart, sentia-se realmente possuído de curiosidade. Para quem tinha de ser escrita a missa? Não recebia resposta para essa pergunta, se bem o criado de traje cinzento surgisse periodicamente e lhe ordenasse, com voz profunda e misteriosa, que continuasse a trabalhar para os mortos. Mozart, contudo, descurou do *Réquiem* durante os meses em que esteve empenhado na feitura de *A Flauta Mágica*.

Terminada a ópera, transformou-se esta em instantâneo sucesso. E ao passo que Mozart trabalhava no *Réquiem* com religioso fervor, *A Flauta Mágica* era representada duzentas vezes consecutivas em teatros à cunha — recorde esse que deixava longe quanto até então se conhecia na história dos entretenimentos. Nunca, entretanto, chegaram aos bolsos de Mozart os lucros desse enorme sucesso. Encheram, pelo contrário, até o cantivo derradeiro, os do astuto Schikaneder que, em resultado do seu êxito nessa aventura, erigiu uma estátua em sua própria honra, sorrindo radiante e protetoramente para Mozart que "apenas o auxiliara" com a sua música.

Mas que montava isso? Entibiara-se a energia de Mozart. Sentado em silêncio, com uma nuvem diante dos olhos, escrevia as notas para o seu *Réquiem*. A mesa já não podia cortar com as próprias mãos o seu pedaço de carne. Já não se mostrava interessado quando a esposa lhe recordava que o mundo musical reconhecia, finalmente, a existência de um grande compositor em seu meio e que o conforto e a segurança não tardariam. A nobreza húngara oferecera-lhe uma pensão anual que montava a mil florins. Círculos opulentos da Inglaterra haviam-lhe solicitado oficialmente que fôsse morar lá. Oferta semelhante fôra-lhe feita pelo povo da Holanda. Mas, que importava então tudo isso?

Era-lhe forçoso partir, agora que o tráfego estava garantido. Ele conhecera, afinal, a identidade da pessoa para quem cumpunha o seu *Réquiem*. A resposta acudira-lhe durante a noite. "Estou o compo-
ndo para mim mesmo!" Que necessidade tinha de ouvir os aplausos dos vivos quando já lhe soavam aos ouvidos os aplausos da legião dos mortos? Aclamavam-no com murmúrios espaciais. "Pravo, Maestro! Viva il Maestro!" Batiam palmas com as mãos esquálidas e pediam-lhe. "Bis!"

Jazia pálido. Não era a palidez do sofrimento, senão da paz. Uma febre derallhe cabo da existência aos trinta e cinco anos. O *Réquiem* não fora terminado. Deixava de seu, bens terrenos no valor de oito libras.

Konstanze fôra colocada sob os cuidados de um médico. Poucos dias após o entôro, encaminhara-se furtivamente para o cemitério. Procurou, com passo vacilante, a sepultura do marido. Não encontrou um indicio sequer. Topou, por acaso, com a chaga do zelador. "O senhor poderá me dizer", perguntou com a voz trêmula, "onde foi enterrado meu marido? Chamava-se Mozart".

— "Mozart?" repetiu o zelador. "Nunca ouvi falar nesse nome".

HELEN, O DUQUE E O...

(Cont. da pág. 29)

seus bombons, seus doces de confeitaria que chegavam todos os dias em bonitas caixas, ainda quentes do forno. Serei assim, ou então como uma outra que criava canários. Também pode ser que um dia dê para gostar de gatos e cachorros. Minha desgraça me parece irremediável. Não encontro mais nada dentro de mim. Parece que sequei. Se Helen parar bruscamente diante da minha mesa e me disser, — como vai? — sou capaz de chorar e dizer que sou uma desgraçada.

Helen volta. Ela mesma quem me traz o bife e agora verifica que está soleno.

Estica na minha frente um pedaço de papel. "Chegarei hoje".

Ficamos rindo uma para a outra. Telegrama de Joe que estava no exército há tanto tempo e que andava matando Helen de saudade. Começamos a rir e Helen me diz:

— O trem chega às nove. Foi desiludido do exército e vai ficar por aqui, tomando conta disto.

Começo a cortar o bife e, sem querer, minha língua se solta.

— Creio que vou pegar o "Carnegie Hall" para um concerto. De amanhã em diante não abandonarei mais o piano...

Os olhos de Helen se dilatam. Al. Santinha! Al Duque! Al meu Deus do céu...

MARIANA

(Cont. da pág. 15)

apesar da presença constante do doutorando, alguém que lhe seguia os passos de longe, enclumado e vigilante, interpôs-se, célere como um tigre, entre ela e a porta do lupanar.

Ih! frágil coração humano, quanta vez és grande!

Depois, foi o retraimento, o desinteresse social pelo fato. Um romance que se transformava num drama pessoal sob a mortalha do tempo...

Mais de um lustro Mariana ali estava agora, a alguns passos de mim. Ela mesma? Não, uma sombra da linda morena da farmácia. Tinha uma criança pela dextra. Seus olhos muito grandes pareciam-me chumbados no retrato de um homem, ao centro de um cartaz de propaganda eleitoral. Impressionante sua perplexidade!

Em dado momento, a criança sentiu-lhe o olhar. Viu o retrato e, esboçando um sorriso inocente, não se conteve:

— Que moço bonito, mamãe! Quem é ele?

Como se voltasse, inopinadamente, do sonho à pesada realidade, Mariana avançou por entre os transeuntes.

— Quem é aquele moço, mamãe? repetiu a criança.

Mariana caminhou mais depressa e nós ficamos a ouvir o eco do seu pensamento, murmurando num soluço:

— É teu pai, minha filha...

MME. ZULEIDA GUERRA PARTEIRA

Diplmada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 24-0430

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

NÃO OUVES BEM POR CAUSA DO CATARRO?

EXPERIMENTE ESTE
REMÉDIO

Se V. S. sofre de aturdimento cataral ou de zumbidos nos ouvidos, ou se o catarro obstrói a parte posterior da sua garganta, certamente se alegrará ao saber que essa tão aborrecida afecção desaparece prontamente com o simples tratamento, durante alguns dias, de PARMINT, o qual poderá adquirir em qualquer farmácia ou drogaria.

Nota-se uma grande melhora logo no primeiro dia. A respiração se torna mais fácil e desaparecem, gradualmente, os zumbidos dos ouvidos, a dor de cabeça, a senolência e a obstrução nasal.

A perda do olfato e do paladar, a dificuldade de ouvir e o desprendimento do muco nasal na garganta são outros sintomas que indicam a presença de catarro, o qual deve-se combater com o tratamento de PARMINT.

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as co-tradições provocadas por uma dentadura postica. Trouxemos a FIXO-DENT, um novo pó para polir as dentaduras posticas, produzidas com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensações pegajosas. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "carió de denta-ura postica". Prefira o hábito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:

ODO TO OGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114, 1. - Rio de Janeiro



O Brasil acaba de representar-se no Congresso de Arquitetura e Urbanismo, que se realizou na Europa, por um arquiteto técnico; o engenheiro Ulysses Rodrigues Hellmeister, chefe da Engenharia do Instituto dos Comerciantes, que, nas cidades de Milão, Paris e Grenoble, e nos centros mais adiantados de Portugal, Espanha, Inglaterra e Holanda, divulgou notáveis idéias e realizações próprias sobre o magno problema da habitação popular, de que é insigne propugnador, e verificou o desvelo com que ali se tratava tão momentoso assunto. De volta ao Brasil, onde chegou dia 8 de Julho, pelo avião da Panair, "Constellation", tendo recebido expressivas manifestações de amigos, colegas e admiradores, o dr. Hellmeister prosseguirá os trabalhos importantes que realiza no I.A.P.C., a que já deu, entre outros, os de erecção dos grandes conjuntos residenciais do Distrito Federal, São Paulo, Recife e Porto Alegre, inclusive as obras grandiosas do edifício-sede, nesta capital. Além da recepção efusiva, no Aeroporto, de que damos o "cliché" que ilustra esta notícia, o dr. Hellmeister foi alvo de homenagem justa e eloquente, num almoço de regozijo pelo brilho de sua missão, — o qual lhe foi oferecido no sábado, 12 de Julho, pelo funcionalismo do I.A.P.C.

A CADEIA MAIS FANTÁSTICA DO MUNDO

(Cont. da pág. 33)

É um espetáculo em que os presos são os atores e o público em geral, vindo até de cidades vizinhas, os espectadores. Os encarregados da Penitenciária, certos do papel altamente educativo proporcionado por essas demonstrações, tem-no como a base do sistema de reabilitação dos prisioneiros, sem qualquer onus para o Estado. Com o produto da renda do "rodeo" os prisioneiros compram livros, filmes, apetrechos de esporte, óculos, binóculos, revistas, jornais, instrumentos manuais e matéria prima para manufatura de seus trabalhos. Tudo quanto é apurado com a venda de ingressos, deduzidas as despesas, é depositado numa conta que constitui o fundo geral da Penitenciária. Quanto ao produto do trabalho manufaturado pelos artífices prisioneiros, durante suas horas de folga, pertence ao próprio prisioneiro. E os produtos manufaturados compreendem objetos de adorno, encadernações, trabalhos em couro, etc.

Embora a alegria manifestada pelos condenados durante o dia do "rodeo", não deixa de causar uma impressão desagradável a forte rede de arame que separa os espectadores da arena. Acrescente-se a tudo isso a presença de guardas armados em todos os pontos e, ainda os famosos "rangers" do Texas, de fuzil em punho, prontos a entrar em ação a qualquer movimento suspeito. Todo esse aparato, no entanto, até agora tem provado ser inútil.

Na arena, os prisioneiros executam todas as façanhas próprias de um "rodeo" tais como corridas, montada de cavalos bravos, saltos, etc. Nestas páginas apresentamos alguns aspectos da última temporada do "rodeo" realizado na já famosa prisão de Huntsville.

Orgulho

(Cont. da pág. 47)

— Como estou ficando desastrado! Não, Paulo, não tenho nada, é impressão tua.

O jogo continuou, Rogério esforçando-se por demonstrar uma despreocupação que o amigo sentia fictícia e desajeitada. Rogério era mau ator, principalmente em pre-

sença de Paulo, que lia sempre em sua alma como num livro aberto.

Eis porque um vinco profundo cavou-se-lhe na testa e a dúvida começou a boiar nos seus olhos muito azuis, tão azuis que pareciam feitos de esmalte.

★

Os dias continuavam a passar... E a vida a correr, a correr, estranha e indiferente...

Paulo notava cada vez mais acentuada a sombra no fundo das pupilas do amigo e, à sua aguda percepção, ressaltavam detalhes em seus gestos, em seu modo de ser, que mais e mais o preocupavam.

Mas Rogério fugia sempre às suas perguntas:

— Ora, Paulo, não seas tolo... Então, se eu tivesse alguma coisa, não diria a ti, que és o meu melhor, o meu único amigo?

★

Até que aconteceu o inesperado, o monstruoso, aquilo que ninguém jamais poderia conceber.

Rogério estourou os miolos com uma bala de revólver, numa tarde quente de setembro, bonita, luminosa, quando toda a natureza era um convite à alegria e ao amor.

★

No grande cemitério entravam as primeiras sombras do crepúsculo.

Todos já tinham ido embora, depois de devolvido à terra o corpo daquele que em vida tinha sido o belo, o inquietante, o amado Rogério Pinheiro.

Flores frescas ostentavam-se em cima do túmulo recém-aberto, sob o qual em breve estaria sendo comido pelos vermes aquele corpo há pouco estuante de vida e mocidade.

Ajoelhado diante dele, Paulo, de cabeça enterrada nas mãos, parecia rezar. Ficou assim longos momentos, até que erqueu a loura cabeça, sobre a qual brincou um raio de sol.

— Rogério! chamou êle, baixinho. Ouves-me, Rogério? Aqui estou, para a última despedida, meu bom, meu querido amigo. E vim para dizer-te também que não tenhas medo, pois o teu segredo morrerá comigo.

Tirou do bolso uma carta, que parecia ter sido amarrada por dedos nervosos. Seus olhos, cheios de lágrimas, leram a custo as linhas que o amigo lhe escrevera antes de morrer:

"Paulo, meu irmão:

Não te espantes, procura ouvir-me com essa paz de coração que é tão tua e tantas vezes me auxiliou na vida. Ouve o mais espantoso que, eu sei, teu espírito poderia imaginar. Vou matar-me, Paulo. Enquanto te escrevo, tenho ao meu lado o revólver que porá fim ao sofrimento que se tornou maior que meu poder de resignação.

Não te assombres demasiado, não tentes correr em meu auxílio, pois será tarde. Já terei partido deste mundo, que não me dáigo, por que me deu duas coisas que fizeram minha completa felicidade: o amor e a mais legal e mais forte de todas as amizades.

E é para essa amizade, jamais desmentida, que eu apelo ainda. Olha por Marta, protege-a, não a deixes sucumbir à dor. Tenta serená-la, incutir-lhe no espírito um motivo plausível para o meu suicídio, um motivo que não a deixe lembrar-se com horror nem compaixão do homem que tanto amou.

Essa razão, só tu a saberás e exijo teu juramento de que jamais a transmitirás a alguém.

E agora ouve-me, Paulo: suicido-me porque estou ficando louco, sinto que estou ficando louco. O raciocínio vai me fugindo como uma coisa escorregadia nos fôcos por entre os dedos, sem que consigamos retê-la.

Há muito tempo já que venho notando isso. A princípio eram vagos indícios, que se foram acentuando cada vez mais, fazendo-me muitas vezes correr de ti e de Marta, no medo de cometer um desatino.

Não me chames covarde, pois tentei tratar-me. Consulte um médico, especialista de grande fama, que não me conhece, a quem dei um nome trocado, para que não pudesse nunca referir-se ao meu drama.

Perguntou-me os sintomas, tentou animar-me, dizendo que tudo podia não passar de simples nervosismo. Indagou também se havia algum caso de loucura em minha família. Procurei então investigar e descobri que meu tio, irmão mais velho de meu pai, morreu completamente doido, tentando estrangular a mulher e os dois filhinhos, escândalo que nossa família naturalmente abafou tão bem que só agora, por um acaso, vim a sabê-lo.

Já vês, meu amigo, que é hereditário e incurável. Desapareço antes que desapareça em mim o último vestígio da razão, obrigando-me, quem sabe?, a cometer um desatino contra ti ou contra Marta, os dois seres que mais amo na vida.

Não me lamente, pois fui muito feliz, possuindo mais dedicado dos amigos e a mais deliciosa das mulheres. Peço-te apenas segredo sobre o doloroso motivo que me levou a tal extremo.

Sou orgulhoso demais para admitir que alguém se refira a mim com compaixão.

Olha por Marta, peço-te mais uma vez. Ensina-a a não odiar a existência, que ainda pode lhe dar a felicidade, uma vez saída dessa tragédia em que sem queres envolver.

Adeus. Até do outro lado, onde te esperarei.

Rogério."

Quando acabou de ler, as lágrimas desciam uma a uma dos olhos de Paulo. Ele não se envergonhou e nem tentou enxugá-las.

Tirou uma caixa de fósforos do bolso, riscou um atendo fogo à missiva, que deixou consumir entre seus dedos, até que os teve chamuscados. Largou-a, então transformada em cinza, que tombou sobre as flores.

Ajoelhou-se mais uma vez, murmurando:

— Cumpro o prometido, Rogério... Ninguém, além de Deus, tu e eu, saberá. Adeus, meu grande, meu último, meu querido amigo.

Beijou a terra sob a qual repousava o corpo e saiu do cemitério, curvado como um velho, o cabelo louro do menino esvoaçando à brisa da tarde, da tarde que era tão bela, tão fresca, tão pura, que parecia zombar do homem e de todas as suas estúpidas tragédias.

LUTA PELA BELEZA

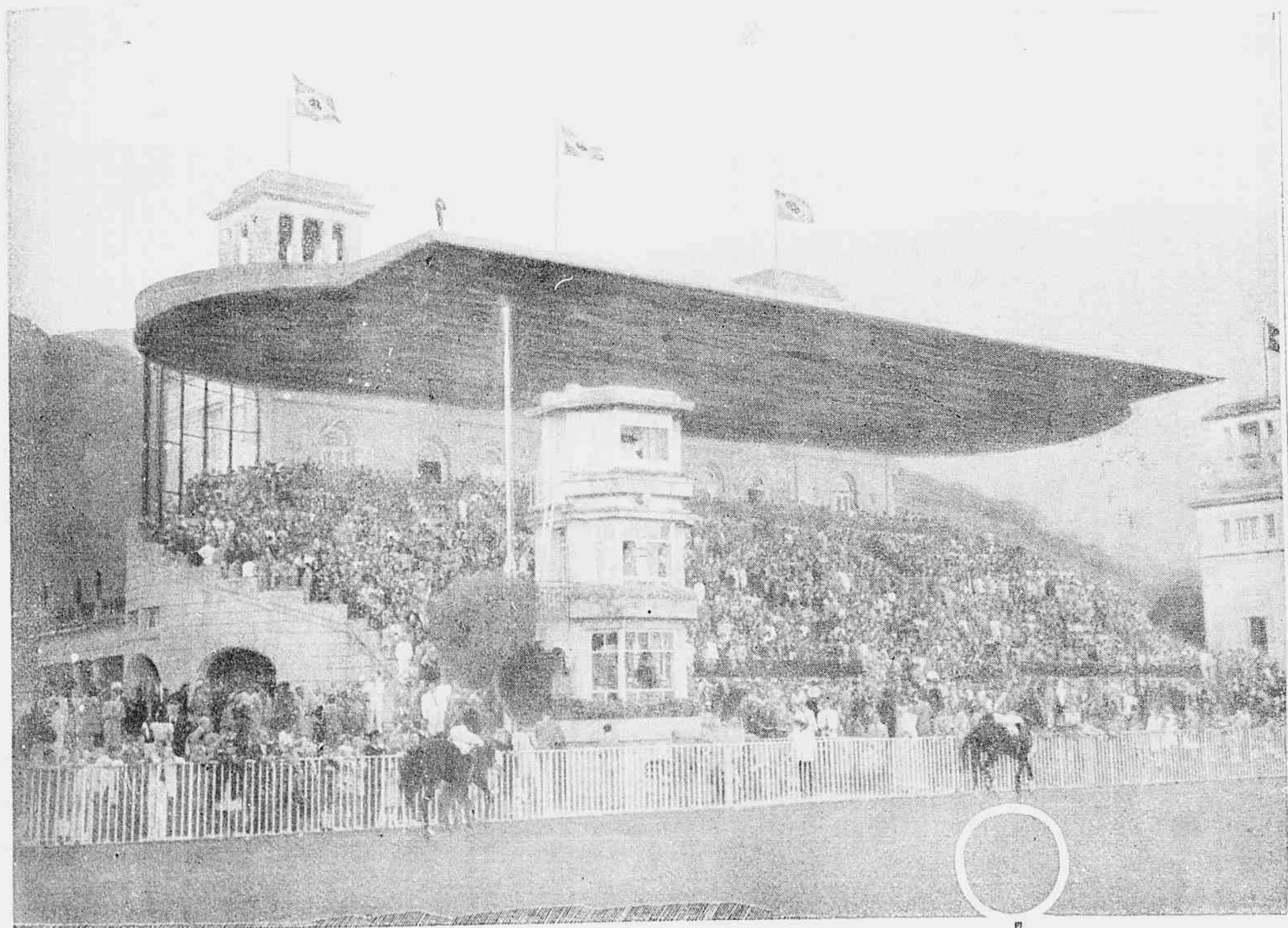
Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a toda sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir esse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc! Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações, que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acordo com a natureza deles: REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nas regras abundantes, hemorroidais e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem REGULADOR XA-VI-ER.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

3 de Agosto de 1947

Grande Premio Brasil

no Hipodromo Brasileiro



1.000.000

**DE
CRUZEIROS**



L
CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz